



*Prosa que ensina,
vida que inspira*

Prefácio

Escrever é um ato de coragem e de sonho. É olhar para a própria vida e transformá-la em palavras que ganham o mundo. Cada texto desta coletânea abre espaço para histórias de superação, afeto e recomeço.

Prosa que ensina, vida que inspira nasce do coração da Educação de Jovens e Adultos de Cotia e revela a força de quem acredita que aprender é possível em qualquer tempo da vida. Aqui estão vozes que encontraram na escrita uma forma de afirmar sua capacidade, mostrando que nunca é tarde para recomeçar e descobrir-se autor da própria história.

A EJA de Cotia é um espaço onde conhecimento e afeto caminham juntos, onde o respeito sustenta o aprendizado e cada pessoa é reconhecida por sua trajetória e sua vontade de seguir adiante.

Esta obra homenageia todos os que acreditam que nunca é tarde para aprender. Que ela inspire outros a escrever, sonhar e continuar caminhando, porque toda história merece ser celebrada.

Com carinho e admiração,

Ana Paula dos Santos

Secretária Municipal da Educação de Cotia

Mensagem Institucional

Esta obra, construída com sensibilidade e dedicação pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), representa muito mais do que um registro de aprendizagens: é a expressão de trajetórias de vida, superação e do direito à educação ao longo de toda a vida.

Sua realização reflete o compromisso permanente com a valorização da EJA, reconhecendo-a como uma política pública essencial para a inclusão, a equidade e a transformação social.

A publicação conta com o apoio da Prefeitura de Cotia, na gestão do Prefeito Welington Aparecido Alfredo, do Vice-Prefeito Paulinho Lenha e da Secretária Municipal de Educação, Ana Paula dos Santos, reafirmando o compromisso institucional com uma educação pública de qualidade, que acolhe, respeita e potencializa as histórias e os saberes de cada estudante.

A borboleta

A borboleta leve

Dança no ar

Fico parada. Só a olhar

Entre flores e vento suave

Adoro a paisagem

Onde seu mundo

Colorido está

Evani Ribeiro de Sousa

Tenho uma luta muito grande

Tenho uma luta muito grande
Na minha vida. Trabalho bastante,
Cuido da casa e pago as contas.
Nos finais de semana, quando dá,
Vou passear. Gosto muito de viajar.
Minha família. Minha vida.
Nunca dependi dos outros para sobreviver;
Sempre dependi da minha pessoa.
Eu vivo o hoje, porque o amanhã
Pertence a Deus.

Josina dos Santos Carvalho

Minha vida é uma luta

Minha vida é uma luta
E como eu sempre trabalhei
Para criar os meus filhos
Sim, foi uma luta
E mesmo com luta
Eles vieram a crescer

Depois venci mais uma luta:
Com o passar do tempo
Vim a perder 4 filhos...
Não entendo por que lutamos pra
Criá-los e perdê-los na vida.
Por que nascer
Se vamos morrer
Nessa coisa
Chamada vida?

Maria Lindaura Pereira dos Santos

A Alegria de viver

Meu nome é Daiane Charlene da Silva,
No meu coração a felicidade brilha.
Gosto de brincar, de correr, de dançar,
E com meus amigos sempre conversar.
Cuido da minha sobrinha com muito carinho,
E com meu sobrinho eu dou risadas pelo caminho.
Minha mãe e minha irmã me ajudam a crescer,
E com elas aprendo a cada amanhecer.
Estudar é meu sonho, minha luz, meu saber,
Com a professora Fábria eu aprendo a ler.
Cada letra é um passo, cada palavra, canção,
Que dança na minha mente e aquece meu coração.
Sou alegre, sou feliz, com vontade de ajudar,
Tudo que faço é amor que eu quero espalhar.
Brincar, estudar, cuidar, sonhar...
Essa é a minha vida, e eu quero dançar!

Dayane Charlene da Silva

Deixo amor, levo luz

Deixo o amor,
mesmo a quem lançou pedras em meu caminho.
Deixo o carinho,
aos que pensaram que o silêncio seria meu destino.

Ofereço um sorriso,
aos que regaram meu rosto com lágrimas.
Entrego o bem,
aos que feriram minha pele,
mas nunca alcançaram minha alma.

Sou mais do que a dor que me visitou.
Sou a lembrança acesa
que o tempo não consegue apagar.
Sou a chama escondida,
teimando em iluminar a escuridão.

E entre tantos espinhos,
carrego comigo a flor da esperança.
Sou força que se refaz,

sou coragem que insiste em viver.

Porque em mim habita
a música que deus soprou,
a fé que sustenta,
o amor que liberta,
a vida que sempre floresce.

Ricardo Lima Pereira Dos Santos

Minha Vida, Minha Força

Não pude ir à escola,
meu pai não me deixou,
mas a vontade de aprender
no meu coração sempre ficou.

Sofri muito na vida,
com meu pai e meu marido,
por vinte e dois anos suportei
um sofrimento dolorido.

Separei-me com coragem,
sozinha criei meus filhos,
noites de fome e de pranto
mas sempre com sonhos tranquilos.

Nunca me arrependi
do amor que dei a eles,
meus filhos, meu orgulho,
meus faróis mais fiéis.

Hoje tenho minha casa,
grande bênção que Deus me deu,
aprendo a ler e escrever,
o futuro agora é meu.

Minha vida foi difícil,
mas minha força é maior,
perseverança e fé
transformam dor em amor.

Judite Maria Rosa De Lima

Não tinha cabeça

Eu não estudei...

não por preguiça,

mas porque minha cabeça

não estava comigo.

Minha mãe me tirou da escola

como quem me arranca de um sonho

e me levou ao médico.

Lá, escutei palavras que cortam o peito:

“ela carrega dentro de si

a ideia de uma criança

de 4 anos e 9 meses.”

Era como se o tempo tivesse parado,

minha mente ainda correndo no quintal

enquanto o mundo

passava sem me esperar.

Meu corpo estava aqui

mas a cabeça...

a cabeça se escondia em dores silenciosas,

longe de olhos que pudessem ver.

E eu...
eu tentava existir
no espaço estreito
entre o que esperavam de mim
e aquilo que eu conseguia ser.

Ivone Aparecida Cordeiro Ramos Martins



Lutar pra Vencer!

Vim para São Paulo
Conquistar meu sonho,
Igual ao de tanta gente.

Queria a minha casa e meu carro,
Queria formar uma família,
Viver uma vida completa.

E a família maravilhosa eu formei:
Sempre caminhou comigo,
Me apoiou nas horas difíceis
E comemorou quando venci.

Preocupado com as dificuldades,
Fiquei assim muitas vezes.
Mas não desisti, não!
Se desiste, fica pior, né?

Foram muitas lutas,
E venci todas elas,

Graças a Deus

— e à minha família também.

Hoje sou melhor do que imaginei.

Sigo estudando e escrevendo,

Escrevo melhor, bem melhor.

Estudo pra não depender de ninguém,

E deixo para ter as pessoas por perto

Só quando é pra conviver bem!

Adauto de Jesus Alves

Meus Sapatos

Buscava uma imagem que pudesse me traduzir —
Algo que contasse sobre mim,
Sobre o caminho que venho traçando
Ao longo desses cinquenta anos de passos.

Encontrei.
Meus sapatos.

São tantos,
Que às vezes me pergunto por quê.
Mas basta lembrar —
Eles sempre estiveram comigo,
Marcando o compasso da mulher que me tornei.

Quando menina,
Usei sapatos ortopédicos.
Pesados, feios, necessários.
Meus pés, tortos e teimosos,
Me faziam cair mais do que andar.
Colecionei tombos,

E olhares de dó que me encolhiam.

Depois, vieram as sapatilhas de balé.

Delicadas, sonhadas.

Mas por dentro, doíam.

Calos, bolhas, e o silêncio das dores escondidas

Por trás de sorrisos e fitas.

Nem os aplausos suavizavam o incômodo.

Troquei as fitas pelos cadarços —

Tênis, quadra, movimento.

Quis ser atleta, vencer, competir.

Mas aprendi cedo

Que viver em grupo é mais bonito que ganhar.

E então, deixei de disputar —

Para apenas caminhar.

Vieram as rasteirinhas, os sapatinhos leves.

Com eles, a leveza da juventude,

A doçura das ilusões,

Os passos em tons de rosa.

Caminhei sonhadora,

Até que a vida adulta me calçou com saltos altos.

Scarpins, salto agulha —

Símbolos de poder e elegância.

Ganhei respeito, olhares curiosos,

E dores novas — nas pernas, na alma,

De quem anda sem saber ao certo para onde vai.

Foi então que encontrei meu verdadeiro chão:

A sala de aula, o mundo da educação.

Dessa vez, os sapatos vieram durante,

Não antes.

Eles me acompanharam

Enquanto eu me construía.

Aprendendo, ensinando,

Tornando firme o que antes era cambaleante.

Hoje, meus sapatos falam por mim.

Seu som ecoa — toc toc —

Anunciando presença, coragem, caminho.

Quem os ouve se aproxima ou se afasta,

Admira, acompanha, ou apenas observa.

Mas eu sigo —
Porque cada passo que dou
É aplauso do meu próprio destino.
E o som dos meus sapatos
É o som da mulher que eu sei
Onde vai chegar.

Professora
Andresa Luz Guimarães Ferré Serrano

Sonho

Mãe de três filhos maravilhosos

Casados

Hoje estou sozinha

Mas por 30 anos

Fui cuidada

E bem cuidada

Com muito amor

Agora estou atrás do meu sonho

Que é ler e escrever

Pra não depender de ninguém

Casa já tenho

Meus filhos estão bem

Agora é minha vez

Auda Maria De Araujo

Vontade de aprender

Eu não gosto de conversar muito não

Eu trabalho, tenho saber

Mas não fico de bate papo

Trabalhar, fazer doces isso eu sei

Tenho emprego de 34 anos

Eu que comando

Eu até me sentia difícil

Criei meus filhos

Eduquei todos

Passei por muitos médicos

Tomei muitos remédios

Cheguei até aqui com

Muitas perdas

E vim pra aqui com muita

Insistência

Aqui me sinto bem

Algumas vezes não fico tão bem

Mas tenho vontade de

Aprender as coisas

Inclusive a leitura

Cleuza Maria Dos Santos Silva

Vida e conquistas

Vida sofrida, grávida, morando de favor
Na casa da irmã
Barriga vazia, com vergonha de comer.
Caminhando fiz minha casinha
Minha irmã ajudou comprando blocos.
Depois veio uma geladeira, cama de casal
E fogão.
E, sem terminar, entrei pra dentro.
Hoje tenho apartamento e filha obediente.
Sou feliz com ela e nada me falta.

Dajilda Jesus Dos Santos

A vida continua

Eu penso que a vida, devido as lutas,
Como mãe e pai, isso me fez lutadora

Não tive infância
Minha infância era mesmo na roça
Tinha que espantar os passarinhos do arroz
Porque meu pai não queria que os passarinhos
Comessem nenhum grãozinho.
Eu me divertia fazendo isso.
Pra colher algodão,
Amarrava um saco na cintura e arrastava
Enchia, socava para pesar mais
Afinal, quanto mais pesado mais dinheiro fazia

Vida às vezes amargurada
A gente pensa que vai casar
E ser uma maravilha
Vida sofrida
É ver o marido nessa bebedeira
Mas cuido, não maltrato

Afinal juramento é como
Se fosse no papel

Mas a vida continua
E eu como uma rocha

Dolores Vitória De Souza

Meu nome, minha história

Edma, batalhadora

Adoro fazer bolo. Bolo de cenoura, para

Comer com minha amiga Auxiliadora.

Lembro até de luar para minha

Professora Luciana.

Bolo de cenoura com calda de

Chocolate.

Fiz um suco de fruta doce mais que

Suco mais saboroso e ele come com

Bolo no fim da tarde com o tio e

Os idosos.

Edma Pereira Santos



Estudar e melhorar

Voltei a estudar para depois fazer cursos
E assim conseguir um emprego melhor.
Curso de solda para soldar com oxigênio
Curso de operador de máquina
De retroescavadeira também é meu sonho
Já conquistei muito: casa, carro, terreno
Só falta o sonho do curso.

Edmilson Santino Miranda

Eu gosto é de mim!

Eu quero aprender,
Porque essa é a coisa mais importante:
Cuidar de alguém,
Falando bem!

De quinze anos pra cá
Eu aprendi foi muita coisa.
Custei a entender que só obedecia,
Mas era isso que eu queria.
Eu precisava mudar!

Eu chorava muito,
Sofria muito... Tudo era muito.
Mas, isso que eu passei
Foi para me fortalecer!

Voltei a frequentar a igreja,
E me senti melhor.
Passei a não me importar

Com o que os outros iam falar.

Hoje já importa mesmo:

O que está entre Deus e eu!

Agora já posso ajudar a pensar

E passar pelo pouco que venci,

Sem desistir.

Continuo a me vigiar,

Pois não preciso de nada pra me remontar.

Pois eu gosto da mulher que me tornei,

Gosto de tudo que eu conquistei.

Obrigada, Deus, pela professora

Que o Senhor preparou para me ensinar:

Eu só posso dizer, com gratidão —

Eu gosto é de mim!

Eliene de Jesus dos Santos Batista

Mudando para melhor

Primeiro era difícil.

Antes não sabia nada

Agora, que voltei a estudar

Estou mudando a vida para melhor

Aos poucos.

A escola me ajudou muito.

Temos que procurar o que é melhor

Sempre.

Geovano José De Sousa

Minha vida

Senhor eu confio na tua promessa
Sei que nada vai abalar minha fé
Minha vida está triste
Mas sei que o Senhor está no controle
Se eu for contar tudo que acontece
Vai dar um livro

Heloisa Helena de Oliveira

Meu Recomeço

Estou cuidando de mim,
Da tristeza, da solidão.
Resolvi olhar mais para dentro,
Resolvi passear mais, viajar,
Namorar um pouco,
Fazer mais amizades.

Antigamente, eu só servia aos outros,
E nada me valorizava.
Tudo para mim estava bom...
Hoje não faço mais isso!

Hoje faço ginástica,
Alongamentos, caminhada,
Saio para dançar com os amigos.
Hoje falo menos
E escuto mais.

Com os dois pés no chão,
Sei o que eu quero:

Com a missão cumprida
De ter criado os meus filhos,
Tive coragem de fazer a cirurgia.

Me recuperei,
E voltei a estudar,
A viver.

Jerusa Santos Miranda

Poema

Quando eu era mais nova, segui o caminho,
Na Bahia cheguei com marido e ninho.
Mas a vida trouxe espinhos cruéis,
Feridas profundas, lembranças fiéis.

Tratava-me mal, roubava-me a cor,
Até meus cabelos levou sem pudor.
Trocou-os por pinga, por vício e tormento,
E eu chorava em silêncio, no sofrimento.

Liguei para minha mãe, pedi proteção,
Na sua voz encontrei direção.
Mandou-me a passagem, me trouxe de volta,
Em São Paulo encontrei a porta.

E então recordei, na infância singela,
De risos, primos, da vida tão bela.
Cabreúva guardava minha brincadeira,
De bicicleta corria a tarde inteira.

Jessica Santos De Jesus

A vida ensina

A minha vida é uma grande lição
Porque aprendi muitas coisas
Ela é como um professor

A vida está sempre com
Altos e baixos
Não se faz só de vitória
A gente tem que acertar

O que é preciso é ser
Forte e sempre agradecer a deus
E nunca desistir
Continuar persistindo

As pessoas fortes nunca desistem

Joana Da Silva Rodrigues

No caminho me tornei

No caminho percorri
Me guiando estava Jesus andando
Eu no caminho de luz me segui
Jesus, perdida não fiquei com a
Fé me renovei a palavra me
Com Jesus eu fiquei o caminho
Era severo, mas com Jesus me encontrei

Vindo pra escola comecei a
Planejar um bolo de laranja
Pra com a turma merendar
Alegra o coração da professora
Luciana que tem tudo a concorda
Eita professora abençoada que
Só quer nos ajudar!

Joana Darc Alves Lima



Conquistas

Conquistei

Minha casa

Com muita luta

Devido as condições

Falta de verba.

Realizei através de mutirão

A família ajudando

Vizinhos, amigos.

Trabalhava muito

Dei estudos a meus filhos

E agora aqui estou

Tentando aprender alguma coisa.

Assim quero conquistar

Concluir meus estudos.

Josefa Maria Dos Santos

Jogomat

Um jogo bom de treinar
Ter experiência
Na esperança de ter mais

Pra trazer uma medalha
Já digo ouro pra não dizer prata

Pois a prática e a confiança

De trazer medalha pra Joaquim
Pra cotia

Juraci Viana De Souza

Família minha vida

Sou mineira de
Jenipapo de minas
Sempre trabalhei
Consegui imóveis
Com meu suor dos
Meus braços

Tudo que faço
Faço com amor
Minha vida é como
Um jornal

Tenho muito orgulho
Das minhas filhas
Luana e paloma

Construí uma família
Com a benção de deus

Tudo faço para
Proteger minha família

Juscelina Ferreira Rodrigues

Minha vida só eu sei

Meu nome é Laurícia, sou mãe,
E já sou avó também.
Sou estudante,
Trabalho ajudando minha irmã no salão de beleza.

Tenho quatro netas e dois netos,
E estou muito feliz,
Pois, graças a Deus, consegui.

Estou me desenvolvendo nos meus estudos,
Agora tenho o sonho de ser professora.
Às vezes me sinto sozinha,
Mas minha filha já é casada,
E sigo minha jornada.

Lauricia Maria Alixandre

Gratidão ao Dono dos Meus Dias

Sou nordestina,
Deixei meu Nordeste em busca
De uma vida melhor,
De uma profissão realizada,
E do sonho de criar meus filhos
Com dignidade,
Com qualidade de vida,
Diferente do que não tínhamos
No meu estado.

Hoje, graças a Deus, sou realizada!
Profissionalmente e como mãe,
Tenho o desejo realizado:
Ver meus filhos estudando,
Conquistando, crescendo.

Meu maior sonho é vê-los terminarem
Os estudos,
Com oportunidades que não tive,
Pois perdi minha mãe muito cedo,

E meu pai, também ausente,
Deixou-me sem rumo.

Sofremos muito,
Mas pela bondade e glória de Deus,
Nos reerguemos,
Nossa família venceu.

Somos abençoados,
Tenho filhos maravilhosos,
Tenho motivos de sobra
Para agradecer.

Hoje não tenho nada a reclamar,
Só gratidão ao dono dos meus dias:
Deus!

Maria Aldicelia da Silva

Uma Vida Plena

Na caminhada da vida
Não existem placas com aviso.
Fazemos muitas escolhas
E sacrifícios.

Às vezes, as lágrimas começam a cair,
Mas nem tudo é dor.
O sorriso pode esconder a tristeza,
O meu caminho não é diferente do seu:
Pois tem espinhos,
Pedras, barreiras, dor e solidão.

Jamais desista, tenha fé!
Não devemos ter medo da dor.
Tudo depende de você:
Nem todas as escolhas serão certas,
Mas todas trazem aprendizado.

A liberdade está em paz consigo mesmo.
A liberdade é poder caminhar...
Livramento,
Plenamente.

Maria Aparecida Chaves de Souza

Vencendo a solidão

Tive uma separação
E passei momentos difíceis na minha vida
Fiquei sozinha e está sendo difícil
Não gosto porque me machuca.
Trabalho todos os dias para não chorar.
Choro porque o coração está triste
Tenho que amar e casar para não ficar sozinha
Não vou ficar parada porque sou jovem
E não vou ser velha nem com cem anos.
Em nome de Jesus!

Maria Aparecida Quintino De Souza

Lembranças do Café da Tarde

Quando um dia fui trabalhar fora,
Numa cozinha, sem experiência alguma,
Com medo de não agradar o rico,
Aprendi que tudo o que mandavam
Eu tinha que fazer.

Me pediram um bolo para o café,
E mesmo sem como, eu me arrisquei.
Nunca antes bolo eu fiz,
Mas ali eu o belisquei.

Lembrei de outras pessoas que cozinhavam
Enquanto eu olhava,
E a lembrança me fez fazer o bolo.
Na mesa, meu bolo servido,
E comeram.

Fiquei orgulhosa e feliz!
Aprendi, enfim,
Que tudo que se faz com amor e dedicação,

Quando se faz com carinho,
O sabor fica muito bom!

Maria Izabel Lisboa



Caminhos de Maria Tenório

Nasci no Paraná, em chão de união,
com doze irmãos, ternura no coração.
Aos vinte e cinco, São Paulo me chamou,
com luta e coragem, minha vida eu criei.

Trabalhei, estudei, quis sempre crescer,
o ensino médio ainda quero vencer.
Na fé e no trabalho encontrei alegria,
mas meus filhos brilhando são minha poesia.

Eliana sonhando, Eliana engenheira,
Eduardo na gestão, vitória verdadeira.
Minha maior riqueza não é ouro nem linha,
é ver que cada conquista deles também é minha.

Cada passo deles é vitória minha,
sou Maria Tenório, e a vida me guia.
Agradeço a Deus por tudo
Que estou realizando.

Maria Tenório de Barros

Sonho da carta

Não estudei quando pequena porque trabalhei na roça
Cresci, casei e tive filhos
Estudei os filhos porque não tive estudo
E queria o melhor para eles
Depois de todos estudados
Com o suor de 18 anos de trabalho
Voltei a estudar
Para meu sonho realizar
Que é tirar a carta de motorista
Pra não depender de ninguém.

Maria Tereza Georgino

Caminhos de Mônica

Nasci na Bahia, no interior de Lageado,
terra de infância, de sol e segredo.
Depois fui pra Iaçú, lugar de ternura,
onde a vida simples trazia doçura.

Brincava na roça, corria no chão,
Tinha amigos, pegava fruta com a mão.
No rio São Francisco eu gostava de estar,
lavar roupa, nadar e brincar.

Meu pai, Osvaldino, com mãos a plantar,
melancia, café, tudo a brotar.
Minha mãe, Maria, no lar sempre ativa,
nos ensinava a ser gente na lida.

Seis irmãos comigo, sempre unidos,
entre estudos, sonhos e desafios vividos.
Meu pai na Rede Ferroviária a trabalhar,
e eu no caminho da escola a estudar.

Gostava da escola, de cada lição,
mesmo enfrentando luta e pressão.
Hoje recordo com gratidão e beleza,
minha família é minha maior riqueza.

Sou Mônica, de história singela,
carrego na alma a luz da estrela.
Com fé e coragem sigo a lutar,
e com minha mãe Maria aprendi a amar.

Mônica Souza Nascimento

O que eu escrevo?

Eu escrevo a vida

Como se fosse planta

Planta da vida que eu posso criar

Ou tirar até cuidar

Como se fosse sua uma planta atrás da palavra planta

Também se chama de cuide-me

Como se fosse um filho

Um filho seu

Que cuida, que tira

Se cria como se fosse planta

Nicolas Camargo Sibioni

Versos de Recomeço

Meu nome é Normaci,
sou mãe, sou coração,
a vida me trouxe lutas,
mas também superação.

Com filhos ao meu lado,
enfrentei dor e cuidado,
médicos, hospitais, viagens,
mas nunca o sonho apagado.

Na juventude não tive chance,
a escola ficou para trás,
mas hoje agarro a esperança
de construir futuro em paz.

Voltei aos estudos com fé,
com coragem e dedicação,
pois sei que aprender é caminho
para prosperar na profissão.

Normaci Santos Lima

A Poesia da Vida

Hoje entendo a poesia da vida,
Hoje o meu viver é a minha poesia.
A vida é uma eterna poesia:
Escrita, pensada e vivida.

Como entender sua poesia?
Liberte-se de tudo e de todos,
Declame ao mundo
E faça dela seu consolo.

Viver a poesia da vida
É uma eterna lembrança,
Onde seu interior se liberta
E, ao mesmo tempo, se encontra.

Assim aprendia a seguir
A poesia da vida,
Nada mais é que a liberdade da expressão:
Onde aquilo que sua alma esconde
Pode se transformar em uma solução.

A solução do viver,
Do guerrear, do sentir,
Do ouvir e do falar.

Pode se tornar um vício
A poesia da vida,
Pois ela nos transforma,
Nos traz alegrias.

Hoje, a poesia da vida
Pede um favor:
Que neste mundo transformado
Haja mais amor.

Esse é um resumo meu
Da poesia da vida.
Espero que, com ela, você reflita:
A poesia da vida é a libertação,
Está toda nela,
E entendê-la é a solução.

Paulo Ricardo Oliveira dos Santos
Agente escolar

Caminho para uma vida

Perdão e compaixão me movem
Temos inteligência, para pensar,
Analisar a cada passo.
Nossa vida é como a árvore,
Suas folhas são bonitas
Mas com o tempo vai caindo aos poucos.
Meu amado é perfeito
Ele é atencioso, cuidadoso e bondoso.
Pois meu amado que me vê!
Olha meu amado para as viúvas
Pois você é pai das que são órfãs
Seu perfume é como o cheiro do mar,
Doce e leve!

Pedrina Maria de Jesus Alves

O que me move além da minha vontade

O que me move não é a pressa

Nem o desejo de chegar.

É a calma de cada passo

A vontade de continuar

O que me move é a força aqui de dentro,

A paixão que me faz sonhar.

É a fé que me acende a luz

Mesmo quando tudo é escuro ao meu olhar.

Pedro Henrique Soares Rodrigues



Poesia da vida e dos sonhos

Hoje sou um homem casado,
Coração inteiro, feliz e amado.
Ao meu lado, luz e razão,
Minha esposa, força da minha paixão.
Da Paraíba parti aos dezoito anos,
Rumo a São Paulo, em busca de planos.
Na bagagem, coragem e esperança,
Na alma, trabalho e perseverança.
Na escola da EJA encontrei direção,
A melhor escolha, lição de vida e missão.
Antes era difícil estudar,
Mas hoje decidi nunca mais parar.
Sonho um dia rever meu país,
Caminhar pelas raízes e ser feliz.
Quero estudar, terminar o caminho,
Seguir meus objetivos com destino.
Voltei a aprender, não por vaidade,
Mas para dar à minha filha mais dignidade.
Educação é o legado que vou deixar,
Um presente eterno que vai lhe guiar.

Pedro Ferreira de Lima

Poema da vida e da esperança

Sou uma pessoa alegre,
Não carrego tristeza,
Pois dentro de mim
Há sempre felicidade acesa.
Na infância, mesmo com desafios,
Encontrei em mim força e jeito,
Aprendi a seguir caminhos
E guardar amor no peito.
Quando tive meu primeiro filho,
O coração se encheu de luz,
Foi um dia inesquecível,
Um presente que a vida me conduz.
A vida ensina: lutar é preciso,
O tempo é mestre a nos guiar.
Mesmo com quedas e tropeços,
Sempre é possível recomeçar.
Meu sonho é ter salário e profissão,
Trabalhar com dignidade,
Viver do esforço do meu suor,
Realizar meu sonho de verdade.

Voltei a estudar, sem medo,
Mesmo adulta, com coragem.
Quero ler, quero escrever,
Quero abrir portas, ganhar passagem.
A educação é a chave,
Abre horizontes, traz liberdade,
Um emprego melhor me espera,
Um futuro cheio de verdade.

Eliene Santos da Silva

Poema da superação e da esperança

Meu casamento foi marco e consagração,
Felicidade plantada no meu coração.
Ao meu lado, minha esposa fiel,
Na vida difícil, meu porto, meu céu.
A bebida um dia fez parte da estrada,
Com amigos, risadas, mas também armada.
Percebi que roubava meus dias, meus planos,
Decidi lutar, romper desenganos.
Hoje celebro anos de vitória,
Livre do vício, escrevo outra história.
Com minha família, reencontrei a paz,
Cada momento vivido me torna capaz.
Os erros do passado não me definem,
São passos que me ensinam e que me redimem.
O presente é chance, o futuro é flor,
Cada esforço regado em amor.
Minha esposa e filhos, razão maior,
Meu alicerce, meu porto, meu Norte, meu farol.
Eles me fortalecem, me fazem crescer,
Me ensinam que sempre é tempo de renascer.

E o estudo me abre caminhos de luz,
Oportunidades que a vida conduz.
Um novo emprego, um sonho, uma mão,
Vitória conquistada com fé e ação.

Elias Mário Rumão

Poema da caminhada e da esperança

Foi quando meus filhos nasceram,
Quando deixei minha terra, meu chão.
Vim para São Paulo em busca de vida,
Em cada conquista, mais força, mais mão.
Minha mãe e minha sogra disseram: "Vá",
O destino me trouxe até cá.
Cheguei sem saber como seria,
Encontrei desafios, mas também alegria.
Tive a chance de estudar,
E não quis deixar escapar.
Voltar à escola foi bênção e luz,
A melhor escolha que a vida me conduz.
Na praia, o encanto, a primeira vez,
Um sopro de paz, um instante talvez.
E ainda que a luta tenha sido dura,
O sonho resiste, a fé perdura.
Quero estudar, terminar, me superar,
Mostrar que sempre dá para recomeçar.
Mesmo quando o ânimo tenta fugir,
Recordo o passado e sigo a sorrir.

Um emprego melhor, uma faculdade,
Um curso que abra portas de verdade.
Assim sigo firme, sem desistir,
Pois cada batalha me ensina a persistir.

Maria Roseane Nascimento Belo

Poema da minha vida

Meus três momentos mais preciosos,
Foram meu pai, amigo amoroso,
E depois, como bênção sem fim,
As quatro filhas que vieram pra mim.
Hoje eu sei o valor de ter ao lado,
Uma irmã de sangue e de cuidado.
Zildinha, teu nome é amor e presença,
És luz constante, és minha crença.
Do meu passado eu gosto de lembrar,
Mesmo que lágrimas venham me visitar.
Entre sofrimentos, alegrias surgiram,
Hoje sou feliz, novos dias já riram.
Tudo passa, a vida ensina,
A dor se vai, a fé ilumina.
Se hoje é luta, amanhã virá,
O sol renova, tudo passará.
Em casa, um cachorrinho brilha,
Nos traz alegria, nos guia, nos anima.
Simba é seu nome, companheiro fiel,
Nosso carinho por ele é doce como mel.

Olhar o passado me fez aprender,
Mas é no presente que quero viver.
O que me move, o que me conduz,
É a busca do saber, é seguir minha luz.
Voltei à escola com o coração,
Pra ler, escrever, abrir a mão.
Do que antes faltava, hoje quero mais,
Um futuro inteiro de sonhos reais.
Meu grande desejo, minha direção,
Ser professora de Libras é minha paixão.
Na faculdade quero me formar,
E pela educação minha vida guiar.

Cilsa Aparecida de Oliveira

Poema da vida e da aprendizagem

Poema da Vida e da Aprendizagem
Houve momentos em minha vida
Que me ensinaram a ser quem sou.
Aprendi que viver não é fácil,
Mas que a esperança nunca acabou.
A vida ensina, mesmo com dor,
Pois cada tropeço é também professor.
Não foi simples, não foi em vão,
Foi com luta que aprendi a lição.
Meus filhos, meu bem maior,
São minha força, meu maior valor.
Mesmo nos desafios que enfrentei,
Com eles ao lado, sempre me erguei.
A separação foi dura, foi prova,
A vida me testou, mas também renova.
Entre lágrimas e noites em claro,
Descobri que sou forte, que sempre encaro.
Me sinto bem quando estou na igreja,
Ali encontro paz, presença que beija.
Deus é o sopro que guia meu dia,

Renova meu fôlego, traz-me alegria.
Se pudesse ao mundo falar, eu diria:
“Seja grato à vida, viva com poesia.
Deseje amor, espalhe perdão,
A vida é breve, é simples, é canção.”
Voltar a estudar foi minha decisão,
Buscar mais saber, abrir o coração.
Quero crescer, quero conquistar,
É pelo estudo que vou me transformar.
O estudo é chave, é ponte, é chão,
Sem ele é difícil segurar a mão.
Com ele eu sigo, segura, capaz,
Um futuro melhor é o que busco em paz.

Nilza de Assis Vieira

Entre quedas e recomeços

Já vi a escola escapar das mãos,
Por dores, por falta, por desilusões.
A vida apertou, a mesa esvaziou,
E o sonho do estudo então silenciou.
Por motivos maiores, tive que sair,
Ajudar em casa, lutar, resistir.
Mas Deus me guardou e me deu nova chance,
De voltar à escola, de mudar minha andança.
Minha mãe, guerreira, meu porto seguro,
Me mostrou que é possível olhar pro futuro.
Com amor e coragem, me fez levantar,
E os livros, de novo, pude abraçar.
O maior desafio não foi a pobreza,
Mas sim as palavras cheias de dureza:
"Gastar tempo estudando não vale a pena."
Ouvi isso tanto... Era como uma sentença.
Mas venci essas vozes, venci o medo,
Reescrevi a história, com lápis e enredo.
Hoje estou firme, forte, decidido,
A não mais deixar meu sonho esquecido.

Errei, tropecei, deixei passar,
Boas oportunidades, deixei de agarrar.
Mas aprendi com cada deslize,
E agora caminho com mais diretriz.
Lembro da vó, da casa, das flores,
Da energia dela que acalma as dores.
Mesmo ausente, ainda posso sentir,
Que em cada planta ela volta a sorrir.
Se eu pudesse ao passado voltar,
Diria a mim mesmo: "Não deixe de estudar!"
Pois hoje entendo, com o coração,
Que o saber constrói a libertação.
O estudo é ponte, é transformação,
É passo certo rumo à realização.
Quero minha casa, meu carro, minha moto,
Mas, acima de tudo, mudar meu rascunho torto.
Quero ajudar os que amo, enfim,
Fazer do meu exemplo um bom jardim.
Mostrar que é possível, mesmo com dor,
Refazer os caminhos com fé e amor.

Wagner Guilherme Soares de Oliveira

Caminhos de mudança

O primeiro passo foi duro de dar,
Comecei a usar drogas pra me anestesi-
ar.
Mas foi também ali, no fundo do poço,
Que conheci Jesus e ganhei um recomeço.

Minha família, minha esposa, minhas filhas,
Foram luz que guiou minhas trilhas.
Com sonhos, escolhas e novo sentir,
Mudaram meu rumo, me fizeram seguir.

Parar com as drogas, o maior desafio,
Requer força, querer, sair do frio.
Com ajuda e fé, fui pra reabilitação,
Hoje estou limpo, faz tempo, de coração.

Se pararmos pra ouvir, com atenção,
Os mais velhos trazem orientação.
Não tomamos decisões sem refletir,
Pois cada conselho pode nos redimir.

Na igreja, me recarrego, me encontro com Deus,
Vejo milagres nos dias meus.
Ouço Sua voz em cada momento,
E sigo em frente com novo sentimento.

Dizem que conselho bom se vende,
Mas o que se dá, às vezes surpreende.
Palavras certas tocam o coração,
Mudam vidas, trazem direção.

Sem escola, sem trabalho, há frustração,
Sem dinheiro, sem paciência, só solidão.
Mas com motivação e fé no peito,
As conquistas vêm, do jeito certo.

Hoje estudo, nono ano com fervor,
Com os livros em mãos e muito amor.
Quero ser professor, esse é meu plano,
Mudar meu futuro, traçar novo ano.

Daniel Aparecido Gregório



Versos de esperança

Eu gostaria de um novo caminho traçar,
Seguir meus sonhos, chegar num grande lugar.
Ser uma pessoa importante, com valor e fé,
Mesmo com pouco, mostrar o que se é.

Falo da minha família com emoção no olhar,
Minha base, meu chão, meu porto pra voltar.
Com eles aprendi que mesmo ao errar,
Podemos mudar, crescer e recomeçar.

São Paulo, cidade do meu coração,
Lá deixei memórias, levei inspiração.
Mas o mundo gira, e a vida é estrada,
Nem sempre reta, mas sempre sonhada.

Quero um carro, um lar, um bom amanhã,
Mesmo que pareça longe, vou buscar com afã.
Sei que com luta, fé e persistência,
A vida se molda à nossa resistência.

Meus tios, tias, vó e vô,
São luz que em mim sempre ficou.
Exemplo de vida, de amor, de querer,
São neles que encontro força pra crescer.

E por fim, deixo aqui minha voz:
O futuro se transforma dentro de nós.
Basta coragem, esforço e ação,
E o tempo nos traz a realização.

Rai Santos das Neves

Glória em Versos: O Tempo, a Mãe e o Regresso

No dia vinte e oito de agosto, a data marca,
Um nome, Maria da Glória Santos Silva, que embarca
Em memórias guardadas no fundo do olhar,
Para a força do vivido em versos contar.

O instante em que me fiz mãe, com tanto amor,
Foi o auge da vida, o ponto de maior fulgor.
A luz dos meus filhos, um nascer de alegria,
Fez de cada dia, uma nova melodia.

Viver no Pará, sem nenhum parente, a dor da partida,
Um passo incerto, mas exigido, na trama da vida.
Mas o destino teceu o socorro, não me deixou só,
Meu pai e meu irmão vieram, tirando-me do pó.
Deixaram sua terra, a Bahia, só pra me buscar,
Um amor que é farol, a me guiar e me amparar.

Aprendi que a vida requer pensar e decidir,
Que toda escolha exige um lugar para florir.
O chão de onde nasci, a casa humilde, de onde tudo veio,

Ainda mora no sonho, um canto cheio,
Que até hoje me recordo, no pé de um umbu forte,
Que o passado, mesmo simples, me protege da sorte.

E sou grata, sim, por tudo que se passou,
Até pelos erros que o caminho mostrou.
Pois aos dezesseis anos, a vida me chamou,
Mas a busca pelo saber, jamais me abandonou.

Aos quarenta e um, a vida me matrícula de novo,
No banco da escola, renovo o meu povo.
Voltar a estudar com a alma empenhada,
Buscar a sabedoria, a mente renovada.

Para que eu seja mais sábia, mais inteligente,
Com o estudo em punho, olhar para a frente.
Um bom emprego e mais sabedoria, a certeza eu persigo,
A mãe que se renova, e segue comigo.

Maria da Glória Santos Silva

Recomeço e Gratidão

Hoje me vejo em nova direção,
Feliz por ter conhecido as coisas de Deus,
Por sentir renascer em meu coração
Uma vontade imensa de ser alguém melhor, de ser meu
próprio eu.
Por muito tempo, minha irmã esteve ao meu lado,
Ensinando que crescer é caminhar,
Que mesmo nas dificuldades e tropeços da vida,
Sempre há uma forma de recomeçar.
Lembro da minha mãe, com sua voz suave,
Dizendo: “Estude, seja bom, siga o bem.”
E aqui estou, em 2025, com fé e vontade,
Fazendo a EJA, acreditando outra vez em mim também.
Sou grato pelas novas amizades,
Pelo carinho dos professores, pela mão estendida.
Cada gesto, cada palavra,
Me faz valorizar ainda mais a vida.
E nos erros que a vida me ensinou,
Conheci um amigo chamado Gustavo,
Um irmão que o destino levou,

Mas que deixou um exemplo bravo.
Hoje ele não está mais aqui,
Mas vive em mim, na lembrança e no coração.
Um grande irmão que me mostrou o caminho,
E me ajudou a escolher sempre a direção.

Victor Hugo Soares de Oliveira

Caminhos da Vida

Sou mais alegre, não sou triste,
Porque aprendi a ser feliz.
A vida me ensinou com amor e luta,
E cada passo me fez o que sempre quis.
Meu marido, companheiro fiel,
Me incentiva de tantas maneiras,
Me dá força quando a vida pesa,
Me apoia nas horas inteiras.
Quando tive meu primeiro filho,
Meu coração se encheu de luz,
Foi o momento mais lindo da vida,
Um amor que cresce e reluz.
Aprendi que os caminhos não são retos,
Que às vezes é preciso errar pra aprender.
Mesmo entre pedras e ventos incertos,
Sempre há um novo amanhecer.
Na caminhada, levo coragem,
Sigo firme, enfrento a dor.
Nunca desisto dos meus sonhos,
Porque dentro de mim há valor.

Aprender a ler e a escrever
Foi um passo de libertação.
Não quero mais viver com vergonha,
Agora sigo com o coração na mão.
A educação transformou minha vida,
Abriu portas e horizontes também.
Hoje sei: estudar é esperança,
É o começo de um futuro que vem.

Alex Victor Pereira de Araujo

Poema da Vida

Foi quando decidi tirar a minha CNH,
Que muitos disseram: “Você já está velha demais.”
Mas provei que nunca é tarde pra sonhar,
Nem para seguir atrás do que se quer mais.
Foi quando conheci meu marido,
Que aprendi o valor do amor e da fé.
Acreditei de novo em mim e na vida,
Descobri que ser feliz também é um dom que se é.
Aprendi que o mundo é espelho,
Que o bem que se dá sempre volta.
Por isso sigo firme no trilho,
Com esperança que nunca se solta.
Lembro do dia em que deixei meu trabalho,
Pra cuidar do meu pai querido.
Ele lutou contra o câncer com força,
E partiu... deixando em mim um abrigo.
Sinto falta do meu pai Salomão,
Que vive em cada lembrança e oração.

Meus filhos são minha razão,
Meus amores, meu maior tesouro.
Por eles, eu daria minha vida,
Cada sorriso deles vale mais que ouro.
Eu diria que fui uma mulher de coragem,
Feliz, mesmo quando o vento era forte.
Não precisei ser perfeita,
Bastou seguir com fé e sorte.
O que me motiva é aprender,
É crescer a cada manhã.
Saber que sou capaz de vencer,
De ser alguém, de ser irmã.
Quero ser uma pessoa inteligente,
Como os professores que admiro e sigo.
Sei que posso, sei que consigo,
E que o saber será sempre meu abrigo.

Edivane Moreira Barbosa

Força e Caminho

Mulher de caráter, firme e valente,
A vida me ensinou a ser persistente.
Nem sempre é fácil caminhar,
Mas com coragem, sigo a lutar.
Meu pai foi o farol da minha estrada,
Sua ausência deixou dor calada.
Ainda sinto o vazio da sua partida,
Mas guardo dele o amor e a vida.
Deixei minha terra, fui pra São Paulo,
Longe da família, chorei em silêncio.
Foi difícil, pensei em desistir,
Mas aprendi que crescer é persistir.
A gente aprende com as dores da vida,
Cada lição é ferida e cura sentida.
É com elas que seguimos em frente,
Com fé e esperança no coração da gente.
Tenho saudade dos meus meninos,
Cresceram, seguiram seus destinos.
Saudade das conversas, dos risos, do lar,
Lembranças que o tempo não vai apagar.

Aprendi que nunca é tarde pra sonhar,
Que estudar é poder recomeçar.
A vida é dura, mas vale insistir,
Quem tem coragem sempre há de ir.
Meu sonho é seguir, vencer, crescer,
Fazer faculdade, aprender, renascer.
Na gastronomia quero me formar,
Pra com amor, meu futuro temperar.
Mulher de caráter, firme e valente,
A vida me ensinou a ser persistente.
Nem sempre é fácil caminhar,
Mas com coragem, sigo a lutar.
Meu pai foi o farol da minha estrada,
Sua ausência deixou dor calada.
Ainda sinto o vazio da sua partida,
Mas guardo dele o amor e a vida.
Deixei minha terra, fui pra São Paulo,
Longe da família, chorei em silêncio.
Foi difícil, pensei em desistir,
Mas aprendi que crescer é persistir.
A gente aprende com as dores da vida,
Cada lição é ferida e cura sentida.

É com elas que seguimos em frente,
Com fé e esperança no coração da gente.
Tenho saudade dos meus meninos,
Cresceram, seguiram seus destinos.
Saudade das conversas, dos risos, do lar,
Lembranças que o tempo não vai apagar.
Aprendi que nunca é tarde pra sonhar,
Que estudar é poder recomeçar.
A vida é dura, mas vale insistir,
Quem tem coragem sempre há de ir.
Meu sonho é seguir, vencer, crescer,
Fazer faculdade, aprender, renascer.
Na gastronomia quero me formar,
Pra com amor, meu futuro temperar.

Lucivanda Pageu da Silva

Caminhos e Sonhos

Minha vida mudou naquele dia,
Quando meu pai disse: “Casa com amor e alegria.”
Aquele foi o dia mais feliz,
O começo de tudo o que sempre quis.
Meu pai foi o homem mais importante,
Me ensinou o valor de ser constante.
Quando partiu, levou parte de mim,
Mas deixou sua força dentro de mim.
O maior desafio foi ver sua partida,
Doeu na alma, feriu a vida.
Meu pai era exemplo, luz e razão,
E hoje vive em meu coração.
Meu esposo me dá força pra seguir,
Me apoia nos dias em que quero desistir.
Minha mãe também, com carinho e fé,
Me faz lembrar do que ainda é.
Às vezes escrevo pra aliviar a dor,
Pra dizer o quanto sinto amor.
A saudade é grande, o peito aperta,
Mas a lembrança mantém a alma desperta.

Estudar é meu sonho constante,
Quero crescer, ser confiante.
Penso em medicina, ajudar alguém,
Porque fazer o bem me faz bem também.
Quero terminar meus estudos, vencer,
Dar orgulho pra quem amo e agradecer.
Por mim, pela família e pelo amor,
Continuar sonhando é o meu maior valor.

Kewilin Vitoria dos Santos Silva

Conquista

Depender de outras pessoas
Me deixava constrangida.
Tinha que chamar os filhos
Para me ajudar toda hora.

Eu podia aprender a me virar,
Ir ao banco, ver só o caminho,
Quase um desafio.
Voltei para a escola e fui estudar,
Fui todo dia na aula,
Com chuva, frio ou dor.

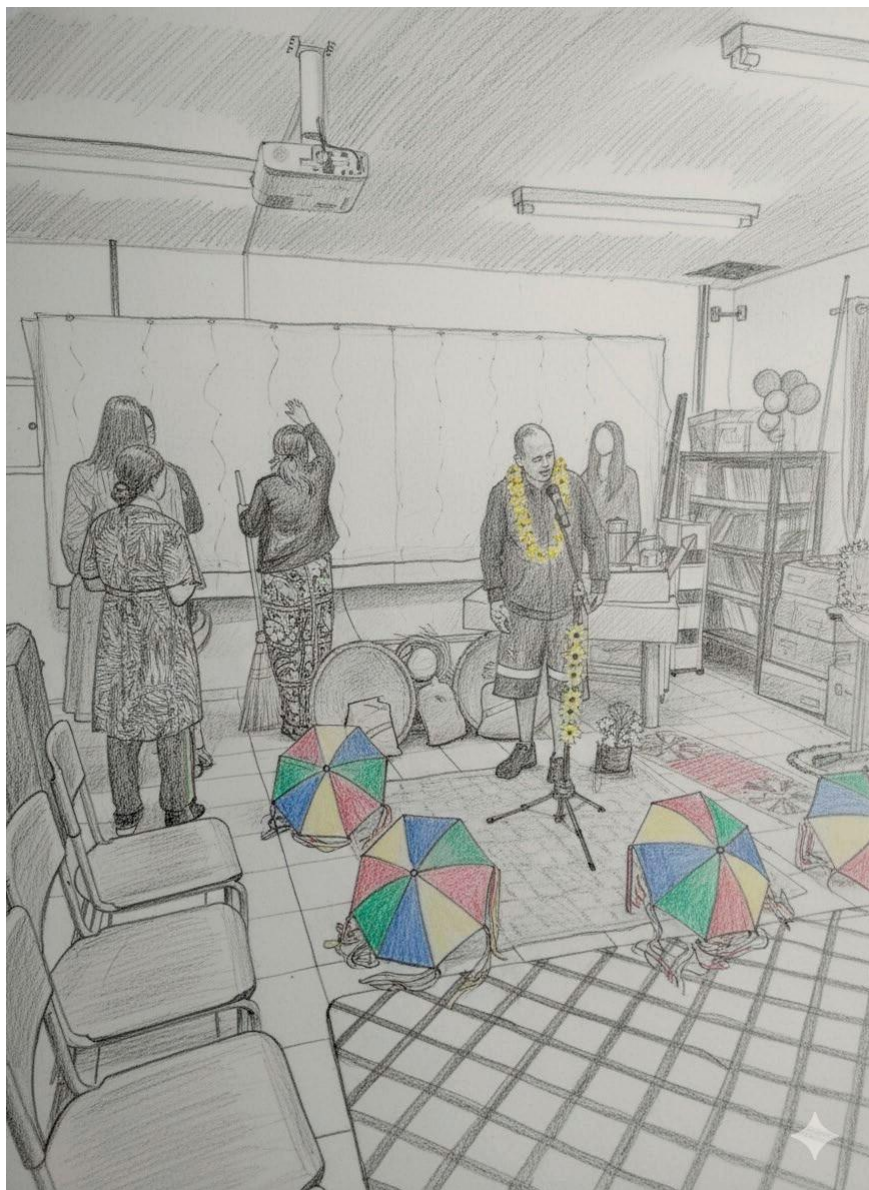
Mas voltava feliz —
Cada dia eu sentia uma vitória.
Sabendo que buscadora,
Aprendia, me fortalecia
E enchia-me de coragem.

E um dia, o grande dia chegou!
Fui ao banco, sozinha,

Fiz tudo o que eu podia,
Fiz tudo o que eu queria.

Faltou apenas a festa para comemorar,
Com toda minha família e amigos...
Mas minha caminhada vai continuar!

Raimunda Cavalcanti de Oliveira



Estrada da Vida

Não sei se caminho depressa,
Ou se a vida corre ligeira demais.
Só sei que, quando ligeira demais,
Tanta coisa fica para trás.

A estrada é curta,
E, mesmo assim, persisto em andar,
Carrego comigo silêncios,
Esperanças, cicatrizes e saudades.

Há dias em que mãos não se encontram,
O tempo não permite o abraço.
Mas, sigo,
Pois sei que a vida é feita disso:
Da ternura simples,
De um gesto que entende.

E se a vida passa tão depressa,
Quero que ela seja verdadeira.
Quero que meu caminho toque,

Ainda que de leve,
O coração de quem passa por mim.

Raimunda Gonzales Gomes

Sonhos e Caminhos

Sou Salomão, de Itapecerica da Serra,
São Paulo foi meu primeiro chão,
com minha família seguimos viagem,
Itapevi tornou-se nossa paixão.

Cresci conhecendo pessoas,
histórias guardadas no coração,
hoje, aos quarenta e cinco anos,
trago da vida experiência e lição.

Sou pai de cinco filhos queridos,
minha maior riqueza, meu bem,
por eles busco seguir estudando,
um futuro melhor que sempre vem.

Sonho com a segurança pública,
um concurso desejo alcançar,
terminar os estudos com força,
meu propósito é continuar.

Sou mecânico de motor a diesel,
nas oficinas fiz meu lugar,
também pratiquei artes marciais,
vinte e oito anos a lutar.

Voltar aos estudos me inspira,
uma faculdade quero cursar,
para dar aos meus filhos amados
uma vida melhor para sonhar.

Salomão Capouilla

Aprendendo na vida

Trabalhei em casa de família
Cuidando de três crianças
Confiavam em mim e me sentia acolhida
Queriam que eu estudasse,
Mas eu só queria me divertir.
Depois das crianças criadas
Fui cuidar da minha vida.
Trabalhei em empresa, sem saber ler nem escrever.
Desse trabalho tenho minha casa
E estou aqui para aprender.

Sebastiana Pires Dos Santos

Vencendo com dignidade

Depois do meu filho
Mãe solteira
Batalha atrás de batalha
Muita luta
A economia era demais
A creche era ilusão
E uma mochila foi emprestada
Com muito suor correndo
Graças a deus alcancei
Venci e estou vencendo
Com minha dignidade
De ter o que é meu

Silmara Felipe Santiago

Trabalho e estudo

Já fiz tanta coisa da minha vida.
Trabalhar é bom, é legal
Pra aprender as coisas que sei hoje.
Tive infância pra escolher: trabalhar ou estudar.
Escolhi trabalhar.
No trabalho aprendi muito,
Mas fiquei sem estudo.
Hoje preciso disso e, criando juízo,
Vi que sem escola não dava certo.
Quero correr atrás de um bom futuro
E o estudo leva a pessoa lá em cima.

Vagner Pereira De Brito

História de Valderez

Meu nome é Valderez,
nasci em Pernambuco,
brincava de roda,
cresci feliz no meu mundo.

Vim para São Paulo em 1987,
trabalhei de babá,
conheci meu marido,
com ele fui morar.

Foram 27 anos de amor,
hoje ele não está,
mas ficou na memória
o bem que me fez amar.

Tenho filhos e netas,
são minha alegria,
estudo de novo,
com fé todo dia.

Sonho em Veterinária
fazer faculdade,
seguir aprendendo
é minha verdade.
E na escola onde estou,
me sinto feliz,
aqui vou crescendo,
é o que sempre quis.

Valderez Alves do Amaral

Para tudo tem que aprender

Meu sonho é vender perfume
Preciso aprender como vender
E o dinheiro também tenho que ter
Estudo para aprender
E saber fazer as contas
Também aprender a ler e escrever
Pra ler a bíblia e louvar.

Vaneide Vitoria De Souza

Meu nome, minha história

Yasmin Paiva, minha história

Luto desde dois anos

Sou uma leoa

Tenho muita força

Tenho muito foco

Nunca desisto

Dos meus sonhos!

Yasmin Paiva Ramos



Restou no peito um silêncio frio

Restou no peito um silêncio frio,
Onde antes havia um sol inteiro.
O amor partiu, levou consigo o riso,
E deixou apenas um coração vazio.

Brenda Souza Cordeiro

Um sonho que floresce

do Nordeste a São Paulo

Vim do Nordeste para São Paulo com coragem e esperança no peito. Vim em busca de uma vida melhor. E foi aqui que a minha história começou a mudar. Foi aqui que criei meus filhos, enfrentei dificuldades, mas também vivi muitas bênçãos.

Graças a Deus, consegui dar a eles o que eu não tive: a chance de estudar. Hoje tenho uma filha que é professora, e dois filhos que já estão encaminhados na vida — um é casado, o outro é solteiro, mas todos estão no caminho certo.

Ser mãe foi a minha maior missão. E eu cumpri. Me sinto abençoada.

A chance de recomeçar

Agora chegou a minha vez. Resolvi agarrar a oportunidade de estudar, e estou muito feliz. Estou realizando um sonho. Na escola fui recebida com carinho, com respeito e com paciência. A professora me ensina com amor e atenção. Cada dia eu aprendo uma coisa nova. Coisas que eu nunca soube.

Antes, sem estudo, a gente se sente menor, como se faltasse um pedaço da gente. Hoje me sinto feliz, completa e realizada. Aprender é a melhor coisa da vida.

Um sonho doce

Eu tenho um grande sonho: ser confeitadeira. E eu sei que, com fé em Deus, eu vou conseguir. Esse é o desejo do meu coração. Quero aprender, quero crescer, quero realizar esse sonho com as minhas próprias mãos.

Ser mãe e ser avó

Sou avó de quatro netos — duas meninas e dois meninos.

Cada um deles é uma bênção na minha vida.

Todos os dias agradeço a Deus por me levantar, por me dar força, por me dar saúde e por me permitir trabalhar e lutar.

Agradeço pela minha família, pelos meus filhos, pelos meus netos e por tudo que Deus me deu. Agradeço também por ter colocado pessoas boas no meu caminho — como minha professora — que me ajudam, me escutam e acreditam em mim.

A vida é aprender e agradecer

Estudar, para mim, é renascer. É me sentir viva, capaz, valorizada.

Cada descoberta é uma vitória. Cada palavra que eu aprendo é uma luz no meu caminho.

Hoje posso olhar para trás com orgulho e olhar para frente com esperança.

Porque a vida, mesmo quando começa com luta, pode florescer com coragem, fé e gratidão.

Geilma Mateus dos Santos

A história de Maria José Bastos da Silva

A infância que não tive

Meu nome é Maria José Bastos da Silva. Eu não tive infância, porque comecei a trabalhar muito cedo. Com apenas 8 anos de idade já estava na roça, ajudando no sustento da família. Passei um tempo trabalhando na roça até que fui para o corte de cana. Nossa, como trabalhei nesse tempo! Foram muitos anos cortando cana, enfrentando sol forte, cansaço e dificuldades. Esse foi o começo da minha vida.

Quando me tornei adolescente, continuei no mesmo trabalho duro. Mais tarde, tive filhos e ainda assim segui no corte de cana. O trabalho sempre esteve presente em cada fase da minha história.

O tempo do estudo

Na minha infância, não tive oportunidade de estudar. Meus pais não colocavam a gente na escola. Minhas irmãs, que são mais velhas do que eu, só aprenderam depois de adultas. E comigo está acontecendo o mesmo caminho.

Criei meus quatro filhos e, enquanto eles eram pequenos, não tinha tempo de estudar. A vida era só trabalho e

responsabilidade. Agora que meus filhos cresceram, surgiu a oportunidade de voltar para a escola, através da EJA.

Hoje valorizo muito essa chance. Sei que é uma oportunidade que não posso deixar escapar. O estudo está chegando tarde, mas está chegando no momento certo da minha vida.

Fé e esperança

Na minha vida já passei por muitas necessidades. Senti frio, tive medo, chorei muito ao longo da minha caminhada. Foram tempos difíceis, que marcaram a minha história. Mas tudo isso ficou no passado. Hoje quero olhar para frente e aproveitar a chance que Deus está me dando. Estar no programa da EJA é uma bênção. Tenho aprendido muito e sinto que cada dia é uma vitória. Agradeço a Deus por essa oportunidade e tenho fé de que, daqui para frente, minha vida será de alegria.

O sonho realizado

Sempre tive muita vontade de estudar, mas a vida não me deu essa oportunidade quando eu era criança. O tempo passou, trabalhei, criei meus filhos e deixei esse sonho guardado no coração. Agora, depois de adulta, estou tendo a chance de voltar à escola. Para mim, isso é muito mais do que apenas estudar: é viver um sonho.

Cada dia na EJA é a realização de um desejo antigo, que hoje se tornou possível. Por isso, quero aproveitar cada momento dessa conquista, porque sei que estou vivendo algo muito especial.

Gratidão e persistência

Agradeço muito à professora Fábria, porque é com ela que estou aprendendo. Cada aula é um passo importante na minha vida, e por isso só tenho a agradecer de coração. Não sei até quando vou conseguir estudar, porque trabalho o dia inteiro e chego em casa muito cansada. O serviço de doméstica não é fácil. Mas mesmo assim, nunca deixo o cansaço me vencer. Digo para mim mesma: “Não vou parar, vou para a escola”. A vida é feita de lutas e de escolhas. Escolhi não desistir, mesmo cansada, mesmo cheia de responsabilidades. Porque sei que estudar é a chance que eu tenho, e quero continuar até onde Deus permitir.

Criar asas e voar

Ao longo da minha vida, Deus colocou muita gente boa no meu caminho. Pessoas que me ajudaram em momentos difíceis e que até hoje fazem parte da minha história.

A família para a qual eu trabalho é um exemplo disso. Eles sempre foram muito bons comigo e sou muito grata a Deus

por tê-los conhecido. Me ajudam no que preciso, me respeitam e me tratam com carinho.

Acredito que quando a gente não deseja o mal a ninguém e procura ser uma pessoa de bem, Deus retribui colocando pessoas boas em nossa vida. Eu só tenho a agradecer por isso. Hoje sinto que estou vivendo um sonho. É a minha vez de criar asas e voar. Quero aprender a ler e escrever, não precisa ser muito, apenas o suficiente para me virar sozinha e não depender dos outros. Esse é o meu maior desejo e, só de estar conquistando isso, já me sinto realizada.

Maria José Bastos da Silva

A alegria de viver...

Quem sou eu...

Meu nome é Dayane e tenho 36 anos. Sou daquelas pessoas que não conseguem ficar paradas, pois a vida para mim é movimento, cor e emoção.

Minhas paixões

Adoro brincar, dançar, conversar e espalhar alegria por onde passo. Ir para a escola e aprender coisas novas é uma das minhas maiores paixões. A leitura e a escrita me fazem sentir que estou sempre crescendo, descobrindo o mundo e me descobrindo também.

O amor pelos pequenos

Mas, confesso, minha verdadeira paixão são as crianças. Estar com elas me enche de energia e esperança. Levo carinho para cada uma e recebo de volta um afeto sincero, que aquece meu coração.

O jeito de ser

Sou carinhosa, prestativa e tenho um coração enorme. Ajudar os outros me faz feliz de verdade. Reclamar? Quase nunca. Diria que 98% do tempo sou de bem com a vida e só tenho motivos para agradecer. Claro, nos outros 2% até posso ficar

um pouco “revoltadinha”. Mas afinal, sou humana, né? Quem nunca? Errar também faz parte da caminhada.

O que aprendi

A vida me ensinou que tudo fica mais bonito quando a gente sorri, agradece e segue em frente com coragem. Por isso, se é para viver, que seja com intensidade, paixão e brilho nos olhos.

Cada novo dia é uma oportunidade incrível de ser ainda mais feliz. E é assim que sigo: espalhando luz, alegria e amor por onde passo.

Dayane Charliene Da Silva

Sonhos interrompidos, sonhos reconstruídos

Infância na roça

Meu pai sempre dizia que escola era coisa de gente rica. Para ele, que vivia na zona rural, não havia necessidade de estudo: o que importava era trabalhar na roça e ajudar na lida do dia a dia. Assim, mesmo existindo escola perto de onde morávamos, muitas vezes eu não podia frequentá-la.

Lembro-me das vezes em que já estava a caminho da escola e, de repente, ouvia o grito do meu pai me chamando de volta. Eu retornava e passava o dia plantando capim, colhendo mandioca e fazendo tantos outros trabalhos pesados.

Separação e novas responsabilidades

Quando eu tinha 13 anos, meus pais se separaram. Minha mãe foi embora para a cidade, e eu precisei ajudá-la a sustentar a casa. Trabalhei em casas de família, lavando roupas e realizando serviços domésticos. Foi um período marcado por muita luta, mas também por muitas humilhações e decepções, pois esse é um trabalho pouco reconhecido e muitas vezes sem valor aos olhos dos outros.

O sonho que permanece

Apesar de todas as dificuldades, eu sempre tive um sonho: trabalhar na área da saúde, ser enfermeira. Mesmo não tendo estudado quando criança, esse desejo nunca deixou de existir dentro de mim. Agora, depois de adulta, voltei a estudar com a esperança de realizar esse projeto de vida e, quem sabe, um dia fazer um curso de auxiliar de enfermagem.

Um futuro melhor para minha filha

Se eu não tive a oportunidade de estudar, busquei ao menos oferecer essa chance para minha filha. Investi nos estudos dela, para que não precisasse enfrentar as mesmas humilhações e decepções que eu vivi. Meu maior orgulho é saber que, mesmo com tantas barreiras, consegui plantar nela a semente da educação e da esperança.

Jucinália Moreira de Sousa

Judite Maria Rosa de Lima

Introdução

A história de Judite Maria Rosa de Lima é um exemplo de força, coragem e determinação. Sua caminhada, marcada por desafios e lutas, revela a importância da educação como sonho e conquista, mesmo quando negada na infância. Entre dificuldades, dores e superações, Judite construiu uma vida de amor, fé e esperança.

Seu relato é mais do que uma biografia: é um testemunho de resistência feminina, de dedicação à família e de confiança em Deus. Ao narrar sua trajetória, ela nos mostra que, mesmo diante das maiores provações, é possível transformar a dor em aprendizado e a luta em vitória.

História de superação

Meu nome é Judite Maria Rosa De Lima. Desde criança, minha vida foi cheia de desafios. Não pude estudar quando era jovem, pois meu pai não me deixou ir à escola. Mas mesmo assim, nunca perdi o desejo de aprender. Hoje, estou me dedicando a ler e escrever, e sigo firme nesse caminho, determinada a continuar meus estudos.

Passei por momentos muito difíceis ao longo da minha vida. Sofri com situações dolorosas dentro da minha família e no casamento, mas encontrei coragem para me separar e recomeçar. Sozinha, criei meus oito filhos, enfrentando noites difíceis e muitas dificuldades, mas sempre com amor e determinação. Meus filhos foram e são minha alegria e meu orgulho.

Apesar de ter vivido sem um lar próprio durante muito tempo, hoje tenho minha casinha, e sou grata a Deus por cada conquista. Minha vida me ensinou que, mesmo diante de sofrimentos, a perseverança, a fé e o amor podem transformar nossa história. Hoje, posso olhar para trás com orgulho e para o futuro com esperança.

Judite Maria Rosa de Lima

O desejo do meu coração

Quando eu era criança, não tive a oportunidade de estudar. O destino me colocou em casas de parentes, mas não como filha: eu era uma criança tratada como adulta, obrigada a trabalhar como se fosse uma empregada. Enquanto outras crianças brincavam e aprendiam as primeiras letras, eu carregava fardos que não eram meus.

O tempo passou, e a escola ficou distante.

Hoje, com a serenidade que os anos me deram, carrego no peito um sonho que nunca envelhece: **aprender a ler e a escrever**. Quero poder olhar para o mundo com autonomia, compreender palavras, resolver as coisas sem depender de ninguém. Quero sentir o orgulho de segurar um papel e decifrar cada letra, cada linha, como quem descobre um tesouro.

Não sou mais jovem, mas dentro de mim vive a esperança. É essa esperança que me trouxe de volta à escola. Porque aprender é um direito, é um desejo do coração, é um recomeço possível em qualquer idade.

Aprender é mais do que juntar letras: é abrir portas, acender luzes e transformar caminhos.

Hoje, cada passo dado dentro da sala de aula é uma vitória,
cada palavra lida é um presente, cada escrita é uma conquista.
Se um dia a vida me negou a escola, agora sou eu quem
escolhe escrever minha própria história.
E enquanto existir esperança, sempre haverá tempo para
recomeçar.

Lourdes de Fátima Lima



Minha Caminhada na Educação

Meu nome é **Maria Luísa da Silva**, nasci no dia **25 de agosto de 1965**, na cidade de **Crato, no Ceará**. Tenho 59 anos e venho de uma família grande: somos 14 irmãos, sendo 7 homens e 7 mulheres. Dois já faleceram, mas nossa união sempre foi muito forte.

Minha infância não foi fácil. Desde os **6 anos de idade** precisei trabalhar na roça para ajudar meus pais a sustentar os irmãos mais novos. Apesar das dificuldades, eu era uma criança feliz, pois aprendia desde cedo o valor do trabalho, da união familiar e da luta pela sobrevivência.

Quando completei **19 anos**, decidi vir para **São Paulo**. Meu maior objetivo era **estudar e terminar os estudos**, mas a realidade foi bem diferente do que eu havia sonhado. Logo que cheguei, precisei começar a trabalhar para ajudar minha família, que ainda enfrentava muitas dificuldades no Ceará. O estudo acabou ficando em segundo plano, porque a prioridade era o sustento.

Trabalhei muitos anos como cuidadora e empregada doméstica, sempre ajudando meus pais e irmãos. Ao longo

do tempo, fui trazendo alguns irmãos para São Paulo, até que quase todos estavam aqui.

Mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar naquele momento, o **desejo de aprender nunca morreu em mim.**

Casei, tive quatro filhos — Aline, Lucas, Gabriel e Matheus (este último viveu apenas algumas horas após o nascimento). Criei meus três filhos com amor e dedicação, conciliando sempre o trabalho e a família.

Hoje, olhando para minha história, percebo que a vida me fez **adiar os estudos**, mas nunca desistir deles. Continuo acreditando que **nunca é tarde para aprender**. Cada dia na escola, cada palavra escrita e lida, representa para mim a realização de um sonho guardado por muitos anos.

Sou grata a Deus por tudo que vivi, pelas dificuldades que me fizeram forte e pela oportunidade de agora estar retomando aquilo que sempre desejei: **a chance de estudar e continuar aprendendo.**

A educação é a maior forma de superação da minha vida.

Maria Luiza Silva e Silva

Minha jornada

“Cada passo que dei me ensinou algo importante.”

Primeiros desafios

Meu nome é Marlene Quitéria de Sousa, nasci em Garanhuns, Pernambuco, e tenho 44 anos. Quando decidi vir para-São Paulo com minha família, buscávamos uma vida com melhores oportunidades. Mas a realidade nos recebeu de forma intensa.

Ao chegar aqui, precisei trabalhar para ajudar minha mãe e meus irmãos. Estudar ficou para depois, e os livros esperaram silenciosos.

Família e responsabilidades

O tempo passou. Casei, tive filhos e dediquei-me a cuidar deles com todo o amor que podia oferecer. Meus sonhos continuaram comigo, mas pareciam distantes, escondidos atrás das responsabilidades do dia a dia.

Um novo começo

Agora, finalmente, surgiu a chance de estudar. E com ela, um sonho antigo voltou a brilhar: tirar minha carteira de motorista.

“Mais do que dirigir, esse sonho representa conquista, independência e força.”

Superação e esperança

Minha vida teve momentos difíceis, sim. Mas escolho olhar para o que construí e para o caminho que estou trilhando agora. Cada vitória nos estudos, cada conquista pessoal, é um passo que me lembra de que é possível reescrever a própria história e realizar sonhos, mesmo depois de tantos obstáculos.

Marlene Quiteria de Souza

O sonho de aprender

Infância e primeiros desafios

Meu nome é Mauro, sou natural da Paraíba e filho de pais separados. Quando eu tinha apenas três anos, meu pai me colocou na escola. Mas, em uma semana, ele queria que eu já soubesse escrever meu nome. Como não consegui, ele me tirou da escola. Disse que a minha caneta seria o cabo da enxada.

Desde cedo, o trabalho tomou conta da minha vida. Com apenas 11 anos, abandonei a casa dos meus pais. Foi então que meu tio me levou para a Bahia, onde passei um bom tempo trabalhando pesado, até tarde da noite, em um motor de sisal. Ali sofri muito, mas também aprendi a resistir.

Vida de trabalho e mudanças

Depois fui para Goiás, com um primo. Trabalhei de oito a nove anos em fazendas. Mais tarde, segui para São Paulo, onde continuei no serviço de firma. A vida sempre me puxava para o trabalho, mas dentro de mim havia um vazio: a falta de estudo.

Certa vez, surgiu a oportunidade de estudar em uma escola na igreja, na Estrada do Imbu. Fiquei lá por uns três meses,

mas a escola acabou fechando. Outra vez, meu sonho foi interrompido. Não desisti. Mais tarde, me matriculei em Cotia, e depois soube da escola EJA, no Jardim do Egem. Ali encontrei esperança e acolhimento.

Recomeço e esperança

Hoje já são sete meses que estou estudando novamente. Posso dizer, com alegria, que já aprendi algumas coisas. Estudo junto com a minha esposa e agradeço muito às professoras Fábria e Silva, que nos ensinam com carinho, paciência e dedicação.

Aprender a ler e escrever é o sonho de qualquer ser humano. É a liberdade de não depender de outros para ler uma placa, uma mensagem ou qualquer coisa da vida. Mesmo depois de adulto, esse sonho permanece vivo dentro da gente.

A esperança nunca morre. E eu sigo firme, porque enquanto eu puder, vou estudar. Quero mais sabedoria, quero conquistar minha independência e mostrar que nunca é tarde para aprender.

Mauro Romão da Silva

Minha jornada de vida

Infância de rejeição

Nasci no estado da Bahia, em Aurelino Leal, há 47 anos. Desde o início, minha vida foi marcada por sofrimento e rejeição. Quando minha mãe descobriu a gravidez, meu pai a abandonou, dizendo que eu não era filha dele.

Ainda bebê, com apenas 15 dias de nascida, fui entregue a um casal de moradores de rua que vivia debaixo de uma ponte. Minha mãe, arrependida, tentou me buscar, mas logo me entregou novamente ao meu pai, que também não me quis. Cresci sem sentir o carinho paterno, mas, ironicamente, hoje sou o retrato vivo dele.

Mudanças e trabalho precoce

Mais tarde, minha mãe me levou de volta para a Bahia, onde fui bem recebida, mas as dificuldades logo voltaram. Passávamos muitas necessidades até que ela decidiu buscar melhores condições em São Paulo.

Vimos morar em Carapicuíba, no Jardim Donato. Minha mãe trabalhava no São Paulo 2 e caminhava longas distâncias todos os dias para sustentar a família. Eu comecei a trabalhar

muito cedo, com apenas 9 anos, entregando todo o dinheiro em casa para ajudar.

Juventude e novos desafios

Na adolescência, aos 16 anos, engravidei da minha filha Michele. Minha mãe me deu um ultimato: abortar ou morar com o pai da criança. Escolhi a vida e fui morar com ele. Assim começou mais um capítulo de dor.

No início, meu esposo parecia ser um bom companheiro, mas com o tempo vieram as traições, as noitadas e as mentiras. Permaneci 13 anos nesse relacionamento, e desse período nasceram meus três maiores presentes: Michele, Mirele e Rô.

Momentos de dor e fé

Em 2003, enfrentei uma das maiores provas da minha vida. Minha filha do meio sofreu um acidente grave quando um tanque caiu sobre sua cabeça. Foi um momento de muita dor, mas também de fé.

Em vez de apoio, recebi do meu esposo apenas acusações injustas. Eu já havia alertado sobre o perigo, mas ele preferiu colocar a culpa em mim.

Foi nesse tempo de sofrimento que encontrei a igreja, onde conheci a Palavra de Deus e tive minha vida transformada.

Hoje, sigo louvando ao Senhor e colocando minha esperança nele.

O sonho de aprender

Minha caminhada ainda não terminou. Não tive a oportunidade de estudar na infância, mas agora estou na escola com um propósito: aprender. Meu maior desejo é ler e escrever, não depender de ninguém e realizar sonhos como dirigir e, principalmente, ler a bíblia.

Nesse processo, encontrei pessoas que me fortalecem. Minha professora Fábiana é uma delas: sempre paciente, incentivadora e amiga. Mesmo quando penso que não estou aprendendo, ela me lembra que cada passo já é uma vitória.

Sigo firme, acreditando que ainda serei muito feliz. Minha história é feita de lutas, mas também de fé, esperança e amor pelos meus filhos e pela vida.

Valquíria Silva Reis

Caminhos interrompidos, sonhos retomados

Infância nas olarias

Nasci e cresci no meio do trabalho duro, acompanhando meu pai que era oleiro e vivia de olaria em olaria. Nossa vida era marcada pela constante mudança: não ficávamos mais de um ou dois meses em um lugar. Assim que começávamos a nos adaptar, já era hora de partir novamente. Meu pai mudava de cidade como se fosse um cigano, sempre em busca de trabalho, e nós, filhos, íamos juntos.

Vida na roça

Por causa disso, a escola se tornou um sonho distante. Quando começávamos a estudar, logo tínhamos que abandonar porque a mudança vinha. Nunca parávamos em lugar fixo e, aos 12 ou 13 anos, já precisávamos ajudar no trabalho pesado. Aprendi a bater tijolo, maçar barro, tocar cavalo e plantar na roça. A infância inteira se perdeu entre a olaria e a lavoura, sem tempo para os cadernos e as letras.

Sonho interrompido de estudar

Enquanto eu seguia nessa rotina, vi minha irmã conseguir uma oportunidade: ela entrou na escola, estudou e conseguiu se formar como enfermeira. Esse foi um orgulho para nossa

família, mas também uma lembrança do que eu e meus outros irmãos não pudemos ter.

Retorno aos estudos

Hoje, depois de adulta, resolvi voltar. Voltar para tentar aprender, pelo menos a ler. Porque é muito difícil viver sem saber interpretar as coisas, sem conseguir compreender o que está escrito. Para mim, aprender a ler já é um sonho, já é de grande valor.

Retomo agora esse caminho interrompido na infância, acreditando que nunca é tarde para recomeçar.

Cada letra que aprendo hoje é como um tijolo novo na construção da minha vida. Onde antes havia apenas barro e esforço, agora existe também a esperança de erguer, com palavras, o sonho que o tempo não conseguiu apagar.

Vera Lucia Felipe da Silva

Relato de vida

Minha Caminhada

Passei cinco anos por lá. Nesse tempo, minha esposa engravidou e nossa filha nasceu. Mas as dificuldades foram aumentando. O dinheiro não dava, as contas só cresciam e, mesmo com a ajuda da mãe de um lado e da sogra do outro, parecia que nada era suficiente.

Um dia, sentei com minha família e ouvi o conselho do meu velho:

“Meu filho, tá ruim de ganho. Não aconselho ficar aqui não, é melhor deixar sua família.”

Essas palavras ecoaram dentro de mim. Então, tomei coragem e decidi partir para São Paulo. Saí de casa puxando uma mala, e minha filha pequena, agarrada a ela, não queria soltar. Aquela cena nunca saiu do meu peito.

Na capital paulista, observei o movimento da cidade e logo consegui trabalho. Depois de uns quinze dias, mandei dinheiro para buscar minha família. Quando chegaram, alugamos uma casinha simples e recomeçamos. Eu trabalhava de um lado, e minha esposa inventou de cuidar de crianças. Aos poucos, nossa casa foi se enchendo de vida: eram doze, treze meninos, às vezes até dezesseis. Ela cuidava de todos com dedicação e amor.

Também trago comigo lembranças do tempo de escola. A gente era da roça, e eu não era o mais velho da turma. Trabalhava de manhã até meio-dia e, de tardinha, seguia para a escola. Eram 12 quilômetros de distância, percorridos numa bicicleta velha. Muitas vezes éramos quatro na mesma bicicleta — acredita? Que aventura! Mas chegou uma hora em que não dava mais. O trabalho falou mais alto do que os estudos. Parei no quarto ano. Até cheguei a me matricular no quinto, mas não consegui terminar.

Hoje, guardo um certo arrependimento por não ter continuado, mas sigo com esperança. Tenho fé de que ainda vou retomar os estudos. Quem sabe aparece um curso, um concurso... e eu conquisto algo a mais para dar o melhor para minha família. Minha história é feita de lutas, mas também de superações. Não foi fácil, mas cada passo foi construído com esforço, coragem e fé. Quando olho para trás, sinto orgulho da caminhada e gratidão por tudo o que já vivi. Hoje sei que, mesmo com as dificuldades, a vida também é feita de vitórias. Agradeço a Deus por cada aprendizado, pelas conquistas e pelos sonhos que ainda tenho para realizar.

Elimar Afonso de Sousa

Caminhos interrompidos, sonhos retomados

As lembranças do passado

Na época da minha infância, a vida era dura no campo. Meus pais e bisavós viviam da roça, e estudar não era prioridade. Meu pai nos tirou da escola para que ajudássemos no trabalho da terra. Assim, os cadernos foram deixados de lado, e os sonhos de aprender ficaram guardados, quase esquecidos, em meio ao peso da enxada e à rotina da zona rural.

O tempo de recomeçar

Hoje, minha realidade é diferente. Moro sozinha, tenho minha casinha em São Paulo e já não tenho filhos pequenos para cuidar. É nesse novo tempo que decidi voltar a estudar. Sinto que a vida me oferece uma segunda chance e que o conhecimento, antes negado, agora está ao meu alcance.

A força da fé

Não caminho sozinha nessa decisão. Trago comigo a fé no Senhor Jesus, que me fortalece e me dá coragem para seguir adiante. Voltar à escola não é apenas aprender letras e números, mas também reafirmar a esperança, mostrar que os sonhos podem renascer e que nunca é tarde para acreditar em si mesma.

Escrever minha trajetória é transformar dor em resistência e lembrar que, mesmo quando os caminhos são interrompidos, sempre existe a possibilidade de retomá-los. Hoje, escrevo não apenas para mim, mas para todas as pessoas que acreditam que o aprendizado é uma luz que nunca se apaga.

Juscimaria Pereira de Sousa

Infância no Campo

Meu nome é **Vera Lúcia Coelho da Silva**. Nasci em **Teófilo Antônio, Minas Gerais**, na Fazenda Boa Vista. Desde muito cedo, enfrentei uma vida de muito trabalho e poucas oportunidades.

Aos sete anos de idade, comecei a trabalhar na roça. Catava café, cortava cana e ajudava na colheita de arroz, sempre no meio da água e da terra. Minha mãe não permitia que eu fosse à escola, pois acreditava que estudar não era importante, que servia apenas para “arrumar namorado”. Por isso, meu destino, assim como o dos meus irmãos, foi o trabalho duro no campo.

Uma Nova Família

Apesar das dificuldades, Deus colocou pessoas especiais em meu caminho. Ainda criança, por volta dos nove anos, conheci uma família maravilhosa que me acolheu como filha: meu tio **Manoel**, minha tia **Geralda** e os irmãos **Nelson, Divina, Sônia, Lindaura, Maria Helena e Cristina**. Eles me ofereceram carinho e apoio em um momento em que eu mais precisava.

Aos 14 anos, mudei-me com minha mãe para São Paulo. Ela sonhava em conhecer a cidade, acreditando que fosse um “mar de rosas”. Porém, a vida não foi fácil. Um ano depois, precisei buscá-la novamente, mas logo em seguida ela faleceu. Eu tinha apenas 16 anos. Foi um período de muita dor, mas pude contar com a família que havia me adotado como parte deles.

Construindo Minha Família

Com o tempo, formei minha própria família. Casei-me, tive quatro filhos, mas me separei cedo e fiquei sozinha para criá-los. Não foi fácil. Trabalhei de dia e de noite, sempre com um único objetivo: garantir o estudo e o futuro dos meus filhos. Graças a Deus, consegui. Eles cresceram, se formaram e conquistaram seus caminhos. Uma de minhas filhas tornou-se **engenheira**, outra trabalha no **banco Itaú** é a mais nova, **Vitória**, seguindo os seus estudos.

Hoje, tenho **onze netos e dois bisnetos**, que são motivo de orgulho e alegria.

Um Novo Começo

Depois que meus filhos se tornaram adultos, decidi realizar um sonho antigo: **voltei para a escola**.

Minha intenção foi conquistar minha independência, não depender de ninguém, nem mesmo dos filhos. Quero poder pegar um ônibus, ir ao médico ou resolver minhas coisas sem precisar de ajuda.

Voltar a estudar tem sido uma experiência transformadora. Na escola, encontrei uma turma maravilhosa e uma professora dedicada, a quem sou muito grata.

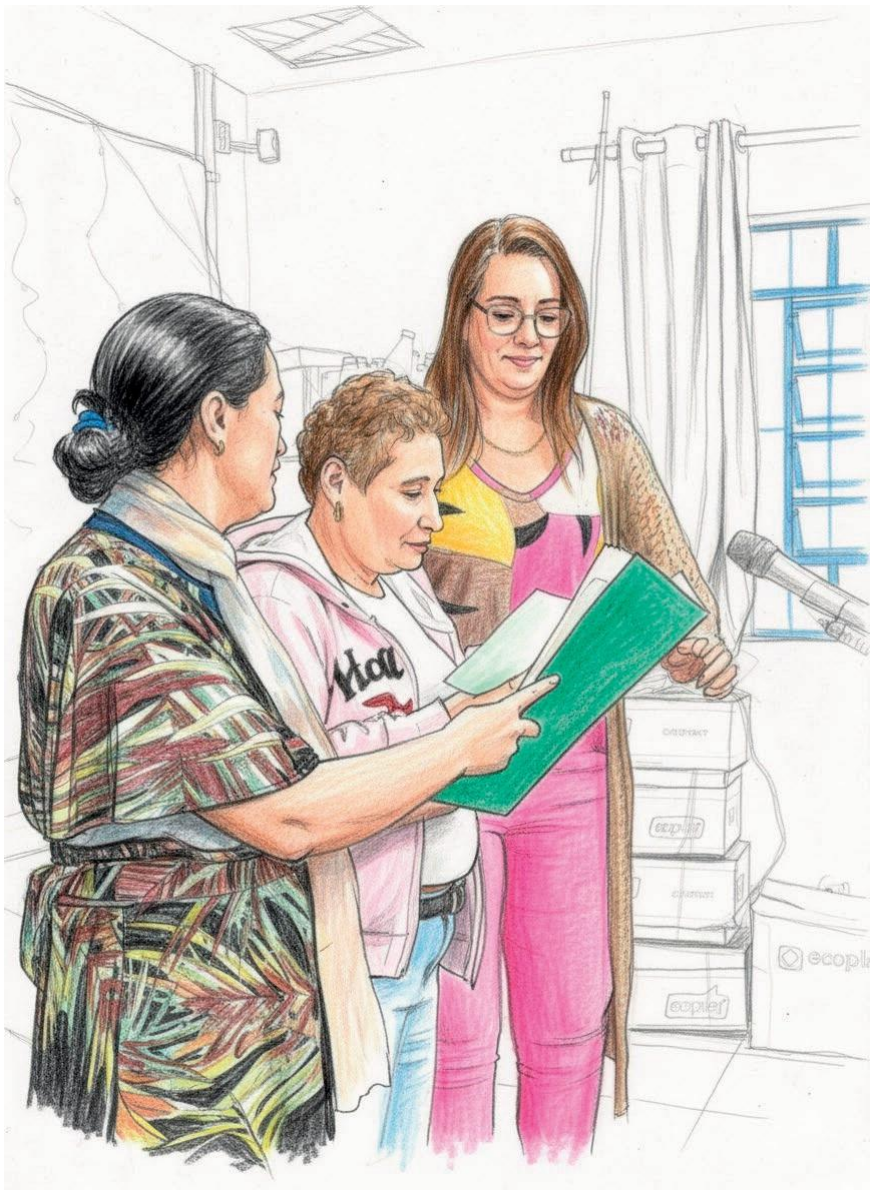
Tenho aprendido, me cuidado melhor e descoberto que nunca é tarde para recomeçar.

Mensagem de Gratidão

Hoje, olho para minha trajetória com fé e gratidão. Tudo o que vivi me fez chegar até aqui, mais forte, mais consciente e cheia de esperança.

“Nunca é tarde para recomeçar. Hoje sou grata a Deus por tudo que vivi e por tudo que ainda vou viver.”

Vera Lúcia Coelho da Silva



Biografia de Vera Lúcia Coelho da Silva

Meu nome é **Vera Lúcia Coelho da Silva**. Nasci em Teófilo Antônio, Minas Gerais, na Fazenda Boa Vista. Desde muito cedo, enfrentei uma vida de muito trabalho e poucas oportunidades.

Aos sete anos de idade, comecei a trabalhar na roça. Catava café, cortava cana, ajudava na colheita de arroz, sempre no meio da água e da terra. Minha mãe não permitia que eu fosse à escola. Ela acreditava que estudar não era importante, que serviria apenas para “arrumar namorado”. Por isso, meu destino, assim como o dos meus irmãos, foi o trabalho duro no campo.

Apesar das dificuldades, Deus colocou pessoas especiais em meu caminho. Ainda criança, por volta dos nove anos, conheci uma família maravilhosa que me acolheu como filha: meu tio Manoel, minha tia Geralda e os filhos Nelson, Divina, Sônia, Lindaura e Cristina. Eles me ofereceram carinho e apoio em um momento em que eu mais precisava. Aos 14 anos, mudei-me com minha mãe para São Paulo. Ela sonhava em conhecer a cidade, acreditando que fosse um “mar de rosas”. Porém, a vida não foi fácil. Um ano depois,

precisei buscar minha mãe novamente, mas logo em seguida ela faleceu. Eu tinha apenas 16 anos. Foi um período de muita dor, mas pude contar com a família que havia me adotado como parte deles.

Com o tempo, formei minha própria família. Casei-me, tive quatro filhos, mas me separei cedo e fiquei sozinha para criá-los. Não foi fácil. Trabalhei de dia e de noite, sempre com um único objetivo: garantir o estudo e o futuro dos meus filhos. Graças a Deus, consegui. Eles cresceram, se formaram e conquistaram seus caminhos. Uma de minhas filhas tornou-se engenheira, outra trabalha no banco Itaú, e a mais nova, Vitória, segue os estudos. Hoje, tenho onze netos e dois bisnetos, que são motivo de orgulho e alegria.

Depois que meus filhos se tornaram adultos, decidi realizar um sonho antigo: voltei para a escola. Minha intenção foi conquistar minha independência, não depender de ninguém, nem mesmo dos filhos. Quero poder pegar um ônibus, ir ao médico ou resolver minhas coisas sem precisar de ajuda. Voltar a estudar tem sido uma experiência transformadora.

Na escola, encontrei uma turma maravilhosa e uma professora dedicada, a quem sou muito grata. Tenho aprendido, me cuidado melhor e descoberto que nunca é tarde

para recomeçar. Hoje, olho para minha trajetória com fé e gratidão. Tudo o que vivi me fez chegar até aqui, mais forte, mais consciente e cheia de esperança.

Vera Lúcia Coelho da Silva

O fio invisível

Havia um jovem que vivia preocupado em descobrir qual era o sentido da vida. Corria de um lado para o outro, fazia planos, mas nunca parecia estar satisfeito.

Um dia, encontrou um velho artesão que tecia um tapete colorido. O jovem, curioso, perguntou:

— Qual é o segredo da vida?

O artesão sorriu e mostrou-lhe o lado de trás do tapete, cheio de nós, fios soltos e confusos.

— Vê? Assim parece a vida quando estamos dentro dela.

Em seguida, virou o tapete e revelou um desenho harmonioso e belo.

— Com o tempo, tudo ganha sentido. Cada erro, cada alegria, cada gesto, cada tristeza, cada detalhe.

— Entendeu?

Antônia Yslani Silva de Oliveira

A Casa dos Fantasmas

Era um dia chuvoso e nublado no interior de São Paulo. Uma família simples, vinda da cidade, decidiu mudar-se para lá, buscando mais contato com a natureza e uma vida tranquila, longe da agitação urbana.

Ao chegarem, perceberam que o lugar tinha uma aparência sombria. A casa, de madeira, parecia comum, mas ao redor havia uma floresta fechada, com apenas uma trilha ligando-a ao mundo exterior.

A família era composta por Dorothy, a mãe; Derek, o pai; e Alissa, a filha. Não eram muitos, mas eram felizes juntos.

No primeiro dia na nova casa, Alissa começou a ouvir barulhos estranhos e a ver vultos. Certa vez, ao se olhar no espelho, viu atrás de si o fantasma de uma velha — que, para seu espanto, se parecia com ela mesma.

Depois disso, toda a família começou a presenciar coisas semelhantes: cada um via e ouvia versões idênticas de si, mas envelhecidas, atormentando-os constantemente.

Certa noite, enquanto assistiam a um filme na sala, a chuva forte os distraía. Não perceberam a entrada de um homem

estranho. Ele soltou um gás dentro da casa, e todos ficaram desacordados ...Para sempre.

O assassino, então, roubou tudo o que havia e foi embora. Naquele mesmo instante, os espíritos da família se tornaram fantasmas, presos àquela casa. Desde então, permaneceram lá, à espera da próxima família que ousasse se mudar para o lugar.

Maria Luisa Ranieri Paz

Futebol e o braço do T-Rex

Era uma segunda-feira nublada, 30 de maio. O treino caminhava para o fim, e o placar pessoal de Isaac estava modesto: apenas um gol, de perna direita, chutado de fora da área. Mas ainda havia tempo para brilhar.

Um cruzamento pela ponta direita veio certo, ele dominou de chaleira e disparou pelo campo, o lateral adversário surgiu à frente, bloqueando a passagem. Isaac arriscou a finta, o carrinho foi seco, preciso e cruel, o chão o recebeu com violência, e o peso do corpo caiu direto sobre o braço esquerdo.

O mundo, de repente, pareceu girar em câmera lenta, um estalo ecoou no silêncio da sua mente. A dor queimava por dentro, como se algo estivesse se partindo em fogo, o choro veio junto com o desespero.

O treinador correu, encerrou o treino, chamou um carro e o levou ao hospital. Na pressa, mal houve tempo de entender o que acontecia. Poucos minutos depois, Isaac já estava diante de um raio-X. O diagnóstico veio rápido: fratura. Um mês fora dos gramados.

As palavras dos médicos soaram como sentença, o gesso apertou o braço e o coração, o menino que sonhava com gols passou noites mal dormidas, tomando remédios, lutando contra o medo de nunca mais jogar, pensou em desistir.

Mas numa madrugada sem sono, o celular iluminou o quarto. No TikTok, apareceu Messi, o craque falava sobre resistência, sobre não abandonar o sonho de conquistar a Copa do Mundo, aquela fala, simples e direta, acendeu algo dentro dele.

No dia seguinte, Isaac voltou a sonhar, voltou a treinar, recuperou o espaço perdido. Hoje, de volta ao time como titular, carrega no braço não apenas a lembrança da dor, mas a certeza de que desistir nunca é opção para quem nasceu para jogar.

Isaac Matheus Pérez

Um amor que cabia no silêncio

Clara sempre se sentava no mesmo banco da praça. Até que, um dia, encontrou Miguel, também sozinho.

No início, trocavam apenas olhares e sorrisos à distância. Com o tempo, ele pediu para sentar ao lado dela, e ela respondeu, com suavidade, que já o esperava. Assim nasceu um amor simples, silencioso e verdadeiro.

Eles não precisavam de muitas palavras. Bastava a presença. Bastava o canto dos pássaros, o vento entre as árvores. Às vezes, Miguel levava um livro e lia em voz baixa, enquanto Clara fechava os olhos, deixando-se embalar pela vibração da voz dele. Outras vezes, permaneciam apenas observando o movimento da praça, partilhando silêncios que só eles compreendiam.

Com o passar dos dias, o banco deixou de ser apenas um lugar. Tornou-se memória, promessa e abrigo. Não importava o que acontecesse fora dali: quando estavam juntos, o mundo inteiro parecia caber na quietude daquele instante.

E foi assim, entre silêncios, sorrisos e gestos pequenos, que descobriram a força de um amor que não grita, mas que permanece — mesmo sem palavras.

Ana Clara Da Silva Diniz

Entre a amizade e o silêncio

Sarah e Perla eram inseparáveis. Confiavam uma na outra, dividiam segredos, riam juntas nos corredores da escola. Mas, com o tempo, Pérola começou a perceber gestos que não combinavam com a amizade: pequenas mentiras, falsidade escondida atrás de sorrisos, silenciosamente, afastou-se.

Sarah, porém, não aceitou, chamou a antiga amiga em casa, mas Pérola recusou. Ferida, Sarah deixou a mágoa crescer até se transformar em vingança. Passou a inventar histórias, espalhando rumores sobre Pérola. Está cansada de lutar contra as palavras, chegou a confirmar as mentiras apenas para que a deixassem em paz.

Os dias ficaram pesados e apesar de serem vizinhas, Pérola evitava cruzar com Sarah. Quando voltaram à rotina da escola, o pesadelo continuou: duas alunas novas foram envenenadas pelas fofocas, indiretas surgiam nos corredores, risadas pelas costas, provocações sem motivo.

Pérola tentou buscar ajuda, pediu à diretora que interviesse, mas foi ignorada. A cada dia, a injustiça a marcava mais, até

que Sarah passou dos limites: começou a atirar objetos em sua direção durante a aula, arrancando gargalhadas da turma. Naquele dia, Pérola explodiu, levantou-se, enfrentou a antiga amiga e a xingou diante de todos, o confronto levou a uma reunião no dia seguinte, mas nada mudou.

Mesmo assim, Pérola não cedeu, seguiu firme, decidida a não desistir da escola. O silêncio que antes a separava de Sarah transformou-se em força: a certeza de que, apesar das mentiras, ela permaneceria de pé.

Pietra Marques Souza

Eu, Minha Filha e o Pico

Era um belo domingo quando decidi levar minha filha para visitar meu pai. Assim que chegamos, ela apontou para um morro imenso que se erguia no horizonte.

— Pai, o que é aquele monte? — perguntou curiosa.

Meu pai sorriu e respondeu com a calma de quem já guarda muitas histórias:

— É o Pico do Jaraguá.

Os olhos dela brilharam, e não havia como negar aquele convite silencioso. Fomos juntos, guiados por meu pai, e pelo caminho conhecemos aldeias indígenas, ouvimos histórias e seguimos por trilhas que pareciam guardar segredos antigos. Eu e minha filha, animados, encaramos a subida. Uma hora de caminhada, suor, risadas e fôlego curto, até que finalmente chegamos ao topo. Lá em cima, o mundo se abria diante de nós. Foi quando cruzamos com um geógrafo simpático, que nos emprestou seu binóculo. Minha filha, encantada, olhou o horizonte como quem descobre um novo universo.

Na descida, meu coração estava leve. Mais do que o passeio, ficou a memória daquele instante — meu pai feliz, minha

filha fascinada e eu, grato por poder viver aquele dia simples,
mas inesquecível.

Tiago Augusto Santos De Andrade

A vida de Sueli

Sueli nunca acreditou que a vida fosse um espetáculo de sonhos. Desde cedo entendeu que conquistas não caíam do céu: exigiam esforço, paciência e, muitas vezes, lágrimas escondidas no silêncio da noite.

Ouviu desde menina que precisava ser forte — e foi exatamente isso que se tornou. Na adolescência perdeu amigos, rompeu relações e aprendeu, a duras penas, quem realmente estava disposto a caminhar ao seu lado. Descobriu que até as menores vitórias — um sorriso sincero, a paz depois de um dia turbulento — mereciam ser celebradas.

A vida não lhe oferecia finais perfeitos, mas lhe dava recomeços.

O amor, para ela, foi capítulo cheio de contrastes. Sueli acreditou em promessas que se quebraram e confiou em palavras que o vento levou. Mas nunca permitiu que a amargura lhe roubasse a capacidade de sentir. Compreendeu que amar não era viver sempre em festa, mas ter a coragem de permanecer, mesmo quando o caminho se tornava pesado. Entre o trabalho e os estudos, seus dias eram longos e cansativos. Ainda assim, encontrava forças para resistir. Não

buscava aplausos; queria apenas a tranquilidade de saber que fazia o possível para construir algo sólido.

Hoje, olhando para trás, Sueli reconhece: sua história não é feita de contos mágicos, mas de realidade crua. E, mesmo assim, há beleza nisso. Cada cicatriz guarda uma lembrança, cada vitória carrega orgulho. Sua vida é feita de lutas, quedas e passos firmes.

E, para ela, isso já é o suficiente.

Sueli Dos Santos Barbosa



Um gesto na chuva

Lucas acordou com a chuva forte batendo contra a janela. O céu cinzento anunciava que aquele seria um dia difícil. Como não podia ir de bicicleta, decidiu caminhar até a escola, guarda-chuva em mãos e tênis que logo se encharcaram nas poças da rua.

No caminho, encontrou Dona Helena, a vizinha idosa, lutando para segurar uma sacola rasgada. As frutas rolavam pela calçada molhada. Sem pensar duas vezes, Lucas correu para ajudar. Recolheu as compras espalhadas e acompanhou a senhora até a porta de sua casa.

— Obrigada, meu querido — disse ela, oferecendo-lhe uma maçã em sinal de gratidão.

Encharcado, mas feliz, Lucas seguiu o trajeto até a escola. Ao chegar, a professora o recebeu com um sorriso caloroso:

— Que bom que você veio, mesmo com a chuva.

Naquela manhã chuvosa, Lucas entendeu que pequenos gestos de gentileza podiam iluminar até os dias mais cinzentos.

Maria Eduarda Pinheiro Fernandes

Maria da Ajuda

Meu nome é Maria da Ajuda Matias Melo, nasci em Serra dos Aimorés, Minas Gerais, mas fui criada na Bahia, terra da minha mãe. Meu pai não ficou, abandonou minha mãe quando ela estava grávida de mim. E foi aí que começou meu maior sofrimento: eu cresci rejeitada. Minha mãe, com a raiva que tinha do meu pai, descontava em mim. Era pancada, era desprezo, e eu não entendia. Só muito depois é que percebi que ela tinha transferido essa dor para mim.

Com 16 anos, ela me casou cedo, para se livrar de mim. Casei-me, tive nove filhos: cinco meninas e quatro meninos. Hoje tenho 59 anos e carrego comigo muita história, muita dor e muita vitória.

Um dos capítulos mais pesados da minha vida foi a perda do meu filho William, há seis meses. Ele lutou muito contra as drogas. Foi consagrado pastor, ajudava gente perdida, entrava até nos lugares de droga para resgatar quem estava lá dentro. Mas ele mesmo não aceitou toda a ajuda que tentamos dar. Dizia que estava bem, ficava bem por um tempo, mas depois vinha a recaída. Morreu novo, deixando cinco filhos, e dois deles até hoje sofrem crises, choram querendo o pai.

Eu ajudo todos, mas é pesado ver crianças crescendo com essa falta.

Não foi só isso: uma das minhas filhas também enfrentou depressão profunda. Com apenas 14 anos, tentou tirar a própria vida várias vezes. Eu vivia ajoelhada na beira da cama dela, chorando e pedindo a Deus. Foi nesse tempo que Deus preparou uma mudança: saímos de Caucaia e fomos morar em Vargem Grande, onde ela começou tratamento numa igreja chamada Curados para Curar. E lá, Deus cuidou dela e de mim também. Hoje, graças a Ele, estamos bem.

Também já passei por doença grave. Com 25 anos, fui curada de um câncer no esôfago. Eu fumava muito, mas naquele dia mesmo em que o Senhor me curou, nunca mais coloquei um cigarro na boca. Desde então, dediquei minha vida a servir a Deus, porque sei que Ele me deu uma nova chance.

Agora, no meio de tanto luto e dor, Deus abriu um presente para mim: a escola. Minha mãe me tirou cedo dos estudos, para cuidar dos irmãos e ajudar em casa. Parei de estudar ainda menina, com uns 10 anos. E agora, depois de tantos anos, estou aqui de volta, aprendendo. A escola, para mim, é sonho realizado. Cada conta que eu faço, cada palavra que eu leio, eu chego em casa feliz, chamando minha filha Miriam:

“Vem ver o que eu aprendi hoje!” Me sinto como uma criança voltando da escola, mostrando o caderno cheio de novidade. Se for para resumir a Maria de hoje numa palavra, eu diria que sou uma mulher que aprendeu a viver pela vontade de Deus. Já passei pela dor, pela rejeição, pela perda, pela doença. Mas também vivi o milagre, o amor, a fé e agora, esse recomeço com os estudos.

Eu sou Maria da Ajuda. E minha história não é só de dor, é também de esperança e renascimento.

Maria Dajuda Matias Melo

Refúgios de Zumira

Meu nome é Zumira dos Santos Messias, tenho setenta anos. Nasci em Caucaia do Alto, Cotia, no Sítio dos Brunos. A vida nunca foi fácil. Desde criança precisei trabalhar duro com meu pai no lenheiro, cortando e descascando lenha. Muitas vezes não tínhamos nada para comer. Foi aí que descobri uma força que me acompanha até hoje: a água e a pescaria.

Quando não havia comida, eu ia para o rio. Pescava, assava o peixe no espeto de taquara e levava para a família. Às vezes também caçava passarinhos com estilingue, fazia arapuça. Mas era o rio que me salvava. Desde pequena aprendi que a água era vida, era sustento, era gratidão. A pescaria nasceu como necessidade e virou paixão. Até hoje, quando estou às margens do rio, sinto uma paz tão grande que esqueço dos problemas. O tempo voa e, quando chega a hora de ir embora, dá até tristeza.

Sou mãe de oito filhos: quatro mulheres e quatro homens. Alguns me deram mais trabalho, como o filho dependente químico e o mais velho, mas os demais me dão muito orgulho. Minhas filhas, por exemplo, são companheiras, comprometidas, e sempre me apoiam.

Minha vida adulta também foi cheia de lutas. Casei nova, trabalhei em olaria, criei meus filhos. O casamento não foi feliz: muitas traições, muita dor. Depois que meu marido faleceu, continuei enfrentando dificuldades, principalmente com o filho que enfrenta problemas com drogas. Sofro muito com isso, mas aprendi que tem coisa que só Deus pode cuidar. E foi aí que encontrei outro refúgio: a escola. Voltar a estudar na minha idade é um orgulho. Aqui eu tenho um momento só meu. Com os colegas me sinto bem, aprendo coisas que nunca pensei que aprenderia, como assinar meu próprio nome. A escola é como uma segunda chance: me ajuda a esquecer um pouco dos problemas, me dá alegria, me dá força.

Hoje posso dizer que minha vida se sustenta em duas coisas: Na escola, que é esperança, amizade e aprendizado.

Na pescaria, que é vida, gratidão e paz.

Quando estou na sala de aula ou quando estou no rio, eu esqueço as dores, esqueço as tristezas. Ali eu sou apenas Zumira: feliz, inteira e em paz.

Zumira dos Santos Messias

O banquinho e a vida

Eu sou a Maria Aparecida Gomes e nasci em Rio Vermelho,
Minas Gerais.

A vida, para mim, não esperou eu crescer pra começar. Meu pai se foi quando eu tinha 2 anos. Minha mãe, quando eu tinha 4. Quem ficou para cuidar de mim e dos meus irmãos foi meu irmão mais velho. Mas ele também precisava ganhar o pão, e veio pra São Paulo. Foi aí que começou a parte mais amarga da minha história.

Fomos morar com outro irmão. E ele... ele não tinha coração. Eu, com 5 anos, já subia num banquinho pra alcançar o fogão. Cozinhava café, merenda, batata-doce, almoço... tudo para 15 pessoas. Mas, da comida que eu fazia, eu e meus irmãos não podíamos comer. O que sobrava para nós eram as frutas do quintal.

O serviço nunca tinha fim. Ele separava dois pedaços grandes de quintal para mim e para o Paulo limpar, e deixava pra ele mesmo uma parte pequena. Se demorasse ou não ficasse do jeito que ele queria... vinham os gritos, os xingamentos, e às vezes a surra.

O dia e a noite eram de trabalho. Até que não deu mais para aguentar. Meu irmão mais novo foi morar com a madrinha. Eu e minha irmã fomos para casa de um tio, marido da irmã da minha mãe.

Minha tia não queria a gente. Faltava carinho, faltava cuidado. Mas meu tio... ah, meu tio foi como um pai. Mesmo assim, a vida continuou pesada. A gente acordava às quatro da manhã para ir pra roça. Eu, com 6 anos, já trabalhava para comprar uma calcinha, um chinelo. Roupas, a gente mesma fazia: pegava saco de pano de chão, abria, tingia com tinta de mato, costurava elástico... e pronto. Virava vestido ou saia. Tem lembrança que até hoje me dói. Coisas que eu prefiro guardar aqui dentro. Vi maldade demais com a minha irmã. Naquele tempo eu não entendia, mas hoje sei o que era. E, sabendo, a dor é maior. Carrego no coração uma tristeza funda, que nem o tempo levou.

Com 17 anos, vim pra São Paulo. Trabalhei em casa de família, em Pirituba. O serviço pesado não me assustava. Depois da vida que tive, limpar casa era até leve. Mas o trauma... esse, sim, pesava no corpo e na alma.

Aos 20, casei. Tive quatro filhos. Perdi um, com 35 anos. Essa dor é outra, não se compara. Perder pai e mãe sendo

criança a gente mal entende. Mas perder um filho... é como se arrancassem um pedaço da gente e deixassem o buraco aberto para sempre.

O pai dos meus filhos não prestou. Mulherengo, foi embora viver com outra. Depois quis voltar, mas eu não quis mais. Segui o caminho dele, sem sossego, até que a morte o alcançou.

Fiquei com meus três: Fernando, Fernanda e Fabiana. Lutei. Lutei muito. Tem gente que diz que eu pareço mais nova do que sou, mas não imaginam o peso que carreguei.

Quando meus filhos eram pequenos, eu não sabia ler nem escrever. Isso doía fundo. Eles traziam o caderno, pediam ajuda nas lições... e eu não podia.

Mas um dia, decidi mudar essa história. Voltei a estudar. Hoje, eu leio e escrevo. Sento na mesa e leio para os meus netos. Conto histórias. Dou para eles o que nunca tive e não pude dar pros meus filhos.

Na escola, a gente é família. Eu dou risada, tenho amigos, aprendo. E se hoje eu tivesse que me descrever numa palavra, seria: **vencedora**. Porque tem hora que eu olho pra trás e penso: *eu cheguei*. Eu venci.

Maria Aparecida Gomes

O Sonho que Nunca Morreu

Eu sou Marta, nascida e criada em Caucaia do Alto, Cotia, São Paulo. Fui a filha mais nova de dez irmãos — seis homens e quatro mulheres. Hoje, restam vivos os seis irmãos homens e uma das irmãs. E eu sou a filha, a caçula da família. A vida foi dura, mas me ensinou a ser firme.

Desde pequena, eu nunca fui de boneca. Gostava mesmo era de brincar com os irmãos, de correr pra lá e pra cá, brincar de carrinho. Eu era mais do mato mesmo, do chão, da correria. Meu pai trabalhava com boi, e eu vivia junto com ele, ajudando, aprendendo. Domava boi com ele, sem medo nenhum. Todo mundo dizia que eu era bruta, mas eu era só corajosa.

Comecei a estudar com nove anos. Mas logo adoeci e meu pai me tirou da escola. Ele dizia que mulher não precisava estudar, que bastava aprender a cuidar da casa. E eu acreditei. Cresci achando que era isso mesmo. Que escola não era para mim.

Depois me casei. Pensei que ia voltar a estudar, mas meu marido falava a mesma coisa: que mulher casada tinha que cuidar de filho, de casa, e pronto. Aí veio a vida de chácara, serviço pesado, criança pequena para criar. Eu levava os

filhos para a escola andando, do Quilombo até a Capelinha, todo santo dia. Mas eu mesma nunca mais voltei para a sala de aula.

O que doía era ver meus filhos pedindo ajuda na lição de casa e eu não saber. Aquilo me matava por dentro. Eu fingia que não ligava, mas doía. Sentia vergonha, tristeza. Queria mudar aquilo, mas não tinha coragem.

Meu marido ficou doente. Descobriu o câncer já no fim. Morreu no dia do meu aniversário. Foi um baque. Mas também foi um momento de virada na minha vida. Eu pensei: “Agora é só eu e meus filhos. E eu vou correr atrás do que é meu.”

Falei com eles que queria voltar a estudar. E eles me apoiaram com força.

Voltar para a escola foi difícil no começo. Eu tremia, me sentia pequena. Mas fui ficando. E fui aprendendo. Hoje, com 54 anos, eu sei ler, sei escrever, faço conta. Assino meu nome com orgulho.

O sonho de estudar nunca morreu. Ficou escondido dentro de mim, esperando a hora certa. E essa hora chegou.

Hoje eu digo para todo mundo: nunca é tarde.

Marta da Penha Domingues

Cheguei

Nasci em Serrinha, Bahia. Sou Diana, tenho 41 anos nas costas e muita vida no peito. Minha infância foi daquelas misturadas: sofrida e feliz ao mesmo tempo. Tinha dia que a barriga doía de fome, mas o coração se enchia de amor. Mamãe fazia das tripas coração para dar o que podia. Não tinha estudo, mas tinha um coração do tamanho do mundo. Dizia sempre: — Meus filhos vão ser diferentes de mim, vão tudo pra escola.

E a gente ia. Eu ia. Mas, ô meu Deus, não entrava nada na minha cabeça. Principalmente no dia da leitura. A professora chamava e minha língua embarçava. Os colegas tiravam sarro. Eu travava. Tinha uma tia que me ajudava, tentava me dar força, mas os tios zombavam também. E ali, no meio de tudo, a vergonha crescia e o saber fugia.

Com 20 anos na cara, peguei coragem e vim pra São Paulo. A cidade era grande demais para mim, mas fui firme. Fui trabalhar, cuidar de criança, dormir em casa de família. E ali eu vi: sem saber ler, eu era cega no meio da multidão. Minha patroa notou e me falou: — Diana, você quer estudar? Respondi que queria, com o coração batendo apressado.

Ela me botou numa escola lá no Alto de Pinheiros, a tal da Santa Cruz. Comecei a estudar. Mas a vida é bicho arisco. Casei, mudei, fui morar no interior, em Cotia, Alto do Caucaia. A escola mais próxima ficava a 4 quilômetros.

Foi em 2013 que tentei de novo. Uma amiga me incentivou, e eu fui. Mas no caminho, um homem me seguiu. E o medo fez morada em mim. O mesmo medo antigo, que paralisava, voltou. E parei de novo.

A vida foi, o tempo passou. Só em 2022 é que colocaram a condução para o bairro. Quando vi aquele ônibus chegando, meu coração sorriu. Em 2025, peguei meus cadernos, juntei coragem e fui para a escola. Mas fui com o pé atrás, achando que ia ser tudo igual. Igual ao passado. Igual ao medo. Igual à vergonha.

Mas não era.

Lá encontrei a professora Andréa. Mulher de palavra firme e coração grande. “Aqui ninguém fica pra trás”. Ela dizia. E era verdade. Ela via cada aluno como único. Dava atenção, incentivo, coragem. Era como se olhasse para dentro da gente e dissesse: “— Eu acredito em você”.

E eu fui acreditando também. E fui aprendendo. Hoje, digo com orgulho:

Cheguei.

Não cheguei rica, cheia de bem material. Mas cheguei viva, firme, com fé. Minha maior riqueza é Deus, que sempre esteve comigo. Foi Ele quem me deu força nas horas difíceis, quem me acalmou quando minha filha Mikaela quase morreu nos meus braços e ninguém acreditava em mim. Foi Ele quem me sustentou quando quebraram a clavícula da minha filha Heloísa e não quiseram me contar o que houve. Deus me sussurrava:” — Calma, minha filha. É promessa”.

E eu acreditava.

Hoje, minhas filhas estão bem. Minha mãe continua sendo meu porto seguro. Meus irmãos, minha união. E eu, sou uma mulher realizada. Como mãe. Como filha. Como esposa. E agora, como aluna.

A escola virou parte de mim. Não abro mão. E com a professora Andréa, eu aprendo. Um dia, quem sabe, ainda dou aula também. Porque tudo que a gente planta com amor, uma hora floresce.

E eu, Diana, de Serrinha, vim de longe, com pouco, com nada, mas com fé. E hoje posso dizer com a boca cheia e o coração tranquilo: Cheguei.

Diana dos Santos Costa

Ecos da Infância

Meu nome é Kátia, tenho 46 anos. Nasci em uma cidade pequena, em São Paulo. Minha mãe teve quatro filhos: dois já faleceram, e hoje só tenho um irmão vivo.

Minha infância foi muito difícil. Desde pequena eu apanhava bastante. Apanhava do meu pai, e minha mãe às vezes me levava ao médico quando me via machucada. Mas ela também sofria quando tentava me proteger.

Eu sempre fui tratada como se não valesse nada. Tinha que limpar a casa, fazer tudo sozinha. Quando eu dizia que era pequena demais para dar conta, meu pai dizia: *“Fica quieta, você vai fazer o que eu mando”*.

Meu pai nunca me respeitou como filha. Ele tentou me abusar várias vezes, queria que eu me sentasse no colo dele, passava a mão no meu corpo, mandava eu fazer carinho nele. Eu nunca aceitei.

Mas o pior era com a minha irmã mais velha. Desde bebê, com apenas um ano, ele abusava dela. Muitas vezes eu via o pai abusando da minha irmã, e ele até fazia isso na frente da minha mãe. Minha mãe sabia e chegou a denunciar, mas nada aconteceu. Ele continuou abusando dela até a adolescência.

Ela sempre foi a preferida dele, enquanto eu era tratada como lixo, ignorada e desprezada. Eu via tudo e sofria junto, sem poder fazer nada.

Ele ainda é vivo, mas eu nunca mais quis saber dele. Nunca mais vi.

De tanto sofrimento, não consegui estudar direito, e só mais tarde descobri que precisava de ajuda médica. Eu corri atrás de atendimento, e foi constatado que eu tinha problemas mentais por causa de tanto apanhar quando era pequena. Tomei remédio por um tempo, mas hoje não preciso mais.

Depois, perdi meus filhos. Houve uma denúncia contra mim — não era verdade, mas eu não estava conseguindo sustentar eles direito. Eles passavam necessidade, fome, mesmo eu tentando fazer o possível. Quando eu trabalhava, eles ficavam com a minha mãe. Mesmo assim, não deu certo, e eles foram levados para um abrigo. Nunca mais os vi. Lutei 10 anos para tê-los de volta, mas não consegui.

Hoje, porém, eu tenho meus outros dois filhos, que são do meu marido, e eles me apoiam muito. Isso me dá forças para continuar. Meu filho Ângelo foi quem me incentivou a voltar para a escola, e hoje estou aqui, tentando passar de ano. Isso me dá orgulho e ânimo.

Vim morar em Caucaia, quando tinha 45 anos. Faz dois anos e meio que estou aqui com minha mãe. A dor pela perda dos meus filhos ainda existe, mas tento me fortalecer cuidando dos meus filhos atuais, do meu marido e da minha mãe.

O momento mais triste da minha vida foi a perda dos meus filhos e, quase ao mesmo tempo, quando minha mãe quase morreu. O mais feliz foi o meu casamento, que foi maravilhoso, e celebrar a família que Deus me deu. E foi um orgulho formalizarmos nosso casamento, mesmo depois de tanto tempo juntos.

Essa é a minha vida. Cheia de dor, de perdas, mas também de resistência, fé e pequenas alegrias que me mantêm viva.

Kátia Helena Lucas Vieira



Seu Adailton – Gratidão a Deus

Tenho 64 anos. Sou pai de duas filhas e avô de sete netos. O mais velho já vai fazer doze anos, o mais novo tem quatro. É muita benção na minha vida.

Nasci em Minas Gerais, em Fronteira dos Vales, bem no interiorzão. Morei lá até os treze anos. Comecei a trabalhar cedo: com sete anos já estava na olaria, fazendo tijolo. Batia mais de mil tijolos por dia. Como eu era pequeno e não dava conta de carregar o peso para alimentar o forno, pagava um adulto para me ajudar. O dinheirinho que entrava ajudava a sustentar minha família, porque a boca era muita e meu pai tinha ido para São Paulo.

A vida era dura. Minha mãe matava porco, fritava toda a carne no fogão à lenha e guardava numa lata de cinco litros cheia de gordura, porque não tinha geladeira nem freezer. Aquilo conservava. Na hora do almoço, ela tirava um pedacinho de carne ou toucinho, esquentava e punha na mesa. Era isso com arroz e feijão que enchia a barriga da criançada. Cada grão era contado. Ela mesma dividia a comida, ninguém podia mexer.

Com 11 para 12 anos, eu já ia para a mata com meu tio Tindô buscar madeira. Ele dizia: “você vai junto porque é mais sabidinho. Você vai levar o dinheiro e pagar os homens.”

Responsabilidade de gente grande, mas eu ia. Sofremos muito, mas vencemos.

Aos 13 anos, fui para o Pará. Passei 32 anos lá, sempre trabalhando por conta própria. Fui sócio numa serraria chamada Simpol. Nunca tive patrão.

Foi no Pará também que enfrentei uma das maiores provas da minha vida: minha ex-mulher foi embora, me deixou sozinho. Fiquei cuidando das minhas duas filhas. Mas criei elas com trabalho e fé em Deus. Hoje me encho de orgulho: uma é gerente de dois postos de gasolina e a outra é enfermeira, já concluindo a faculdade de Medicina.

Meu pai, já velho e debilitado, também foi morar comigo no Pará. Tentei cuidar dele, mas o coração não aguentou e ele faleceu.

Com 34 anos, vim para São Paulo. Me estabeleci em Caucaia do Alto, Cotia. Comecei como camelô na praça. Depois apareceu a chance de comprar uma loja de calçados de dona Tereza, que estava endividada. Paguei as contas dela e fiquei

com a loja. Da praça, do chão, fui subindo. Comprei carro, caminhonete, terreno. Tudo com o suor do meu trabalho.

Sempre fui empreendedor, desde os sete anos. Nunca dependi de patrão. Mas tinha uma ferida: eu não sabia ler. Muitas vezes menti para minha mãe. Dizia que tinha ido estudar, mas largava o caderno no campo para jogar bola. Quando chegava em casa, ela pedia para ver e via as páginas em branco. Apanhava por isso, mas não adiantava. O estudo ficou para trás.

Só que a vida cobra. A loja cresceu, a responsabilidade aumentou. Mesmo com a ajuda da minha esposa Juliete, eu vi que precisava aprender. Então entrei no EJA.

E vou te falar: se eu não aprender com a professora Andréa, não aprendo com mais ninguém. Hoje já consigo ler o que está escrito numa caixa, identificar número, cor, tamanho. Antes eu dependia dos outros, agora eu mesmo vou lá e pego. Isso facilitou demais a minha vida.

Hoje, quando penso em quem sou, digo: sou um homem bem-sucedido. Tenho minha família, minhas filhas estudadas, minha esposa ao meu lado, minha loja, minha casa com fatura. Faço questão de ajudar quem precisa, porque sei de onde vim.

Se pudesse resumir minha vida em uma palavra, seria gratidão. Gratidão a Deus, por tudo o que passei, por tudo o que aprendi e por tudo o que tenho hoje.

Adailton Pereira Filho

Eu não sou mais aquela menina

O meu nome é Edith Maria da Silva, nasci lá em Bandeira de Minas, Minas Gerais. Sou de família grande, sô: éramos dez irmãos, mas um se foi, ficou nove. Minha mãe, mulher guerreira, criou todos nós sozinha, enfrentando o mundo sem reclamar.

Lá em Minas, a vida era dura, viu? Desde menina eu já estava na roça, ajudava em casa, cuidava dos meus irmãos... estudar? Quase nada! A gente tinha que trabalhar para ajudar a família. Mas ó, meu maior orgulho sempre foi trabalhar, porque me dava liberdade, não dependia de ninguém. Até hoje acho importante não depender financeiramente de ninguém, claro que um precisa do outro, mas lutar pela independência sempre foi meu lema.

Casei cedo. Do meu primeiro casamento nasceram meus quatro filhos... mas foi o maior terror da minha vida. Sofri demais, sô. Deus me livrou de um bocado de buraco, de ameaças, de violência que podia ter me tirado a vida. Teve hora que precisei me esconder na casa dos outros para sobreviver. Faca no pescoço, arma apontada para mim, tapa e pancada no rosto... foi tempo de muito sofrimento, mas cada queda me fez levantar mais forte.

Lembro de uma tristeza danada: grávida, ouvindo do próprio marido que só cuidaria dele, não de mim nem do bebê. Trabalhei para vestir minhas filhas, pra que nada faltasse. Teve hora que pensei até em acabar com minha vida..., mas Deus me segurou, lembrando que minhas filhas precisavam de mim.

A pior dor foi quando uma das minhas filhas, com só cinco anos, sofreu uma violência que ninguém merece, vinda de quem deveria protegê-la. A minha alma sangrou nesse dia. Ele foi preso, mas só ficou seis meses.

Foi então que eu falei para o meu pai que precisava de ajuda. Ele não pensou duas vezes: me ajudou e eu fui embora com minha irmã e duas filhas. As outras duas ficaram, porque ele não deixou levar. Esse foi meu primeiro passo para recomeçar.

Mais tarde, vim pra São Paulo. Eu tinha 43 anos quando cheguei, e fui direto pra Caucaia, porque tinha filhos morando aqui. Recomeçar não foi fácil, não..., mas foi minha salvação. Voltei a trabalhar, a viver e a conquistar minhas próprias coisas.

Hoje sou mãe de quatro filhos, avó de nove netos e bisavó de um menino chamado Davi. Tenho dois grandes sonhos: conquistar minha casa e, finalmente, aprender a ler e

escrever. A vida não me deu essa oportunidade antes, mas agora eu estou correndo atrás.

Eu sei de onde eu vim, sei o que enfrentei e tenho orgulho de dizer: sobrevivi, uai!

Edith Maria da Silva

O Retrato da Alegria e da Saudade

Meu nome é Francisco Luiz dos Santos. Tenho cinquenta e um anos e sou pai de dois meninos já crescidos, homens feitos. Nasci em Juazeiro do Norte, no Ceará, e foi lá que vivi até os onze anos de idade. Morava com meu pai e mais seis irmãos, todos juntos debaixo do mesmo teto.

A vida era de muita dificuldade, e por isso a família inteira se mudou para São Paulo em busca de dias melhores.

Em Juazeiro, a vida era a roça. Desde cedo, o cabo da enxada caía na mão da gente antes mesmo de qualquer brinquedo. Menino quase não tinha infância. Mas havia um tempo do ano que transformava tudo: o São João.

Ah, o São João... Era quando a gente podia ser criança de verdade. O terreiro se enchia de fogueira acesa, cheiro de milho assado e rojão cortando o céu. O povo dançava quadrilha, a sanfona puxava o fôlego da festa, e nós, a meninada, corríamos de um lado pro outro, rindo e dançando como se o mundo fosse só alegria.

Era simples, mas era felicidade inteira. Naquele tempo, o São João era o retrato da nossa alegria. O resto do ano era trabalho

duro, mas, nas noites iluminadas pela chama da fogueira, a vida se tornava mais leve, mais bonita.

Já adulto, continuei trabalhando como aprendi desde cedo. Foi então que nasceu meu primeiro filho, Wesley. A vida não deu certo com a mãe dele, e a gente se separou. Ele ficava comigo a cada quinze dias.

Mas no último ano da sua vida, quando tinha cinco anos, eu acompanhei de perto. Wesley era diferente: aos quatro anos já lia, escrevia, lia textos inteiros e mostrava uma inteligência rara.

Deus, no entanto, quis diferente. Meu filho partiu cedo demais, levado pela leucemia com apenas cinco anos de idade. É uma dor que não tem explicação, um vazio que a gente aprende a carregar, mas nunca apaga. Deus me deu dois filhos, e sou grato por isso. Mas Wesley é saudade imensa que ainda mora dentro de mim. Pensando nele, todos os dias procuro ser um homem melhor.

Depois dessa perda, minha vida tomou outro rumo. Além do trabalho, encontrei abrigo na fé. Fui para a igreja e comecei a servir. Fiz de tudo um pouco, mas uma das funções foi ser diácono, aquele que fica na porta recebendo o povo. Era eu

quem anotava nomes de visitantes, escrevia pedidos no livro de oração... e foi aí que percebi minha dificuldade.

A leitura e a escrita sempre pesaram na minha vida. Eu queria ler mais, escrever sem tropeçar, mas me faltava prática. E foi ali, dentro da igreja, que entendi o quanto isso era necessário. Porque servir a Deus é também servir com dedicação, com entrega inteira, até nas pequenas coisas como escrever o nome de alguém com capricho.

Foi daí que nasceu em mim a vontade de aprender de novo, de melhorar. A fé me sustenta, mas sei que Deus também abre portas para o conhecimento.

E se hoje eu pudesse falar alguma coisa para o meu filho Wesley, eu diria:

"Sinto muita saudade, meu filho. Vou continuar trabalhando para realizar o meu sonho. Obrigado por ter passado pela minha vida e me ensinado tanto, mesmo em tão pouco tempo."

Francisco Luiz dos Santos

Aprendendo a Ler o Mundo

Meu nome é Francisco, sou lá do Rio Grande do Norte, de uma cidadezinha chamada Felipe Guerra. Nasci e me criei no sítio São Lourenço, onde a vida era na roça, ajudando meu pai e minha mãe em tudo: plantar, capinar, cuidar dos bichos. A escola ficava longe, e quando dava, eu ia. Mas, menino levado que só, muitas vezes eu fugia da aula. Em vez de estudar, ia era jogar bola com os outros meninos, comer manga verde com sal na praça perto da escola. Ô tempo danado de bom, mas que hoje eu vejo a falta que fez.

Minha mãe, coitada, fazia o que podia. Quando a gente se mudou do sítio pra cidade — que a gente chamava de "rua", lá em Felipe Guerra mesmo — ela começou a me levar pra escola. Mas eu, danado, inventava de faltar. A professora, sabida, mandava o porteiro avisar em casa. E o pior era o caderno: sem a data do dia, ficava logo descoberto. Aí já viu, né? Levava foi a peia nas pernas.

E era peia daquelas! Minha mãe não aliviava. Pegava a ripa e descia. E, no meio disso, tinha as galinhas que ela criava. Os pintinhos se aproximavam, piando como se sentissem pena da gente. Eu, com raiva, cheguei a matar uns com a

colher de pau de mexer comida. Hoje me dói lembrar, mas era eu, menino sem juízo.

Na adolescência, por volta dos 14 anos, já conhecia o mundo. Trabalhava, ganhava meu dinheirinho e achava que estudar era perda de tempo. Queria mesmo era ter dinheiro no bolso, me manter. Aí larguei de vez a escola. Mas o tempo passa, e a gente descobre que aquilo que desprezou um dia faz falta. Teve uma fase que me perdi. Entrei no caminho da bebida, do cigarro, da droga... e só fazia mal a mim mesmo. Não roubava nem fazia mal aos outros, mas me destruía devagar. Cheguei a tentar tirar a minha vida. Foi ali, sozinho, que ouvi a voz de Deus. Ele me disse que não era minha hora. Aquilo nunca saiu da minha memória.

O povo dizia que eu não tinha mais jeito. Que ninguém queria me dar serviço, porque eu ganhava dinheiro, mas não me valorizava. Só gastava com besteira. Mas Deus teve misericórdia. Ele me deu outra chance.

Foi aí que soube do EJA. Fui perguntar como era, quem eram os professores, se ensinavam direito, se tinham amor pelo que faziam. A diretora me chamou e disse: “Venha, vai ser bom pra você.” E eu vim.

Hoje, com 45 anos, saio do serviço doido para vir pra escola. Minha esposa até brinca: “Tu vai mesmo cansado desse jeito?” E eu digo: “Vou sim, é aqui que eu descanso a alma.” Aqui é minha segunda família. Aqui eu me sinto valorizado, respeitado, acolhido.

E vou te contar: quando aprendo uma palavra nova, meu coração parece que vai explodir de alegria. No caminho para o trabalho, fico tentando ler as placas, os letreiros dos caminhões. Às vezes acerto, às vezes erro, pergunto para os colegas. Mas estou aprendendo a ler o mundo, e isso não tem preço.

Se fosse para resumir tudo em uma palavra só, eu diria: gratidão. Gratidão a Deus por não ter desistido de mim. Gratidão pela nova chance.

Gratidão pelos professores que me ensinam com paciência e amor, porque professor de verdade tem que ter amor no coração.

E se hoje me perguntarem quem é Francisco, eu respondo sem pensar: **Sou um** vencedor. Porque mesmo com as quedas, as dores e as peias da vida, eu estou aqui firme, com fé e com vontade de aprender cada vez mais.

Francisco Silva de Góis

Colhendo Palavras

Meu nome é Gilson, apelido Coruja. Apelido este dado quando criança pelos amigos. No início eu não gostava, mas hoje gosto muito, porque sinto a natureza próxima de mim. A coruja é um bicho que observa, que presta atenção, que enxerga no escuro. E eu acho que, de um jeito ou de outro, sou assim também: aprendi a olhar mais, ouvir mais, esperar o tempo certo.

A vida toda eu fui da lida. Trabalhei como pedreiro, mas de uns tempos pra cá decidi parar. Agora eu quero mesmo é ficar só na roça, mexendo com a terra, que é o que eu gosto de verdade.

Mas o Gilson de hoje não é o mesmo de antigamente, não. Antigamente eu bebia muito. Faz 13 anos que parei com a bebida. De lá pra cá, dedico minha vida à minha família. Cada dia tento ser melhor do que fui ontem.

A vida me ensinou muito, mas foi na dor que eu percebi a falta que o estudo faz. Um dia, lá em Cotia, fui preencher uma ficha. A moça que me atendeu me humilhou. Não sabia escrever direito, nem ler. Me senti pequeno, impotente. Aquilo doeu. E foi ali que decidi: eu preciso estudar.

Sempre ouvi meu pai dizer: “O que você aprende e não passa pra ninguém, não serve de nada.” Eu carrego isso comigo até hoje.

Agora tô aqui, na EJA. Não é fácil. Trabalho o dia todo, chego cansado, venho de ônibus porque não gosto de dirigir à noite. Mas venho. Tem dia que dá vontade de desistir no caminho. Mas aí penso: é por mim.

Quando chego na escola, tudo muda. A turma é boa, o ambiente é acolhedor. A gente vai criando amizade, vai se sentindo parte.

Aprender mudou minha vida. Hoje eu já consigo ler, já escrevo melhor. Me sinto importante. Eu vejo a diferença.

Lá em casa, eu incentivo minha mulher a voltar a estudar também. Ela tem oitava série, mas diz que já deu. Eu falo que nunca é tarde. Que o conhecimento é uma roça também — quanto mais a gente cuida, mais coisa boa nasce.

Falando em roça... é ali que mora minha paz. Desde menino que mexo com terra. Hoje tenho meu pedacinho. Não planto para vender, planto para comer e dividir. Todo dia vou lá, nem que seja só para olhar. É como se a terra respirasse comigo.

Ver uma planta crescer, dar fruto, é como ver um sonho se realizar devagarinho. Igual o estudo. Começa pequeno, vai crescendo, e quando a gente vê, já tá colhendo.

Se eu fosse resumir o Gilson de hoje em uma palavra só, seria essa: gratidão. Gratidão pela vida, pela chance de aprender, e pela força de não desistir.

Hoje eu entendo que o apelido Coruja combina comigo. Assim como ela, eu aprendi a enxergar no escuro — e o escuro, no meu caso, era a falta de estudo. Agora, cada letra que aprendo é como uma luz nova se acendendo no meu caminho, iluminando um futuro que antes eu nem sabia que podia existir.

Gilson da Silva

Filho do Rio e da Luta

"A verdadeira força está na coragem de recomeçar, e no amor que constrói o nosso lar."

Meu nome é Ivanildo Vitaliano de Bastos. Nasci em Goianinha, no Rio Grande do Norte, pertinho de Natal, coisa de meia hora do centro. Fui criado só pela minha mãe. Meu pai? Nunca conheci. Tenho dois irmãos. O mais velho morreu por causa de cachça.

Minha infância foi sofrida, muito sofrida. A gente era só, minha mãe e nós três. Com 11, 12 anos eu já estava no batente com os adultos, cortando cana para usina. Era um serviço puxado. E eu ainda tentava ir para a escola de noite, mas nem sempre dava.

O prefeito mandava um caminhão, mas não era escolar, não. Era caminhão de carregar barro, barro preto, daquele de fazer telha e tijolo. Eu chegava na escola todo sujo, coberto de barro. Tinha dia que nem me deixavam entrar.

E quando chovia, aí é que era ruim mesmo. A gente morava numa ilha, cercada por três rios. Quando enchia, a gente ficava até duas semanas sem poder sair de casa. Tinha canoa

que atravessava o povo durante o dia, mas de noite não tinha jeito. E a escola ia ficando para depois.

Comecei a estudar com oito anos, mas só ia quando dava. O resto do tempo era na roça, carpindo, ajudando os carros a passarem nas estradas ruins. Não tinha nem roupa para ir pra aula. Lavava uma para usar no outro dia. Se chovia e não secava, não ia. Era assim.

Com 16 anos, vim pra São Paulo, morar com meu irmão. Ele me levou para a casa de uns parentes e depois foi embora, sumiu no mundo. Fiquei ali sozinho, sem conhecer ninguém. Comia o que tinha. Era o pão com o diabo amassou.

Comecei a trabalhar numa firma em São José dos Campos, fazendo tijolo de cimento. Entrei porque meu irmão já trabalhava lá e me ajudou. Mas ele saiu, sumiu, e eu fiquei por minha conta. A vida seguiu.

Morei com esses parentes por uns cinco anos, depois fui morar com uma mulher que ele mesmo ajeitou para mim. Ela já tinha três filhos. Fiquei dois anos com ela, e saí fora. Não tive filho, não. Depois vieram outros relacionamentos. No total, oito casamentos. Tive três filhos no meio disso tudo.

Hoje, estou casado com a mulher que considero minha família de verdade. Tenho uma filha com ela. Agora eu sei o que é ter um lar, coisa que nunca tive quando era pequeno. Morei em Diadema, mas há 15 anos estou em Caucaia do Alto. Um amigo me chamou, disse que tinha um serviço, me trouxe para cá. E deu certo. Trabalhei, juntei, comprei minha casinha, e hoje estou aqui, sossegado, vivendo de pedreiro. Agora, com 55 anos, voltei a estudar. Porque vi que perdi muita coisa por não saber ler nem escrever. Tudo fica difícil: tirar habilitação, fazer documento, entender um papel. Minha mulher me incentivou. Mesmo cansado depois do serviço, eu vou para a escola. E estou vendo a diferença. Ela também vê. Até quando estou dirigindo, ela comenta como eu melhorei. Isso me dá força.

O momento mais feliz da minha vida é agora. Ter minha esposa, minha filha, minha casa. Saber o que é família, coisa que eu nunca tive antes.

O momento mais triste da minha vida foi a última vez que vi minha mãe. Eu tinha 16 anos quando saí de lá. Depois disso, nunca mais consegui voltar. Quando ela adoeceu e ficou no leito, ela pedia para me ver, queria me abraçar mais uma vez. Mas eu não consegui ir, por falta de dinheiro mesmo. Isso me

dói até hoje. Mas dentro de mim, eu sei... sei que ela tem orgulho de mim. Porque com o esforço dela, com a luta dela, eu virei homem. Me tornei alguém que sabe o valor de um lar, que entende o que é ter família de verdade. Hoje eu sou uma pessoa feliz e realizada, e tudo isso começou com ela. E com a força dela dentro de mim.

Se eu fosse resumir minha vida numa palavra, hoje, no ano de 2025, eu diria:

Feliz.

Ivanildo Vitaliano de Bastos

Um dia de cada vez

Estava sentado no banco da praça, quando me perguntaram meu nome. Falei sem rodeio: Leandro. Leandro dos Santos. “E a idade?” Trinta e oito.

Trinta e oito anos nas costas, e um peso danado nas lembranças. Mas se tem uma coisa que eu aprendi foi que a gente sempre pode recomeçar. Voltar a estudar, por exemplo. Quem diria que eu ia encarar sala de aula de novo com essa idade? Mas encarei. Porque, sem estudo, a vida fecha as portas. É como se a gente nem existisse direito.

Tenho uma filha, mocinha já, dezessete anos. É da minha primeira mulher. Às vezes fico pensando que, se eu tivesse estudado mais cedo, podia ter sido um pai diferente. Não melhor, porque amor nunca faltou, mas talvez mais presente. Mais preparado.

Me perguntaram quem é o Leandro. E eu disse: É um cara que trabalha, que luta. Que ama uma mulher que não ama de volta. Que sente e cala. Que ri para disfarçar o nó que aperta o peito.

O dia mais feliz da minha vida foi voltar para a escola. Já o mais triste... ah, esse foi quando minha namorada foi embora. Ainda dói. Tem dor que mora na gente e não paga aluguel. Mas o que virou tudo de cabeça pra baixo foi o acidente de moto. Foi feio. Fiquei em coma, um mês inteirinho na UTI. Quando acordei, estava tudo diferente. Era como se eu fosse outro Leandro. As pontadas na cabeça vieram primeiro. Depois, os esquecimentos. estava num lugar e, de repente, não sabia onde estava. Esquecia o nome das pessoas. Ficava no branco, só esperando a memória voltar. Às vezes voltava. Às vezes demorava.

Antes do acidente, eu era sossegado. Depois, virei tempestade. Mudou tudo dentro de mim. Até o riso ficou diferente. Mas é com ele que eu me sustento. Rindo, brincando, disfarçando a tristeza quando ela insiste em aparecer.

Hoje eu sigo assim: um passo de cada vez. Uma lição por dia. Um esforço para lembrar quem eu sou, onde estou, o que sonho. A escola me ajuda a costurar os pedaços de mim que ficaram soltos depois da queda.

Se alguém perguntar qual é a minha palavra favorita, eu respondo sem pensar: Gratidão. E se quiser saber o que me

define, digo com firmeza: "Viver um dia de cada vez."
Porque é assim que eu tenho vencido: Lutando pra não esquecer. E nunca desistir de lembrar quem sou.

Leandro dos Santos

Perdão de Última Hora

Meu nome é Shirley Gonçalves da Silva Camargo. Sou de Ibiúna, mas já faz mais de trinta anos que moro em Cotia. Sou casada, tenho duas filhas e sete netos — benção que Deus colocou na minha vida. Uma das minhas netas mora comigo desde bebê, criei como filha.

Minha vida começou cedo demais. Minha mãe teve dezessete filhos. Dezessete. Meu pai nos deixou quando eu tinha só oito dias de nascida, com quatro filhos pequenos no colo dela. Depois, minha mãe se casou de novo e teve mais filhos. Não culpo ela por não ter me dado estudo — com tanta boca para alimentar, tirava os mais velhos da escola para cuidar dos mais novos. Mas a infância... ah, essa foi dura.

Com dez anos, às quatro da manhã, eu já estava na roça com meu irmão. Ligava o farol do trator para colher verdura no escuro. Fome era companheira diária. Muitas vezes minha mãe dizia que eu tinha que deixar comida para os meus irmãos e eu ia dormir com o estômago vazio. De madrugada, levantava para comer leite em pó escondido — até hoje não suporto ver leite em pó.

O amor de mãe eu não conheci. Ela era rígida, distante. E ainda teve um episódio que me marcou para sempre: com oito

anos, fui levar marmita para meu irmão e quase fui estuprada. Voltei para casa chorando, contei pra ela... e ela não acreditou. Aquilo me fez ter a certeza de que um dia eu sairia de casa.

Saí cedo. Aos 16 anos fui morar com um rapaz que conhecia desde criança, ele tinha quatro anos quando já me ajudava, cuidando de mim para minha mãe trabalhar. Nos criamos juntos. Com o tempo, a convivência, o respeito e o jeito bom dele me conquistaram. Foi assim que nasceu o amor que nos une até hoje. Com ele tive minhas duas filhas e, mais tarde, vieram os netos, que são minha maior alegria.

Não vou mentir: também enfrentei batalhas dentro de mim. Sofri de depressão, tomei remédio controlado, e até tive momentos em que perdi o controle, magoei quem amava sem saber o que estava fazendo. Mas Deus foi trabalhando no meu coração.

Carreguei durante muitos anos mágoa do meu pai — por ter nos abandonados e da minha mãe, por não ter dado estudo nem carinho. Dos dezessete filhos, só um estudou até se formar. Eu guardava tudo aquilo como peso no peito. Até que conheci Jesus. Pedi pra Deus me ajudar a liberar perdão, porque não queria deixar este mundo com aquele fardo.

Foi então que, depois de quarenta anos, meu pai nos procurou. Ele estava muito doente, acamado, morando em Piracicaba, e queria pedir perdão aos filhos. Meus irmãos não quiseram ir. Eu fui. Olhei para aquele homem e disse: “Eu te perdoo”. Três dias depois, Deus o levou.

Depois de tudo isso, com minha família já criada, filhos casados, netos crescendo, eu decidi: agora é a minha vez. Voltar a estudar virou meu objetivo. Tentei duas vezes antes, mas não deu certo. Agora, com a professora que temos, tudo mudou. Ela insiste, acredita, valoriza cada pedacinho que a gente aprende. A cada letra que junto, cada palavra que leio na rua, parece que minha vida renasce. Eu falo para as meninas lá do serviço: "Desisto do trabalho, mas da escola eu não desisto mais!"

Hoje, quando passo na rua e leio uma placa, uma palavra, me sinto outra. Como se antes eu fosse cega e agora enxergasse o mundo com outros olhos. É uma sensação de renascimento. Uma nova Shirley.

Se fosse para escolher uma palavra pra me definir hoje, seria fé e perseverança até o fim.

Shirley Gonçalves da Silva Camargo



O Direito de Aprender

Meu nome é Maria Dilma Honório dos Santos, tenho 58 anos. Sou mãe de três filhos, minha filha mais velha é a Diana. Tenho três netos: o Mateus, que já está com 17 anos, e mais duas netinhas — uma com sete anos e outra com três, filhas da Diana, minhas bonequinhas.

Eu sou de Serrinha, na Bahia. Vim para São Paulo no dia 4 de fevereiro de 2001. Deixei meus filhos lá na Bahia, com meu irmão, e vim trazer meus sobrinhos porque minha irmã já morava aqui. Lá em casa, estava difícil com a cunhada, aí pensei: “Se eu gostar aqui, eu fico e trabalho. Se não gostar, eu volto para casa”.

Na Bahia, eu tinha um trabalho, simples, mas era meu. Chegando aqui, comecei a trabalhar, e depois de oito meses mandei buscar meus filhos. Mas minha filha Diana não quis vir no começo, ficou dois anos lá com meus irmãos e tios. Vieram só meus meninos, um com 13 anos, outro com 10. Fui criando eles e trabalhando para manter a casa.

Nesse tempo, conheci um homem que foi bom para mim, mas ele era namorador demais. Meus filhos gostavam dele, mas não deu certo. Ele foi para a vida dele e eu segui a minha. Eu

fazia uns bicos, mas depois que a gente se separou, fiquei um tempo sem trabalho. Meu filho, com uns 13 para 14 anos, foi trabalhar numa padaria pra ajudar no sustento da casa.

Dois anos depois, minha filha que não quis vir no começo acabou vindo passear e ficou com a gente até hoje. A gente é uma família muito unida, não tem segredo entre a gente. Minha força sempre foram meus filhos. Tudo que eu fiz na vida foi por eles. Desde que me separei do pai deles, morei de aluguel, passei por sufoco, até fui levada para a justiça, mas nunca tive medo. Quem não deve, não teme.

Eu sempre pedia a Deus uma casa para morar. Um prato de comida até alguém pode dar, mas um teto, não. Deus me abençoou: comprei um terreno e construí uma casinha na Bahia. Depois vendi, mas nunca me deixou faltar nada. O pai dos meus filhos não foi presente, mas eu nunca deixei faltar cuidado.

Foi a Diana, minha filha mais velha, que voltou a estudar primeiro. Eu, com as dificuldades da vida, não consegui dar a ela o estudo que merecia. Não foi falta de amor, nem porque eu não dava valor, mas foi a vida que tirou esse direito dela. O bonito foi que, quando ela decidiu estudar, eu ficava com as meninas para ela poder ir.

Eu me lembro até hoje dela falando: “Ai, mãe, como eu queria levar mainha pra estudar! Eu sei como vou fazer, quero tanto levar minha mainha!” Ela queria devolver para mim a chance de estudar que a vida tinha tirado. Desde o início, eu voltei para a escola junto com minha filha, porque a sala estava com poucos alunos. A Diana estava com medo da turma fechar, e ela queria muito que eu estudasse também. Foi assim que a gente se uniu de vez nos estudos, se apoiando sempre. Quando uma não podia ir, a outra ia no lugar e levava as tarefas para quem ficou. A gente se ajeitou para estudar as duas.

Quando eu cheguei no EJA, era difícil, viu? Pegava minha Bíblia, tentava ler, mas não conseguia. Hoje, graças a Deus, eu leio e entendo tudo. Isso não tem preço, não.

Se eu pudesse resumir minha vida, eu diria que eu só tenho amor e gratidão no coração. Se eu pudesse resumir minha vida, eu diria que eu só tenho **amor e gratidão** no coração. E como diz a Palavra de Deus: “*Tudo posso naquele que me fortalece.*” (Filipenses 4:13). Com fé, perseverança e união, a gente supera tudo e encontra alegria nos pequenos milagres da vida.

Maria Dilma Honorio dos Santos

Vida de Luta e Fé

"Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha porção para sempre."

– Salmos 73:26

Eu sou o Benedito, e vou contar: minha vida nunca foi fácil. Desde criança, foi luta atrás de luta. Sofri com a dureza da infância, com a mão pesada da minha mãe, que queria ver eu e meus irmãos estudando do jeito dela. Só que, quando moleque, eu não queria saber de escola. Parava no caminho, inventava histórias, mentia que tinha ido. E quando minha mãe descobria, já nos mandava buscar a vara de marmelo. E era com essa mesma vara que apanhávamos.

Em casa, cada um tinha sua função: cuidar do barril de água, dos bichos, preparar comida. Minha mãe trabalhava muito, e o estudo ficava sempre para o fim da fila. Na escola, também não era fácil. Professora que batia, puxava a orelha, mandava castigo na parede. E ainda tinha meu pai, que bebia demais. Quando chegava virado, queria quebrar tudo. Minha mãe, coitada, tinha que se pôr no meio, se defender e defender a gente.

Mais tarde, minha mãe se casou de novo. Só que meu padrasto também não gostava de mim. Com os outros irmãos

ele cuidava, mas comigo era bronca direto. E eu ficava calado, sem coragem de contar para minha mãe. Fui morar com meu pai de novo, achando que ia melhorar, mas só troquei um sofrimento por outro. Com nove anos, já trabalhava de ajudante. E o dinheiro que eu ganhava, meu irmão gastava com cachaça.

Com o tempo, fui crescendo na dureza da vida. Aos 15 anos, comecei a entregar meu salário para minha mãe. Ela me dava o necessário e guardava o resto. Quando precisava de um dinheiro para cortar o cabelo, descontava do salário. Fazia por cuidado, não por mal. E no meio de tudo isso, me envolvi com mulheres. Teve uma que até tomou veneno por minha causa. Outra, eu levava escondido para casa, mas acabou sendo mandada embora pelo patrão.

E então aconteceu o que mudou minha vida: o acidente. Eu trabalhava numa obra na Rodovia dos Bandeirantes, reformando o pedágio. Quando fui levantar uma placa, uma carreta passou por cima de mim. Perdi a perna ali. Só pensava na minha filha: “Como vou cuidar dela agora?” Fiquei um mês internado, com a perna toda remendada, cheia de asfalto. Tive que reaprender tudo: rastejar, gatinhar, ficar de pé, andar de novo. Foi um milagre.

O mais curioso? Aquele meu padrasto, que antes me judiava, passou a cuidar de mim. Quatro da manhã, levava café na cama. E só com aquele café e um cigarro eu conseguia dormir. A dor? Eu levava, porque já tinha levado dor a vida toda.

Depois do acidente, veio o recomeço. E com ele, o amor verdadeiro. Deus já tinha me preparado. Conheci minha esposa em Vinhedo. A gente namorava na sala da tia, um de cada lado, quase sem encostar. Falei com o pai dela, pedi ela em namoro. Ele disse: “Se ela quiser, tudo bem.” Em seis meses, nos casamos.

Casamos numa segunda-feira, debaixo de chuva. A casa quase caindo, vergonha danada, mas ali começou minha vida de verdade. Ganhei uma Coca-Cola de um irmão, uma pizza do outro. E graças a Deus, já se passaram 22 anos. Nunca tivemos filhos, mas temos comunhão, respeito. Estamos no mesmo caminho, na mesma fé. E isso vale mais que muita coisa.

Mas ainda havia uma dor: não saber ler, não saber escrever. Tentei tirar carteira de motorista, mas faltava o básico. A primeira escola onde tentei estudar de novo foi aqui mesmo, em Caucaia. Entrei, olhei aquele monte de gente, peguei o caderno, mas não conhecia uma letra sequer. Me senti

perdido. O nome estava na chamada, mas parecia que não era para mim. Abri a porta e fui embora.

A mudança veio quando conheci o EJA, aqui na Escola Municipal Maisa Aparecida Ribeiro. Foi ali que tudo começou a fazer sentido. Um colega me disse: “Vai lá, você vai gostar.” E eu fui. Comecei a prestar atenção e vi que ali era diferente. Havia respeito, paciência, ensino de verdade. Não era só fazer volume em sala. Era aprender para valer. Cada letra que eu via era uma conquista. E tudo isso por causa da professora Andréa, que Deus colocou no meu caminho. Porque, como eu digo, não adianta só sorrir e brincar: tem que ensinar com o coração.

Hoje, eu entro na sala da professora Andréa como criança. Brinco, rio, faço cafezinho no final da aula. É como se esse café fosse um agradecimento por mais aquele dia, para que todos voltem no outro dia com a mesma esperança.

Se fosse para resumir tudo numa palavra, seria: bênção. A vida judiou, mas Deus moldou. Hoje ando com fé, força e orgulho. Porque eu sou Seu Benedito, e eu sobrevivi.

Benedito Cirineu Pires

A Força de Recomeçar

Meu nome é Silvana e sempre morei em Caucaia do Alto. Minha família biológica me deu para a minha avó, mas ela não podia me criar, e então fui entregue à minha mãe de criação, dona Danúcia, e ao seu João Leiteiro. Até os seis anos, fui muito bem cuidada por eles. O seu João tinha um carinho imenso por mim; me tratava como princesa. Mas, com a morte dele, veio o sofrimento.

Havia outra irmã, também criada pelo João, e ela tinha problemas com bebida. Quando bebia, me batia. Desde cedo, tive que trabalhar para conseguir algum dinheiro e me proteger. Ela chegava embriagada, e eu corria. Vivi de casa em casa, sempre tentando escapar do perigo. Minha mãe de criação me ajudou a sair dali. Uma mulher apareceu e perguntou se eu queria trabalhar. Sem pensar, fui para São Paulo, sem conhecer ninguém, sem documentos, sem nada. Aos 13 anos, finalmente consegui regularizar meus documentos, antes disso, eu praticamente não existia no mundo. Aos 13, comecei a trabalhar como babá de quatro crianças, levando e buscando na escola, cuidando da casa, das

roupas, da comida. Sempre me ajeitava, trabalhadora e humilde.

Assim foi minha vida até os 18 anos, quando conheci o pai dos meus filhos. Ele sabia do meu sofrimento e da minha vida em Caucaia. Vivemos juntos por 32 anos. Mas a vida ao lado dele não foi fácil. Ele me colocou numa jaula, me guardou como se eu estivesse dentro de uma caixa. Era muito trabalhador, mas tinha o mesmo defeito da minha irmã: o álcool.

Durante esse tempo, criei meus filhos praticamente sozinha. Eu não sabia ler, escrever, estudar. Tive tudo e, ao mesmo tempo, nada. Minha mãe de criação faleceu, e a legítima também. Meu casamento nunca foi um lar. Parei de trabalhar para cuidar dele e dos filhos, dedicando-me totalmente à casa, à roupa, à comida. Mas ele não se importava comigo, nem com os filhos.

Muitos dias eram de humilhação verbal, de xingamentos, de medo. Ele chegava bêbado e nós sofriamos calados. Ainda assim, eu corria atrás da educação dos meus filhos, levava-os para a escola na lama, atravessava a água da chuva, fazia tudo para que tivessem um futuro melhor. A pior parte era a

agressão verbal. Dói mais ouvir que você não presta, que não vale nada, do que qualquer tapa.

Eu lutei todos os dias para ser mãe e pai ao mesmo tempo, ensinando-os a se levantar, a estudar, a acreditar em si mesmos. Quando finalmente consegui me separar, foi muito difícil. Tive que recomeçar do zero. Saí de uma casa grande, cheia de cômodos, para uma pequena, mas com paz. Descobri que ter conforto material não significa ser feliz.

Arrumei um emprego em uma empresa que me deu oportunidade para estudar e trabalhar. Uma vizinha, professora aposentada, me ensinou a ler e escrever. Aprendi rápido, com vontade e dedicação. Em cinco meses, já conseguia ler e escrever minhas próprias palavras. Mas, com o tempo, como se apagasse com uma borracha, algumas coisas que aprendi foram se perdendo. Ainda assim, aquela experiência me mostrou que eu podia aprender, que podia recomeçar, que nunca era tarde para buscar algo melhor.

Hoje, aos 52 anos, posso dizer que sou feliz. Trabalho, estudo e busco meus objetivos. Quero terminar meus estudos e conquistar tudo o que posso. Digo a outras mulheres que não tenham medo de sair de relacionamentos abusivos, que se

protejam, mesmo que seja difícil, mesmo que seja necessário passar fome ou frio.

Um dia, encontrei minha irmã que me machucou no passado caída no chão, chorando. Perdoei-a. Naquele momento, senti a paz que só o perdão pode trazer. Minha vida daria um livro inteiro. Cheguei aqui, ao EJA, nervosa no primeiro dia, mas encontrei meu espaço, meu eixo. Hoje posso sair, comprar algo para mim e para minhas filhas, cuidar da casa, da vida. Aprendi que é possível recomeçar. Que é possível ser feliz de novo.

Mesmo entre dor e humilhação, entre medo e trabalho duro, aprendi que minha força sempre esteve em mim. E é essa força que compartilho agora: não tenham medo de mudar. Não tenham medo de buscar a própria felicidade. Antes disso, nunca tinha entrado em uma sala de aula, a não ser nas reuniões dos meus filhos. De repente, agora, eu sou aluna, tenho meu espaço, estou aprendendo tudo. A empresa que me apoiou me deu força. E o nosso grupo? Para mim, é tudo. É uma família.

Quando chega uma nova aluna, que nunca estudou, eu digo: “É uma delícia, não tenha medo. Aqui somos todos iguais. Comemos, rimos, brincamos juntos.” Hoje, posso dizer que

sei quem sou, que posso estudar, que posso rir, que posso ensinar, que posso ser feliz.

Hoje, olho para trás e vejo toda a dor, o medo e a solidão, mas não sinto mais tristeza — sinto orgulho. Cada lágrima que derramei, cada noite em claro, cada porta fechada, tudo isso me trouxe até aqui. Eu renasci. Não sou mais aquela menina assustada, nem a mulher que se escondia do mundo. Sou Silvana, uma mulher inteira, dona de si, capaz de sonhar, de lutar e de ser feliz.

E sei que minha história não termina aqui. Ela continua a cada passo que dou, a cada conquista, a cada sorriso das minhas filhas e de quem me cerca. Hoje, posso dizer com toda certeza: sobrevivi, cresci, me tornei luz no meu próprio caminho. E nada, nem ninguém, jamais poderá apagar isso. Eu renasci.

Silvana do Carmo

Nas Letras, minha Liberdade

Meu nome é Gilson Lima dos Santos. Nasci em Macajuba, na Bahia. Com seis anos, meu pai me entregou a um fazendeiro, e desde então minha vida foi trabalho, muito trabalho. Acordava às quatro da manhã para separar os bezerros, tirar o leite das vacas. Era a minha rotina, minha infância roubada. Até os dezesseis anos, minha vida se resumia a isso.

Aos dezesseis, meu cunhado viu o meu sofrimento e me trouxe para São Paulo. Vim direto para a Caucaia do Alto, onde morava minha irmã. Ela não era só minha irmã; era meu abrigo, minha esperança de uma vida melhor. Eu nunca tinha ido à escola, não sabia ler, escrever, nem assinar meu nome. E ali, naquele lugar desconhecido, encontrei alguém que acreditava em mim.

Trabalhei com meu irmão pedreiro. Aos dezessete, porém, a vida me deu outro golpe: meu irmão, mestre de obras, foi assassinado. Tive que assumir o trabalho dele, comandando dez pedreiros. Foi difícil, mas consegui me sustentar. Aprendi na prática, na vida dura, que o esforço não pode faltar.

Mas havia algo que o trabalho não podia suprir: a dor de não saber ler e escrever. Já perdi uma pizzeria, perdi casa, perdi oportunidades. Humilhações eram constantes. Em 2025, a maior delas foi ao renovar minha habilitação.

Foi então que decidi estudar. Entrar na sala de aula foi um passo enorme. Meu objetivo era simples: aprender a ler e escrever. Já conseguia ler um pouco, mas escrever ainda era um desafio. Eu queria fazer tudo sozinho. Dependência de outros não fazia mais sentido para mim.

Enquanto isso, passava por um momento de luto. Minha irmã, aquela que me acolheu e me deu esperança, faleceu. Ela sempre chegava, sentava comigo e dizia: “Vou arrumar uma professora para você.” Falava que a aula sairia três vezes por semana, e eu sorria sem imaginar que seria a última vez que a veria. No dia seguinte, ela se foi.

Ela nem sabia que eu já tinha começado a estudar, mas eu sei que, de onde estiver, ela sabe. Acredito que o sonho dela também era me ver na escola. E hoje, ao abrir o caderno, traçar cada letra, sinto que realizo o sonho dela, muito mais do que o meu próprio. Deus faz coisas que a gente não imagina.

Aprender é como acender uma luz dentro de mim. Cada palavra que escrevo é uma vitória que ninguém pode tirar, cada letra que leio é um pedaço de liberdade que me pertence. Não importa se começo devagar, com apenas duas ou três coisas, porque cada avanço é um passo firme rumo à minha própria vida. Meu sonho é escrever sem depender de ninguém, tocar meus papéis, meus orçamentos, meus PIX, meus contatos, e sentir que tudo o que conquisto nasce do meu esforço, da minha força e da minha determinação. Cada letra é uma chave que abre portas que antes estavam fechadas, e eu finalmente posso caminhar com minhas próprias pernas.

A vida de quem não estudou é dura, marcada por caminhos áridos e dias pesados demais. Mas hoje, ao olhar para minha própria história, sinto um orgulho profundo florescer no peito. Cada passo que dou na sala de aula é um passo de justiça comigo mesmo, com minha vida e com minhas lembranças. E sei, de algum jeito, que minha irmã me observa lá de cima, sorrindo em paz, enquanto vejo minha própria vida se desenhando, letra por letra, sonho por sonho.

Gilson Lima dos Santos

A alegria de ler

Meu nome é Francisco Fernando de Araújo. Eu morei no interior muitos anos. Lá, nós estudávamos de manhã até o meio-dia, e de meio-dia até a tarde. Quando a gente ia estudar, as professoras não se interessavam muito, porque a fiscalização era difícil. Não se esforçavam para que a gente aprendesse, e esse foi o motivo da gente não aprender a ler. Outro motivo foi que a gente nunca imaginava que um dia precisaríamos ir para a cidade grande, a capital, e precisar estudar. Então, o problema foi esse: a gente não se interessou para aprender a ler. Hoje em dia, eu já vim para a cidade grande, sofri muito pegando ônibus porque não sabia ler. Pegava o ônibus errado, pegava o ônibus que ia para a minha localidade que eu morava, mas não era o certo.

Por causa disso, me arrependi muito de não ter aprendido a ler. Foi o motivo de eu procurar voltar a estudar aqui em Caucaia para que eu não sofra muito de novo, porque é muito ruim a pessoa não saber ler. É por isso que voltei a estudar, porque depender dos outros é uma coisa muito ruim.

A gente pede para as pessoas escreverem uma coisa para a gente, e as pessoas dizem que não têm tempo, que não

podem, e tudo isso aí atrapalha. A gente se sente muito mal com isso. Eu vim do interior para cá e me casei. Logo que construí a minha família, ficou mais difícil para mim estudar. Eu tinha que trabalhar e chegava em casa cansado, sem coragem de estudar. Cheguei a estudar dois meses em um colégio na nossa cidade. Nesses dois meses, eu aprendi um pouco, mas só sabia ler e escrever o meu nome muito mal. Às vezes, comia até algumas letras do meu nome. Em muitos lugares que eu ia assinar meu nome, as pessoas liam e diziam: "Não, está faltando alguma letra?". Eu ficava envergonhado por causa disso.

Agora já consigo ler, e fico muito feliz. As letras que eu não sabia, que eu não conhecia, eu já conheço. Leio jornais, revistas de mercado, com os preços das coisas, das promoções. Já sei ler. Graças a Deus, me sinto muito maravilhado por causa disso.

Francisco Fernando de Araújo

Raízes de luta

Eu me chamo Maria de Fátima da Silva. Sou do Rio Grande do Norte, de Natal. Fui criada lá até os 16 anos, junto com minha família. Éramos onze irmãos, meu pai e minha mãe. Nossa vida era na roça. Eu e meus irmãos trabalhávamos desde cedo, mas meu pai judiava muito da gente.

A nossa infância foi muito sofrida. Com seis ou sete anos já estávamos na roça, debaixo do sol, com as mãos pequenas segurando ferramentas grandes demais para nós. Meu pai era muito rigoroso. Não deixava a gente estudar. Dizia que não precisava. Às vezes, chegava até a nos ameaçar com um lampião para bater. Por causa disso, alguns dos meus irmãos fugiram de casa: duas irmãs e um irmão não aguentaram a violência.

Eu, no entanto, carregava dentro de mim um pensamento diferente. Sempre dizia para o meu ex-marido que era preciso ter alguma coisa na vida, um bem, um lugar para sobreviver quando a doença ou a velhice chegasse. Graças a Deus, consegui. Compramos uma chácara, um terreno perto do Nascimento, onde eu sobrevivo hoje em dia. Tenho minha casa e outro terreno no centro.

Dos meus irmãos, eu fui a que mais pensou no futuro. Fui firme, fui segura. Hoje estou mais tranquila. Já ajudei minha filha a comprar o terreno dela. Ela está construindo a casa própria. Mas também deixo eles trabalharem. Não posso fazer tudo sozinha, nem quero: cada um tem sua família, sua vida, seu esforço. Eu também trabalhei muito para chegar até aqui.

Minha vida foi dura, cheia de provas, mas hoje posso dizer que estou bem, graças a Deus. Estou lendo, escrevendo. Quem diria? Agora estou contando a história da minha vida para colocá-la em um livro. Olha que legal! Quando criança, eu nunca imaginei que um dia estaria adulta, bem, e que teria minha história publicada.

Passei por muitas coisas. Já fui assaltada várias vezes em São Paulo e achava que não ia sobreviver. Mas Deus sempre me sustentou. Já fui picada por uma jararaca e fiquei o dia inteiro fechada dentro de casa porque meu pai não deixou eu ir ao hospital. Mesmo assim, estou aqui.

Hoje, cada palavra que escrevo é mais do que um registro. É prova da minha vitória. É como se eu estivesse dizendo para aquela menina da roça, com as mãos calejadas e os olhos cheios de medo: *você conseguiu*.

Maria de Fátima da Silva

Raízes de esperança

Meu nome é Leopoldina Estevam dos Santos, tenho 59 anos, nasci em Aracaju, Sergipe. Minha infância não foi fácil. Minha mãe, teve oito filhos, e meu pai, faleceu cedo, aos 32 anos. Mesmo simples e pobre, ele sempre foi o melhor pai do mundo para mim e meus irmãos.

Com dez anos, eu e minhas duas irmãs mais velhas ajudávamos meu pai na roça. Ele nos protegia, não deixava minha mãe pegar no pesado, chamava-a de “Maria Bonita” e levava o café da manhã dela na cama. Às sete horas da manhã, já estávamos na roça, cada uma com sua enxada, colhendo mandioca, batata-doce, milho e feijão. Meu pai trabalhava conosco, fazia o almoço em um fogão improvisado, e só parávamos às cinco da tarde.

Meu pai sabia ler muito e nos ensinava com paciência: lápis e caderno na mesa, ele ao lado, mesmo quando estávamos exaustas. Mas o cansaço da roça nos impedia de aprender direito. Ainda assim, ele nunca desistiu de nos mostrar a importância do conhecimento. “Um dia vocês vão precisar disso, vai fazer falta.”

Quando meu pai faleceu, minha mãe ficou com os oito filhos. A dor era tão grande que esperávamos meu pai chegar em

casa, como se a morte fosse apenas uma viagem. Aos poucos, fomos nos conformando. A vida nos empurrou para a luta: alguns irmãos vieram para São Paulo, outros mandavam dinheiro para ajudar a família.

Casei-me jovem. Trabalhei desde cedo, enfrentando jornadas longas, cuidando dos filhos, das tarefas e da sobrevivência diária. Conquistei experiência, resiliência e, acima de tudo, esperança.

Depois conheci Acácio, com quem vivo há mais de 30 anos. Ele me trouxe estabilidade e a certeza de que é possível construir uma vida melhor. Com ele e meu esforço, meus filhos cresceram, estudaram, se formaram, compraram terrenos, construíram casas. Cada conquista deles é uma vitória minha.

Minha vida nunca foi fácil, mas Deus sempre me deu presentes valiosos: meus três filhos, o amor da família e a certeza de que, mesmo sem ter aprendido a ler plenamente na infância, pude oferecer a eles oportunidades que eu mesma não tive.

Voltar à escola, hoje, é realizar um sonho antigo. Na igreja, sofro ao ver minhas amigas manuseando as partituras e eu apenas tentando acompanhar pelo ouvido. Sinto vergonha e

humilhação. Mas agora, cada palavra que escrevo, cada letra que aprendo, é um ato de justiça comigo mesma, com minha história e com meus filhos.

Minha trajetória é um testemunho: cada dificuldade enfrentada, cada batalha diária, me trouxe até aqui. E hoje, olhando para meus filhos, meus netos, e para tudo que construímos juntos, sinto orgulho profundo. A vida nos testa, mas também nos dá a chance de transformar luta em esperança, trabalho em conhecimento, dor em vitória.

Leopoldina Estevam dos Santos



Passos de esperança

Meu nome é João Fidelis da Silva, nasci em Panelas de Miranda, no interior de Pernambuco. Minha infância foi marcada pelo trabalho árduo e pela ausência de oportunidades. Somos uma família grande, de 14 irmãos, e desde cedo eu carregava a responsabilidade de sustentar meus irmãos mais novos.

Na roça, o sofrimento era constante. Carregava água na cabeça para minha mãe lavar roupas e para nós bebermos, recolhia lenha, caçava nas matas dos fazendeiros. Estudar era um sonho impossível: meu pai não deixava, dizia que nossa obrigação era cuidar da família.

Quando cheguei a São Paulo, a vida continuou exigente. Trabalhei, casei-me e tentei estudar. A distância entre casa e trabalho, o trânsito e a rotina exaustiva dificultavam tudo. Pedia à patroa para sair mais cedo, mas raramente era atendido. Ainda assim, consegui dar os primeiros passos na leitura e escrever meu nome. Para mim, aquilo já era uma grande vitória.

Hoje, meus esforços têm um propósito claro. Voltei a estudar porque quero independência, conhecimento e a chance de

realizar sonhos que antes pareciam impossíveis. Quero ler a Bíblia, ter responsabilidade em meu trabalho e, acima de tudo, conquistar minha carteira de motorista. Sei que só assim terei autonomia completa.

Tenho filhos de outro relacionamento que amo muito e sou casado com Edith, minha companheira há três anos, que também se dedica aos estudos. Minha vida não foi fácil, mas graças a Deus e ao esforço diário, conseguimos superar dificuldades e construir um futuro melhor.

Lembro-me com saudade e tristeza dos meus pais, já falecidos, e da vida simples e sofrida que tivemos no Nordeste. Dos 14 irmãos, apenas três aprenderam a ler. Mesmo assim, conseguimos reunir a família em São Paulo, cada um ocupando seu espaço, trabalhando e tentando construir algo melhor.

Aprendi que o sacrifício traz conquistas. E é com gratidão a Deus que sigo aprendendo e vivendo a vida.

João Fidelis da Silva

Wanda: Memórias de uma Vida

Meu nome é Wanda Esmeraldina dos Santos. Nasci em Natal, no Rio Grande do Norte, e cresci em Monte Alegre. Fui criada com muito cuidado, pai e mãe sempre presentes, mas nunca gostei de estudar. Minha família toda era formada, mas eu... eu me escondia, me renegava. Era uma vida tranquila, de solteira, sem luxo, mas sem necessidade. Minhas irmãs eram práticas: “o chão foi feito pra pisar”, diziam. Eu, sempre um pouco atrás.

Casei muito nova. Ele também era jovem. Viemos para São Paulo, e a vida a dois... bem, não foi como eu sonhava. Ele era ciumento demais, e eu tive que aprender a dividir meu espaço entre a casa e o mundo lá fora. Foi assim que comecei a trabalhar. Sem estudo formal, mas com jeito de mandar: cozinhas, firmas, empresas — cem, oitenta, cinquenta pessoas sob meu comando. Contava roupas na lavanderia, conferia pratos na cozinha, organizava todo mundo. Deus me guiou, porque eu nunca fui de serviço pesado; sempre fui mandona, e isso me salvou.

Minha juventude era marcada pela beleza: olhos azuis que ficaram castanhos, cabelo loiro que também escureceu. Mas o tempo me ensinou a ser forte, resistente. E com ciúmes

dele, ah... tive que me virar. Peguei uma inquilina para cuidar do primeiro filho. Eu precisava respirar fora de casa. Comecei a trabalhar, e isso me deu liberdade.

Depois dele, vieram outros homens. Um cuidei porque estava doente — falavam coisas, mas não era verdade. Outro me enganou — aprendi a não depender de ninguém. Comprei minhas casas, minhas chácaras, paguei meus bancos, organizei minha vida. A morte da minha filha me abalou. Fui ao cemitério todos os dias, coloquei seu retrato junto ao do marido, e sentia que ela me guiava. Aprendi que a vida não se leva, só se vive.

Hoje, com oitenta e cinco anos, ainda tenho amor, ainda tenho luta. Tenho um homem mais jovem, ciumento, mas leal. Me cuida, me faz café, arruma a casa. E eu? Aprendi a viver com liberdade e companhia, com carinho e limites. Minha neta estuda, trabalha, vai conquistando o mundo. Me sinto parte disso, orgulhosa.

Minha vida foi uma novela: alegrias, dores, amores, decepções. Mas posso dizer, com toda certeza: foi vivida plenamente. Nunca passei necessidade, criei meus filhos, aprendi a trabalhar, a amar, a perder e a ganhar. Hoje olho para trás e vejo: cada passo, cada luta, cada sorriso e cada lágrima me trouxeram até aqui, uma mulher inteira, com

cabeça erguida, coração aberto e a certeza de que ainda há muito a viver.

Wanda Esmeraldina dos Santos

A Esperança que fala com as mãos

Meu nome é Rosineide Maria da Conceição. No passado, minha vida foi marcada por muito sofrimento. Lá em Pernambuco, minha família não ajudava, e eu tinha onze filhos; hoje restam sete. Eles foram crescendo e, aos poucos, a mais nova começou a me ensinar tudo. Explicava os lugares, as situações, o que acontecia ao redor.

Conforme eu ia amadurecendo, fui ficando mais próxima da mais nova. O que ela aprendia na escola, ela me ensinava, ajudando-me a compreender que eu precisava buscar um lugar melhor para a minha vida. Aos poucos, comecei a pensar no que poderia fazer para melhorar e buscar novas oportunidades.

Foi então que minha filha, que morava aqui em São Paulo, ligou e me convidou para vir para cá. Fiquei receosa, mas aceitei. A mais nova também veio comigo. Confesso que me preocupei com meus outros filhos, mas eles já eram adultos e sabiam cuidar de si mesmos. Minha filha enviou minha passagem, e eu vim, iniciando um novo capítulo da minha vida.

Um dia, enquanto caminhava, encontrei uma irmã da igreja, que começou a conversar comigo. Fiquei curiosa e quis saber mais sobre a igreja. Aos poucos, fui entendendo e aprendendo a ter calma, porque Deus sempre prepara a hora certa para cada coisa.

Um mês depois, senti a glória de Deus de forma maravilhosa na minha vida. Ele é realmente maravilhoso! Minha vida mudou para melhor. Hoje, na escola, estou cercada de professoras maravilhosas que se comunicam comigo em Libras. É muito gratificante poder entender, aprender e me expressar. Aos poucos, aprendo as letras, algumas palavras, e isso me enche de gratidão a Deus.

Por todo o sofrimento que passei, pelos maus tratos, transtornos e dificuldades, hoje tenho esperança. Sei que a vida pode melhorar e que cada passo dado com fé traz transformação.

Porque a esperança também fala com as mãos e, no silêncio dos gestos, Deus continua dizendo que tudo é possível.

Rosineide Maria da Conceição

Memórias de Jacinta

Eu sou Jacinta de Oliveira Lima, nascida lá em Traipu, Alagoas, num cantinho de terra onde o sol parece brilhar mais forte. Sou a caçula de sete irmãos, filha de João e Nilce, dois guerreiros da enxada que me ensinaram que dignidade se planta com suor e se colhe com fé.

Cresci com os pés descalços na terra vermelha, ajudando a plantar milho, feijão e algodão. Acordava com o cantar do galo e dormia ouvindo o vento balançar as folhas do mato. A escola era longe, difícil, e o tempo curto. Aprendi a ler um pouco, mas a vida me ensinou muito mais do que qualquer livro.

Mesmo com pouco, a gente era feliz. Brincava com os irmãos, comia o que a terra dava, e sorria com o coração leve. A felicidade morava nas coisas simples: um café coado na hora, uma conversa na sombra do pé de manga, o cheiro de bolo saindo do forno de barro.

Casei com 19 anos, cheia de sonhos e coragem. Tive três filhos lindos: Walison, Williana e Wianaria. Cada um deles é um pedaço do meu coração. E Deus me deu ainda mais alegria: oito netos que são meu tesouro: Lucas, Sophia,

Gabriel, Arthur, Lana, Wallace, Ayla e Isis. Cada risada deles é como um presente.

Hoje, continuo batalhando. Trabalho como auxiliar de limpeza na Associação Espírita de Cotia Atitude de Amor. Lá, além de limpar chão, limpo a alma com as boas energias que circulam. É um lugar onde aprendi que o amor também se espalha com gestos simples.

Voltei a estudar, aos 56 anos, peguei no caderno de novo. Porque nunca é tarde pra sonhar, pra aprender, pra buscar um futuro mais estável. Quero um emprego melhor, quero mostrar pra mim mesma que sou capaz.

Agradeço a Deus todos os dias pelas pessoas boas que cruzaram meu caminho. Gente que me estendeu a mão quando eu só tinha forças pra seguir em frente. Um agradecimento especial ao professor César Morales, que me fez acreditar que aprender é possível, mesmo quando o mundo diz que não.

Essa é a minha história. Simples, cheia de lutas, mas também de amor. E se tem uma coisa que aprendi é que a vida é como a roça: quanto mais você cuida, mais ela floresce.

Jacinta Lima dos Santos

Maria, 66 anos de luta e fé

Me chamo Maria, tenho 66 anos e posso dizer com orgulho que hoje estou realizando um dos maiores sonhos da minha vida: aprender a ler e escrever. Parece algo simples para muitos, mas pra mim, isso sempre foi um desejo guardado no peito, como um tesouro que eu não podia alcançar. A vida me levou por caminhos difíceis, e a escola acabou ficando pra depois. Bem depois.

Nasci no interior do Piauí, em um lugar chamado Capitão de Campos. Quando eu era ainda menina, perdi minha mãe. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Eu era a filha mais velha e, com apenas 10 anos, tive que crescer antes do tempo. Meu pai ficou sozinho com cinco filhos pequenos e, sem opção, fui eu quem assumiu os cuidados da casa e dos irmãos. Brinquei pouco, estudei menos ainda. Fui à escola por apenas 15 dias. Depois, nunca mais.

A infância foi dura, mas também cheia de amor. A gente morava na roça, e meu pai trabalhava pesado. Enquanto ele ia para a lavoura, eu ficava em casa cuidando dos menores, fazendo comida, lavando roupa, tentando dar conta de tudo.

Nunca esqueci os rostinhos dos meus irmãos me olhando como se eu fosse mãe deles. E, de certo modo, fui mesmo.

Me casei nova, com 17 anos. Com 18, já tinha minha primeira filha. No total, criei seis filhos com muita luta e trabalho. Meu casamento teve seus altos e baixos, mas seguimos juntos. Ajudamos um ao outro, como dava. Sempre com muito respeito. Nossos filhos cresceram, se casaram, e hoje tenho o orgulho de dizer que sou avó de 13 netos e bisavó também. Minha família é tudo pra mim.

A vontade de estudar nunca me deixou. Mesmo sem saber ler, eu ficava admirada vendo outras pessoas escreverem, assinarem, lendo uma receita, uma carta, a Bíblia... Como eu queria entender tudo aquilo! Mas sempre havia algo que vinha antes: os filhos, o trabalho, a casa. Até que um dia, já com os filhos criados, eu olhei pra mim e pensei: Agora é a minha vez.

Este ano, finalmente, voltei a estudar. Entrei numa sala de aula com frio na barriga, mãos suadas e o coração cheio de esperança. Estou aprendendo devagar, no meu ritmo, e cada palavra que consigo ler é uma vitória. Cada letra que escrevo com minha própria mão é um passo. Quero muito aprender a ler e a escrever.

Trabalhei a vida inteira. Fui empregada doméstica e trabalhei e auxiliar de serviços em escolas particulares. Passei pelo Colégio Madre Iva e pelo Objetivo. Fui muito respeitada, os patrões gostavam de mim e sempre diziam que eu era dedicada. Fiquei anos em cada um desses empregos, mas o tempo e o cansaço chegaram. Me aposentei e, hoje, cuido da casa e de dois netos que moram comigo. Uma das minhas filhas se separou e voltou pra casa com os filhos. A gente se ajuda, como sempre foi.

Sou evangélica há mais de 30 anos. Minha fé sempre foi minha base. Participo da Assembleia de Deus do Belém, no bairro do Atalaia. Eu e meu marido vamos juntos pra igreja. É lá que encontro forças nos dias difíceis, conforto nas minhas dores, paz no meu coração.

Minha missão na vida sempre foi cuidar. Desde criança, cuido de alguém. Primeiro foram meus irmãos, depois meus filhos, agora meus netos. E faço isso com alegria. Não é fácil, mas é recompensador. Sempre brinco dizendo: Eu nasci pra ser mãe e vó. Ser avó é algo que enche meu coração. Meus netos me chamam de vó com tanto carinho, me abraçam, me beijam. Um deles, que mora comigo, tem 12 anos. Todas as noites, antes de dormir, ele vai no meu quarto só pra me dar

um beijo na testa e dizer: Durma com Deus, vovó. Isso não tem preço.

Agora, estou vivendo esse novo capítulo. Um recomeço. Um sonho antigo que, enfim, estou realizando. Não quero parar. Quero aprender mais, entender mais, conquistar coisas que sempre pareceram distantes. Quero mostrar que nunca é tarde pra aprender, nunca é tarde pra lutar por algo que se quer de verdade.

Se tem uma coisa que a vida me ensinou é que a gente pode cair, pode sofrer, pode adiar, mas nunca deve desistir. Eu sou Maria. E se eu consegui chegar até aqui, com fé e coragem, você também pode.

Maria Pereira da Costa Silva

Uma vida de coragem, fé e recomeços

Meu nome é Telma Camila Tomé da Silva. Nasci em Cruzília, no interior de Minas Gerais, numa família simples, onde aprendi desde cedo o valor do trabalho, da responsabilidade e da fé.

Aos 14 anos, perdi meu pai, depois de uma longa batalha contra uma doença. Foram quase sete anos vendo ele ir e voltar do hospital. Papai trabalhava muito na fazenda e era nosso sustento. Quando ele se foi, nossa vida mudou completamente. Minha mãe ficou viúva, com filhos pequenos para criar, e o sofrimento tomou conta da nossa casa.

Com apenas 8 anos, comecei a trabalhar. Não tive infância como outras crianças. Trabalhava na roça, na lida da fazenda, para ajudar minha mãe a criar meus dois irmãos mais novos. Minhas irmãs mais velhas já tinham ido para o Rio de Janeiro, e eu assumi o que podia, ainda tão nova. Mas, mesmo com todas as dificuldades, nunca deixei de acreditar. Sempre pedia a Deus saúde e forças para continuar.

Foi na fazenda que aprendi a cozinhar, com minha tia Maria, que me ensinou cada detalhe da culinária brasileira. Esse amor pela cozinha cresceu comigo.

Com 18 anos, conheci o pai dos meus filhos. Namoramos por quase três anos, casamos e tivemos dois meninos maravilhosos: Carlos Henrique e Emerson. Infelizmente, o casamento não deu certo e ele nos deixou. Foi uma fase muito difícil, criar os dois sozinha. Mas segui firme, com fé, trabalhando e lutando para dar o melhor para eles.

Com 28 anos, decidi deixar minha terra natal. A vida em Minas estava muito dura, e uma amiga me ajudou a vir para São Paulo, onde consegui trabalho em uma casa de família. Cheguei sozinha, na Rodoviária do Tietê, no dia 3 de março de 2008, cheia de medo e saudade dos meus filhos. Foi um começo difícil, mas necessário. Depois precisei voltar para Minas, mas não desisti. Dois anos depois, voltei para São Paulo e comecei a trabalhar na casa da Dona Regina, onde fiquei por 11 anos, sendo sempre respeitada e valorizada. Hoje, trabalho com a Dona Helena, no Jardim da Glória.

No Natal de 2008, conheci meu atual esposo, José Alfredo, um homem bom, honesto, companheiro. Casamos em setembro de 2016, e, além dos meus filhos, ganhei três

enteados: Lucas, Samuel e Júnior, que são como filhos para mim.

Hoje moro em Cotia, em paz e com gratidão a Deus por tudo que tenho. Sou evangélica há mais de 11 anos e sirvo ao Senhor com meu esposo. Tenho dois netos, Eloá e Henrique, que são minhas alegrias.

Por muitos anos tentei estudar, mas não encontrava vaga ou condições. Hoje, finalmente, estou realizando esse sonho na Escola Osny Fleury. Tenho muito orgulho de estar aprendendo a ler, escrever e viver essa nova fase da minha vida.

Meu próximo sonho é montar meu negócio próprio, trabalhar com o que amo: a cozinha. Cozinho muito bem e quero transformar isso em oportunidade.

Sou Telma. Uma mulher que nunca desistiu. Que já chorou muito, caiu, mas se levantou todas as vezes. Uma mulher de fé, de luta, de amor pela família. E que agora vive, com alegria, o sonho de estudar.

Telma Camila Tomé da Silva

Azelita a vencedora

Meu nome é Azelita da Silva dos Santos, e se tem uma coisa que eu aprendi nessa vida foi a não desistir. Nasci em Assis Chateaubriand, no Paraná, num tempo em que estudar era luxo e a vida ensinava mais que qualquer escola. Não tive oportunidade de aprender a ler quando criança, mas Deus me deu filhos maravilhosos que me ajudaram a decifrar as letras do mundo.

Casei cedo, com 16 anos, cheia de sonhos e esperança. Tive dois filhos que são meu orgulho: Luiz e Luciana. A gente vivia feliz, simples, mas com amor de sobra. Até que, aos 25 anos, a vida me deu um golpe duro. Fiquei viúva. Meu marido se foi num afogamento, e eu fiquei com dois filhos pequenos nos braços e um coração em pedaços. Foram dias difíceis, noites choradas, mas eu segui. Porque mãe não para mãe se reinventa.

Em 1984, com coragem e fé, deixei tudo pra trás e vim tentar a vida em São Paulo. Cheguei sem nada, só com a força de vontade e os filhos pela mão. Trabalhei como doméstica, e foi aí que conheci Dona Iracema, uma mulher de coração bom, que me tratou com respeito e me ensinou tudo que sei.

Ela foi mais que patroa, foi uma professora da vida. Tive sorte de cair em boas mãos.

Com muito suor e luta, conquistei minha casa própria no Aguassai, em Cotia. Um cantinho só meu, onde pude criar meus filhos com dignidade. Hoje, moro no bairro do Portão, num apartamento que é meu refúgio. Meus filhos estão encaminhados: Luciana é empreendedora, cheia de garra, e Luiz é cabeleireiro, talentoso e dedicado. Tenho dois netos lindos, Gabriel e Tamires, que são a luz dos meus olhos.

Sou ativa, não paro quieta. Gosto de passear, de estar com gente, de sentir a vida pulsando. Faço academia todos os dias, cuido da minha saúde com carinho, porque aprendi que o corpo também precisa de atenção pra continuar firme.

Este ano resolvi voltar a estudar. Sim, aos 60 e poucos anos, tô na Escola Osny, aprendendo a ler e escrever com mais segurança. Vou pra aula todos os dias. O professor César tem sido um anjo, paciente, dedicado, sempre acreditando que a gente pode mais.

Hoje, olho pra trás e vejo que cada dor virou força. Agradeço a Deus pela minha família, pelos amigos, pelos bons encontros da vida. Sou feliz. Muito feliz. E se tem uma coisa que eu aprendi é que nunca é tarde pra recomeçar.

Azelita da Silva dos Santos



Maria Neide, Uma história de luta e saudade.

Meu nome é Maria Neide de Almeida, tenho 52 anos e sou baiana de Poções, terra quente, cheia de história e coração bom. Sou a irmã do Educasio, Edimilson, Edevani, Enivaldo e do Luciano uma turma animada. Cresci na roça, lá na fazenda, no meio do mato, do barro, da plantação. Desde pequena, pegava no pesado plantando feijão, mandioca, milho. Vida dura, mas cheia de simplicidade e alegria.

Mesmo com tanto trabalho, a gente sempre dava um jeitinho de brincar. Ah, como era bom brincar de ciranda, pula corda, passa anel e esconde-esconde.

Aqui em São Paulo, tempos depois, conheci o Claudinho – meu grande amor. A gente se dava tão bem, conversava muito, ríamos juntos... ele era meu companheiro de vida. A gente se entendia no olhar. Mas em 2020, a COVID chegou e levou muita coisa, inclusive ele. Nós dois pegamos a doença. Claudinho ficou 25 dias internado, e infelizmente faleceu. E o mais triste, eu também estava internada e não pude nem me despedir. Foi uma dor que não tem tamanho. Chorei tanto, me revoltei, perguntei tanto a Deus o motivo de tanto sofrimento. No começo, não aceitava. Mas hoje guardo

com carinho as lembranças lindas que vivemos juntos. Ele vai estar sempre comigo.

Hoje sigo em frente. Trabalho como merendeira numa escola da prefeitura. Amo o que faço! Cozinho com amor, com sabor, como se fosse pros meus netos. E sabe o que me deixa feliz de verdade? Ouvir as crianças dizendo: "Tia, sua comida tá uma delícia!" Não tem pagamento melhor.

Tenho dois filhos maravilhosos e cinco netos que são minha paixão. Minha vida gira em torno deles. Amo demais essa família que construí com tanto esforço.

Depois de tudo o que passei, resolvi me dar um presente: voltei a estudar. Coisa que não pude fazer antes. Hoje, cada letra que eu aprendo é uma vitória. Me sinto viva, capaz, e muito orgulhosa da mulher que sou.

Sou Maria Neide. Sou força, sou saudade, sou amor, sou superação. E sigo sonhando, aprendendo e agradecendo a Deus por cada passo dado.

Maria Neide Rosa de Almeida

Caminhos de Aelson

Meu nome é Aelson Silva e moro na rua Carmem Miranda, em Cotia. Já faz mais de trinta anos que construo minha vida aqui. Minha história se desenhou com muito trabalho, fé e esperança de que nunca me abandonaram.

Sou pai de cinco filhos, meus maiores orgulhos: Adriano, Edmilson, Karina, Ronaldo e Carolina. Com o tempo, minha família cresceu ainda mais, e hoje tenho netos que iluminam minha caminhada: Beatriz, Geovana, Ana Clara, Laura, Riana e Rone. Eles são a razão da minha fé e das minhas forças para continuar seguindo em frente.

Desde pequeno aprendi a importância do trabalho e da perseverança. Foi através dessas experiências que cresci e aprendi que, mesmo diante das dificuldades, é preciso acreditar. Descobri também que a educação é o maior tesouro que alguém pode ter: ela abre portas, mostra caminhos, fortalece sonhos e nos dá condições de crescer.

Por isso, hoje estou de volta aos estudos. Frequento a escola com motivação, coragem e decisão, porque acredito que nunca é tarde para aprender. Para mim, a educação é a chave

da transformação e é através dela que sigo firme, acreditando em dias melhores para mim e para todos que amo.

Aelson Silva

Minha História de Fé e Coragem

Meu nome é Itamar dos S. Cardoso. Já passei por muitos sofrimentos na vida, dores tão grandes que achei que não iria resistir. Houve um momento em que fui dado como morto, mas Deus e o amor da minha família me trouxeram de volta. Com o tempo, descobri que mesmo nas lutas a vida pode ter alegria. Hoje me sinto feliz, porque tenho uma família abençoada e uma esposa que me dá muito amor.

Um dos maiores sonhos que realizei foi voltar a estudar. Para mim, é uma vitória muito especial. Ganhei professores que são presentes de Deus, como a professora Geni, sempre tão dedicada, e amigos como o César, que me dão força nessa caminhada.

O que mais me marcou em toda essa história foi a fé e a coragem da minha mãe. Ela nunca desistiu de acreditar em mim, mesmo quando parecia que eu não voltaria. Foi o amor dela que me sustentou e me mostrou que a fé vence até a morte.

Essa é a minha história. Uma história de dor, mas também de coragem, fé e superação.

Itamar dos Santos Cardoso

O Sonho de Maria Cícera

Eu sou Maria Cícera Silvino dos Santos, nasci em Brejo Santo, no sertão do Ceará.

Sou mãe de três filhos – Geneci, Joaneci e Júnior – e tenho duas netinhas que enchem minha vida de alegria. Ao meu lado, caminho com Marconi, meu companheiro de amor e carinho.

Já morei em São Paulo e em Piedade. Hoje, em Cotia, há seis anos, retomei um sonho guardado desde a infância: aprender a ler.

Cada palavra descoberta é uma vitória, cada frase é um passo adiante.

Para mim, a leitura não é só um desejo, é uma conquista.

E eu sigo com fé e coragem, porque acredito que nunca é tarde para aprender.

Maria Cícera Silvino dos Santos

Minha História

Meu nome é Marlene e nasci na Bahia, terra que guardo com muito carinho no coração. Desde cedo aprendi a ter coragem e paixão para enfrentar a vida. Quando vim para São Paulo, enfrentei muitas lutas, mas nunca pensei em desistir, porque sei que a vida sempre chama a gente a seguir em frente.

Sou mãe de onze filhos, minhas riquezas. Quatro deles moram comigo e, no nosso lar, compartilhamos amor e companheirismo. Às vezes me chamam de “nervosa”, mas eu sei que isso vem da minha força de mãe, que não mede esforços para cuidar e proteger.

Sempre trabalhei muito, na luta diária, sustentando a casa com esperança. No coração, carrego fé, e nos olhos, a vontade de vencer. Mesmo depois de tantas batalhas, decidi voltar a estudar. Hoje, com brilho e emoção, vivo o sonho de aprender a ler.

Não tive essa oportunidade quando era menina, mas agora escrevo minha própria história. Descobri que a vida sempre pode nos dar novas asas, e é isso que busco: paz, aprendizado e a certeza de que nunca é tarde para realizar um sonho.

Marlene Lopes de Oliveira

Minha História

Eu me chamo Mauriza, tenho 47 anos e sou mãe de três filhos, que são o meu maior tesouro. Amo a minha família com todo o meu coração.

Nasci na Bahia, mas quando tinha apenas 17 anos vim para São Paulo, trazendo comigo muitos sonhos e lembranças da minha terra natal. Até hoje sinto saudade das brincadeiras, dos amigos, das histórias que ouvia, do nadar no rio, do pular corda e do andar de bicicleta.

Aqui em São Paulo trabalhei em casa de família e, depois, dediquei-me a cuidar do meu lar, sempre com coragem e dedicação.

Hoje sigo firme nos estudos, porque acredito que através do saber vou conquistar meus objetivos e viver um futuro melhor.

Mauriza F. Trindade Rodrigues

O Despertar do Homem

Antes, a vida era a labuta e a bola, um mundo só meu, sem rumo ou escola. Em nada eu me via, faltava direção, até o dia em que encontrei o coração.

Conheci Amélia, e o chão se moveu, O irresponsável para trás se perdeu. Nasceu um homem, o dono do lar, Aprendeu o peso e a arte de amar. Mas a força maior, o toque final, Veio com o filho, amor sem igual. Por ela e por ele, a luta se fez, para que a esposa sinta orgulho, uma e outra vez.

A Lição do Lar

A casa que construí, suor e oração, não foi fácil, mas veio da união. A mão da esposa, a força no olhar, ajudando em tudo, a nos edificar. Hoje, olho e agradeço a Deus, meu senhor, Pela casa conquistada, pelo imenso valor.

E o estudo, a luz que a mente acendeu, Veio dos filhos, o dever que me deu. Quero ajudar nas lições, sem desânimo ou medo, se a fraqueza vier, eles são meu segredo. Estudar é crescer, falar e entender, O que se diz, o que se pensa, o que a vida quer ter.

O Sossego e a Verdade

A vida é feita de erros e acertos também, subir e cair para ser mais de alguém. No aprender contínuo, a alma se veste, fazendo de nós um bom ser que preste.

E quando a jornada acalma o fervor, há um lugar de paz, de doce calor. No sofá macio, a música me chama, A tela se acende, a série me trama. É ali que descanso, é ali que me refaço, olhando o momento, em paz e em meu espaço.

Paulo Donizeti Thimoteo



A Poesia da Jornada e da Raiz

O Salto para um Novo Sol

A minha mudança, o salto para o Brasil, trouxe o desafio, o passo gentil. Falar outro idioma, a voz se travar, Comida, cultura, o medo de errar. Mas aos poucos, na luta do dia, eu me adaptei, venci a agonia.

O Alento da Voz Antiga

Momentos marcantes, lembranças de amor, foi minha avó, a força e o valor. Com a voz que me disse, em cada cansaço: "Não desista, meu filho, avance no passo!" Meus sonhos na mira, sem nunca parar, se o mundo me cobra, preciso lutar.

O Preço do Tempo Perdido

Meu erro de outrora foi não estudar, deixando o futuro, sem poder sonhar. Mas a vida se move, o tempo não volta, E hoje eu me encontro na nova revolta: Estudando a trilha para a felicidade, resgato no agora a minha verdade.

A Herança na Mão

Conheço uma pedra, de geração em geração, um laço sagrado, a nossa união. Um nome de família, um forte alicerce, que o tempo não quebra, que nunca se esquece.

A Mensagem ao Passado

E se eu pudesse voltar ao que ficou, ao eu que no ontem de mim se afastou, diria a verdade, a simples canção: "Não há tempo perdido, mas sim decisão." Dizer que o estudo não tem um final, que nunca é tarde para ser mais, e ir além do normal.

Braulia Choque Chiquipa

A Poesia do Caminho e do Crescimento

O Salto da Infância e o Peso da Dor

Eu quis, eu sonhei, voar pelo mundo, buscar a alegria, em desejo profundo. Mas o sonho de criança, que a alma não esquece, se chocou com a dor, com a falta de prece: O dia mais triste foi a despedida, de um amigo de quatro patas, o amor em minha vida. Não tive quem soubesse o quanto o amei, A dor que senti, o quanto chorei.

A Lição do Passado

O preconceito machuca, nos cerca e nos prende, A gente faz casa e o mal se estende. O mundo não mede o que a gente sente, A maldade nos atinge, fria e de repente. Se eu pudesse dizer ao eu que fui, Eu diria: “Não corra, não fuja, conclua o que faz. Não deixe para trás, nem o que é pequeno, pois tudo o que fazemos, tem o seu veneno.”

O Sonho Maior e o Novo Rumo

Minha prioridade hoje: abraçar a verdade, A família, os amigos, em sinceridade. Deixar o passado, a mágoa e o rancor, E aprender a amar, com mais e mais ardor.

Meus avós me amaram, me deram à luz, E o estudo que busco, a alma conduz. Meus pais me mostraram, com todo carinho, que estudar e a jogar é o melhor caminho.

O sonho de outrora, o futebol, A bola na rede, a luz do farol. Mas hoje eu estudo, eu jogo também, E sonho por algo que a vida me tem.

Maikon de Paula

O Ser Renascido

O nascer dos filhos, a primeira luz, transformou meu ser, a nova cruz E o novo caminho. Quero ser melhor hoje, Mais do que fui ontem, que a alma se despoje.

Em minha vida, a base, o maior valor, foram meus avós, a essência do amor.

A Cicatriz e a Coragem

O grande desafio veio com a dor, aos nove anos, o susto, o pavor: Um acidente grave, o corpo em perigo. Três anos depois, cirurgia, castigo. Hoje estou aqui, na segunda chance, mas sigo a lição: um novo avanço. O erro de antes não posso repetir, É preciso a força para seguir e fluir.

A Conquista e o Aprender

A casa do tio, a chance de morar, Ali encontrei paz, pude respirar. Mas a vida segue, o destino me chama, é tempo de voar, de seguir a minha trama.

Eu sou diferente, um novo lugar, mudei com os erros, aprendi a amar. O que me move adiante, a força que resta, É realizar o sonho, cumprir a promessa.

O estudo que busco, a nova estrada, me fará um homem de alma cultivada. Serei mais sábio, mais cheio de voz, um ser educado, pensando em nós.

Denilson Claudino De Souza

O Voo da Qualidade

O Espelho e a Luta

Hoje me vejo, pessoa melhor, Resultado do esforço, sem qualquer temor. Um passo à frente, por causa da família, que me deu o chão, que me deu a trilha.

Minha maior alegria foi conquistar o novo, O que era difícil, o sonho que provo. Provar que sou capaz, a mim e a mais ninguém, mostrando que sou diferente, que vou além.

A Força e o Caminho

O grande desafio, a prova de fogo, foi enfrentar o trabalho, sem tempo nem jogo. Ficar forte e firme, encarar o que viesse, um dia de cada vez, para que a luta vencesse. Mas eu aprendi, e isso é um valor, que nunca é tarde para ser quem se é, com amor. Coragem na alma, o passo a seguir, O nosso querer é o que faz o futuro florir.

A Essência e a Direção

Minha inocência ainda me veste, me acalma, é a pureza que trago, a força da alma. Um toque de criança que não se perdeu, A essência que resta do tempo que ocorreu.

E se um amigo chama para o mau caminho, É preciso negar, andar sozinho. Pois quem é de verdade não te leva ao abismo, não te prende no erro, não te afoga no cinismo.

Adoro a criança que eu nunca fui de falar, mas hoje sou alguém que sabe se mostrar. Não sou igual a todos, e isso é um dom, quero ser diferente, com o meu próprio som.

O Estudo e a Alma

O estudo me eleva, a luz a guiar, abre cada porta, mostra onde chegar. Me torna melhor, mais cheio de qualidade, me dá o que preciso: sabedoria e facilidade. É a chave que mostra o valor que eu tenho, O tesouro que guardo, o meu melhor empenho.

Fernando Pereira Amorim

Determinada a vencer

Eu me chamo Maria José, sou de Pernambuco. Lá, não tive oportunidade de estudar, porque meus pais nos colocavam na escola, mas, poucos meses depois, precisávamos sair para morar em outro lugar. Por esse motivo, eu nunca conseguia terminar o ano letivo. Assim era nossa vida na roça — tudo muito difícil.

Mesmo assim, sempre tive vontade de estudar e concluir meus estudos. Anos depois, tive a oportunidade de voltar para a escola. Decidi me matricular e estou estudando. Tenho o sonho de terminar. Está sendo muito difícil, pois tenho bastante dificuldade para aprender, mas estou tentando e espero em Deus conseguir.

Decidi voltar a estudar para poder resolver minhas coisas sozinha, porque é muito ruim depender dos outros para isso. Espero um dia conseguir realizar meu grande objetivo.

Maria José da Silva Andrade

O incentivo que mudou minha vida

Eu me chamo Tatiane, nasci em São **Paulo**. Quando eu tinha seis meses, voltei para a Bahia, onde minha avó morava. Cresci em uma fazenda. Lá havia uma escola, era uma sala só com vários alunos de idades diferentes. Não me lembro até que série estudei lá.

Com quase doze anos, voltei para São Paulo. Minha mãe não havia trazido minha transferência escolar, mas mesmo assim consegui estudar. Comecei a cursar a segunda série e, quando passei para a quinta, aconteceu um contratempo com o marido da minha mãe, então fui morar com minha tia. Acabei saindo da escola aos quinze anos.

Quando completei dezesseis, comecei a trabalhar. Dormia no emprego e só vinha para casa nos fins de semana. Eu não tinha incentivo para voltar a estudar e, quando a gente sai da escola ainda nova, acaba perdendo a vontade de estudar. Logo em seguida me casei e tive meu primeiro filho.

Os anos foram passando, e hoje, com 41 anos, em uma conversa com meu marido, ele me disse que eu precisava voltar a estudar e fazer alguns cursos, pois era importante

terminar os estudos. Eu nunca tinha recebido esse tipo de incentivo antes, como tenho agora dele.

No começo, eu não gostava da ideia de voltar a estudar, porque é muito cansativo trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Mas, de tanto meu marido insistir e perguntar todos os dias se eu já havia feito a matrícula, acabei vindo. E é graças a ele que hoje estou aqui — e agora quero ir até o fim.

Tatiane Alves da Silva Cruz

Um novo nível da minha história

Meu nome é Tatiane Silva do Nascimento. Comecei a trabalhar muito cedo, por volta dos 13 anos, quando já era babá. Desde então, não pude mais frequentar as aulas.

Aos 16 anos, voltei para a sala de aula com o intuito de me formar e mudar de área, mas o esforço não teve sucesso, pois eu não conseguia conciliar o trabalho com os estudos. Nessa época, eu trabalhava na cidade de Salvador (BA).

Depois, mudei para São Paulo e fiz alguns cursos profissionalizantes, mas sempre mantive o desejo de terminar os estudos, pois, para certos empregos, áreas e cursos, é necessário ter o ensino médio completo.

Foi então que cheguei à conclusão de que não dá para passar de fase, como em um jogo, sem ter concluído o ensino fundamental e o médio — caso contrário, precisamos voltar ao início.

Por isso, estou aqui: para passar por esta fase e avançar para o próximo nível do jogo.

Porque o mundo é extraordinário, e eu pretendo explorá-lo. Boa sorte para nós, que estamos na mesma luta para mudar de vida e realizar nossos sonhos.

Tatiane Silva do Nascimento

Nunca é tarde para aprender

Me chamo Amezinda e vou contar um pouco da minha história.

Voltei a estudar porque, quando era criança, não tive oportunidade. Na zona rural onde morava, não havia professora. Existia apenas uma escola, muito longe de casa, e não havia vagas para toda a população. Quando chegávamos para fazer a matrícula, nunca encontrávamos vaga, e assim os anos foram passando.

Casei, vim morar em Cotia, tive três filhos e, depois que me separei do meu marido, precisei trabalhar para sustentar meus filhos sozinha, com muita dificuldade. Hoje estou aqui para contar um pouco da minha trajetória.

Amezinda Pereira Santos

Das raízes ao céu

Nasci onde o vento conversa com as folhas, no
coração do interior de Minas Gerais,
num sítio simples, cercado de verde e infância,
onde a pobreza era leve e o riso, demais.

Brincava com o tempo, sem pressa de ir, subia
em árvores até o último galho, balançando
com o vento, livre a sorrir, colhendo do chão
e do céu o trabalho.

Comia frutas, doce sustento,
fazia tijolinhos de barro e sonho,
boizinhos de chuchu, puro encantamento,
inventava mundos num canto risonho.

Na adolescência, o campo era festa,
futebol, queimada, voleibol e engenho —
caldo de cana correndo na seresta,
com irmãos e amigos, o riso sem freio. A
escola rural ensinava o saber,
da cidade, a força de andar —
cinco quilômetros de fé e querer,

o futuro nas mãos a se desenhar.
Sonhava ser secretária, professora também,
dois sonhos que o tempo fez florescer;
a menina do sítio, firme e além,
aprendeu que o querer é poder.
Com quinze anos, São Paulo me chamou,
cidade grande, onde o destino me esperava;
trilhei caminhos, o chão mudou,
mas a roça em mim nunca se calava.
Hoje sou mulher, mãe e abrigo,
com casa, carro, vida e coração;
um filho lindo, razão do meu riso,
fruto da fé, do amor, da paixão.
E quando o vento sopra ao entardecer,
aquela menina ainda vem me visitar —
sobe em árvores dentro do meu ser,
e sorri, lembrando de onde veio sonhar.

Professora
Rita de Cássia Mafra Paiva



QUALIDADE E INOVAÇÃO PARA O SEU PROJETO EDITORIAL.



Com parque gráfico de 7 mil m², tecnologia de ponta e capacidade para imprimir até **5 mil Bíblias por hora**, oferecemos soluções integradas para editoras e autores que valorizam qualidade, compromisso com prazos e acabamento de **alto padrão**.

FAÇA UM ORÇAMENTO E RECEBA ATENDIMENTO PERSONALIZADO
(11) 3789-4009 | WhatsApp: (11) 3789-4013
orcamento@paulus.com.br



*"Tu me ensinas, eu lembro.
Tu me dizes, eu esqueço.
Tu me envolves, eu aprendo."*

Benjamin Franklin

E no cativar dos dias, fomos
percorrendo os espaços ao longo
de 2025 com a EJA.

Em um aprendizado sem fim, nos
envolvemos profundamente.

Assim, surgin este livro — que
revela, em palavras, quem são os
sujeitos dessa modalidade tão
importante.

Que todos possam apreciar estas
páginas, seguindo as letras
compostas por histórias e
sentimentos.

Tânia Nogueira da Silva